

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

MARINA PEREIRA DA SILVA

FABRICANDO LEITORES NO ABC PAULISTA

Guarulhos

2016

MARINA PEREIRA DA SILVA

FABRICANDO LEITORES NO ABC PAULISTA

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra El Far

Guarulhos

2016

Silva, Marina Pereira da

Fabricando leitores no ABC Paulista / Marina Pereira da Silva. –
Guarulhos, 2016.

106 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016.

Orientador: Profa. Dra. Alessandra El Far

Making readers in ABC Paulista

1.Antropologia 2.Leitura 3.Trabalho 4.Biblioteca

MARINA PEREIRA DA SILVA

FABRICANDO LEITORES NO ABC PAULISTA

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra El Far

Aprovada em 27 de outubro de 2016

Profa. Dra. Kimi Aparecida Tomizaki

Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Davisson Charles Cangassu de Souza

Universidade Federal de São Paulo

Para meus pais Claudio e Edna.

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos,

À minha orientadora Profa. Dra. Alessandra El Far, pela orientação na pesquisa e na vida. Por todo ensinamento apreendido nesta jornada.

Aos professores Kimi Tomizaki, Ana Lucia Teixeira, Alexander Hilsenbeck e Davisson Souza pelas valiosas contribuições.

À CAPES pelo apoio financeiro desta pesquisa.

Aos meus pais Edna e Claudio por acreditarem e concederem todo apoio e paciência neste período que retardou carinhos e que agora nos apresenta novos caminhos.

À Ligia e Felipe por tudo e, especialmente, por meu sobrinho Bernardo, que me trouxe tantos sorrisos nas horas mais solitárias.

Aos amigos Talita, Bruna, Priscila, Renan e Marina, que se fizeram presentes perante toda minha ausência.

Aos trabalhadores das empresas Volkswagen do Brasil, Legas Metal e Papaiz por aceitarem participar de minha pesquisa, acreditando em sua importância.

Aos amigos e companheiros de trabalho da Seção Circulante da Biblioteca Mário de Andrade. À Renata e Juliana pelos consentimentos necessários para a realização deste estudo.

Ao Rafael por cada linha cuidadosamente revisada e por cada linha escrita em minha vida. Muitas ainda virão.

“Perguntas de um operário letrado

Quem construiu a Tebas das sete portas?
Nos livros constam os nomes dos reis.
Os reis arrastaram os blocos de pedra?

E a Babilônia tantas vezes destruída
Quem a ergueu outras tantas?
Em que casas de Lima radiante de ouro
Moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros
Na noite em que ficou pronta a Muralha da China?
A grande Roma está cheia de arcos de triunfo.
Quem os levantou?
Sobre quem triunfaram os césares?
A decantada Bizâncio só tinha palácios
Para seus habitantes?
Mesmo na legendária Atlântida,
Na noite em que o mar a engoliu,
Os que se afogavam gritavam pelos seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Ele sozinho?
César bateu os gauleses.
Não tinha pelo menos um cozinheiro consigo?
Felipe de Espanha chorou quando sua Armada naufragou.
Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu além dele?
Uma vitória em cada página.
Quem cozinhava os banquetes da vitória?
Um grande homem a cada dez anos.
Quem pagava suas despesas?

Tantos relatos.
Tantas perguntas.”

- Bertold Brecht

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar os meandros da implementação de bibliotecas em fábricas no ABC Paulista. Os projetos Leitura nas Fábricas e Biblioteca Volkswagen criados em 2010 a partir da parceria entre empresários, sindicato e governo, ambicionavam modificar a vida cultural do operário e que essa mudança se irradiasse nos meios sociais aos quais os trabalhadores pertencem, sendo possível, talvez, neste processo, revolucionar a vida do operário e seu entorno. No decorrer da pesquisa, nota-se que a biblioteca representou para o operário um novo modo de acesso aos livros e permitiu que alguns trabalhadores descobrissem novas inclinações a partir da leitura. Porém, há de se levar em conta os diversos interesses e variáveis que concorrem entre os propositores de cada biblioteca, nota-se também os anseios de que a biblioteca atenda a outras expectativas, como o aumento da lucratividade do empresário, a agregação de novos funcionários junto ao sindicato e, em particular sob a perspectiva do governo, é uma estratégia para melhorar os índices de leitura na população brasileira.

Palavras-chave: Biblioteca. Leitura. Trabalhadores. Projetos de leitura.

ABSTRACT

This study aims to analyze the intricacies of implementing libraries in factories in the ABC Paulista. Projects Reading in factories and Volkswagen Library created in 2010 through a partnership between employers, unions and government aspired to change the cultural life of the workers and that this change is radiated in social media to which workers belong, if possible, perhaps this process, revolutionize the lives of the workers and their environment. In the course of research, we note that the library represented for the workers a new way of access to books and allowed some workers discover new slopes from reading. However, one should take into account the diverse interests and variables that compete with the proponents of each library, there is also the desires that the library meets other expectations, such as increased profitability of the entrepreneur, the addition of new employees with the union and in particular under the government's perspective, it is a strategy to improve the read rates in the Brazilian population.

Keywords: Library. Reading. Workers. Reading projects.

Lista de abreviaturas e siglas

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

CSE - Comissão Sindical Empresarial

CUT - Central Única dos Trabalhadores

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

DS - Diretores Sindicais DS

DSR – Descanso Semanal Remunerado

FATEC - Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo

FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

FNDE - Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

IBL - Instituto Brasil Leitor

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

INL - Instituto Nacional do Livro

MEC - Ministério da Educação

Minc - Ministério da Cultura

MOVA - Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos

PL - Pontos de Leitura

PMLLLB - Plano Municipal do Livro e da Leitura, Literatura e Biblioteca

PNLL - Plano Nacional do Livro e da Leitura

PT – Partido dos Trabalhadores

PV – Partido Verde

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SMABC - Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1: Os alicerces de uma biblioteca na fábrica	23
1.1 A base da leitura	23
1.2 Histórico Projeto Leitura nas Fábricas	24
1.3 Quebrando uma perna	33
1.4 Legas Metal	34
1.5 Papaiz	37
1.6 Biblioteca Volkswagen	40
Capítulo 2: Trabalhadores? Presente!	46
2.1 Quem são os leitores das fábricas?.....	46
2.2 Ler, leitura e leitor	48
2.3 Onde, quando?.....	56
2.4 O que leem os trabalhadores?.....	58
2.5 Não costumo ler, só a Bíblia... ..	63
2.6 O que a fábrica oferece.....	64
2.7 O que as bibliotecas emprestam para os trabalhadores?	65
2.8 Por que não ler?.....	73
Capítulo 3: ABC da biblioteca	76
3.1 A classe operária vai ao sindicato	76
3.2 A biblioteca vai à empresa	84
3.3 Tempos modernos	88
3.4 Leitura: modo de ler x modos de fazer.....	88
3.5 Com quantos objetivos se faz uma biblioteca?	92
Considerações Finais.....	97
Bibliografia	100
Anexo1	103
Anexo 2	104

Introdução

Em um tempo em que a leitura era reservada aos clérigos, que atuavam como mediadores do conhecimento para a comunidade, e sua prática era o apanágio de uma elite social, viveu o moleiro Menocchio, personagem da história medieval encontrada nos arquivos da Inquisição e apresentada a nós por Carlo Ginzburg em *O queijo e os vermes*. Este cidadão aprendeu a ler de maneira autodidata e fez da leitura da Bíblia um instrumento de conhecimento e questionamento. Visto pela Igreja como uma ameaça e um herege, Menocchio refutou o poder vigente e viu-se diversas vezes rente ao Tribunal de Inquisição. A busca pelo conhecimento e a contestação das questões que eram dadas como verdade universal levaram-no à condenação.

Dentro de seu contexto histórico e cultural, a leitura foi vista, muitas vezes, como sinônimo de perigo. Na concepção da filosofia estoica, o homem é guiado pela razão, a qual lhe fornece normas infalíveis de ação, constituintes do direito natural. Desse modo, atingir a razão é atingir os seus direitos. O moleiro Menocchio, a partir das suas práticas de leitura, marcadas pela autonomia e escolha própria, revelou-se um perigo para as classes dominantes. A leitura, ao moldar o conhecimento, tornou-se incômoda.

Um século depois, Miguel de Cervantes apresenta-nos seu personagem Dom Quixote, que, ao ter contato com os romances de cavalaria, iniciou sua jornada para vivenciar, desta vez como protagonista, as narrativas encontradas nos livros lidos. A descoberta da leitura fez com que o mundo que o cercava ganhasse um novo sentido e, com isso, novas perspectivas. A obra de Cervantes apresenta uma apropriação da literatura por um personagem literário. O recurso utilizado pelo autor demonstra a aquisição de conhecimento, mas, sobretudo, a liberdade e a possibilidade de vivenciar uma nova vida através da leitura.

A vida de Dom Quixote antecede a concepção da filosofia Iluminista do século XVIII, momento em que se inicia um olhar racionalista para a busca da sabedoria, com grande destaque para a leitura, vista como possibilidade para o desenvolvimento de reformas sociais através do conhecimento. O esclarecimento acreditava que a disseminação da leitura através "do livro fosse capaz de reformar a sociedade" (CERTEAU, 1998). Nesse viés, a leitura oferece liberdade, oferta que, segundo os iluministas, propicia mecanismos para o desenvolvimento de uma sociedade.

As leituras realizadas por Menocchio desafiaram a Inquisição, parecendo ameaçar as visões disseminadas pela Igreja. Tornando-se mais acessível, a leitura ganha a relevância de

uma prática cultural para pessoas até então excluídas da chamada “cultura letrada”. A utilização da leitura como forma de autonomia intelectual gradualmente ofereceu ao indivíduo alfabetizado informação, argumento e opiniões.

Ao mesmo tempo em que oferece autonomia intelectual ao indivíduo, a leitura reforça as diferenças sociais e culturais, resultantes de sua aquisição. Conforme demonstra o sociólogo e estudioso das práticas culturais, Philippe Coulangeon:

A legitimidade da leitura se construiu, sem dúvida alguma, em oposição ao surgimento da indústria do entretenimento audiovisual, mas também tem raízes nas propriedades da própria leitura, em especial por ser uma atividade essencialmente solitária, silenciosa, interiorizada, matriz de todos os aprendizados intelectuais e principal ferramenta da circulação de informações e ideias. E é esta a questão social da leitura: a aquisição de aptidões para realizá-la condiciona a maioria das desigualdades socioculturais (COULANGEON, 2014, p.58).

Visando solucionar essas “desigualdades socioculturais”, na segunda metade da década de 1950, a Inglaterra, pioneira na Revolução Industrial, inicia um novo processo educacional com seus operários. Em uma época em que a cultura letrada se restringia às grandes academias, surge um movimento formado por Richard Hoggart, Edward Palmer Thompson e Raymond Williams¹, intelectuais e membros do partido comunista, originários de regiões proletárias inglesas e que começam a pensar a cultura *na* sociedade e não somente restrita a algumas camadas sociais privilegiadas.

Esses autores saíam dos muros da academia e ministravam aulas nos bairros proletários ingleses. Priorizando as necessidades dos trabalhadores, a linguagem utilizada durante as aulas correspondia aos exemplos palpáveis do cotidiano dos alunos, diminuindo as diferenças existentes entre o universo intelectual e o universo do trabalho braçal e proporcionando, com isso, benefícios para as políticas públicas de educação. A produção literária resultante deste contato entre os intelectuais advindos do proletariado e a retomada de contato com esta classe, a fim de elevar os “requisitos e aptidões de leitura”, ficou conhecida como Estudos Culturais.

Segundo Cevasco (2008), o mérito e a importância dos Estudos Culturais estão em “localizar a tradição” de obras em autores que comumente eram estudados separadamente, focando as respostas que os intelectuais ingleses davam aos “processos de transformações

¹ Suas obras de maior destaque foram, respectivamente, *La cultura obrera en la sociedad de massas (The uses of literacy)*, *A formação da classe trabalhadora inglesa* e *Cultura e Sociedade*.

sociais, políticas e econômicas” pelas quais a sociedade está passando. A obra pretende desconstruir os “conceitos tradicionais e dicotômicos” entre a ‘alta’ cultura e sociedade.

A distinção dessas obras está no afastamento dos conceitos elitistas, presentes na academia intelectual e na sedimentação de um referencial teórico que compreendeu a cultura como a esfera do sentido que unifica os setores da produção e das relações pessoais e sociais.

A inserção da cultura letrada no cotidiano desses trabalhadores reitera a tentativa de diminuir as desigualdades socioculturais provocadas pelas ações das práticas culturais. Atualmente, no Brasil, ocorre um movimento semelhante que visa, a partir do investimento do Governo, incorporar a prática da leitura entre os operários de fábricas, conforme será demonstrado a seguir.

O investimento em leitura nas políticas públicas brasileiras

No Brasil, diversas foram as políticas públicas de fomento à leitura presentes nas agendas dos Governos Federais. A primeira, realizada em 1937, teve como pauta fundamental o acesso à informação, com o objetivo de incluir toda a população no universo da cultura letrada. Em meio ao Estado Novo, criou-se o Instituto Nacional do Livro (INL), primeiro órgão voltado ao estabelecimento de uma política para as bibliotecas públicas, visando a disseminação e o compartilhamento da informação nas comunidades (ROSA, 2014).

Porém, o INL foi alvo de críticas, sobretudo por financiar a produção de livros pelas editoras privadas e realizar a aquisição desses livros para as bibliotecas públicas. Outra questão axiomática é que somente a oferta de livros não garantiu a formação de práticas de leitura. Posteriormente, o Instituto investiu na distribuição de obras, desenvolvendo seus acervos. Outras políticas do setor surgiram na forma de lei mais específicas, a exemplo da Lei do Livro, proposta em 2003 pelo Senador José Sarney. Suas diretrizes gerais contemplavam a disseminação da leitura envolvendo toda a cadeia produtiva.

As políticas governamentais tiveram novos desdobramentos, acompanhando as necessidades das reformas sociais. Atualmente, existem projetos de disseminação da cultura letrada em diversos espaços, inclusive em locais inusitados para a prática da leitura, como parques, hospitais, presídios e indústrias. Este modelo de projeto começou a ser desenhado em 2006 pelo Ministério da Cultura (Minc) em parceria com o Ministério da Educação (MEC),

com o objetivo de disseminar a prática da leitura. O resultado desta parceria aconteceu em 2006 durante o Governo Lula e chamou-se Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), estruturado para cumprir o objetivo de transformar o “Brasil em um país de leitores” a partir de quatro eixos formadores:

Eixo 1 – Democratização do acesso (privilégio às bibliotecas de acesso público);

Eixo 2 – Fomento à leitura e à formação de mediadores (reconhecimento da necessidade de fomentadores que ajudem a formar novos leitores);

Eixo 3 – Valorização da leitura e da comunicação (trabalhar o livro como valor social e cultural e como bem público a se preservar como direito de cidadania);

Eixo 4 – Desenvolvimento da economia do livro (não separar a leitura de sua base material – o livro em seus vários suportes – e entender essa base como parte de uma economia da cultura que deve ser apoiada e defendida).

O documento-base do PNLL não delineia explicitamente que projetos ou ações específicas serão desenvolvidos em cada eixo, tampouco se firmam métricas de avaliação do alcance ou não dos objetivos. Sendo assim, torna-se difícil mensurar se as ações efetuadas a partir dos objetivos do PNLL, anos após seu lançamento, teriam alcançado resultados que, porventura, sinalizem um ganho social no campo dos direitos culturais da leitura.

Passados aproximadamente dez anos do início deste projeto, alguns efeitos do programa começam a surgir. Um deles é a criação embrionária de um Plano Municipal do Livro e da Leitura, Literatura e Biblioteca (PMLLLB), em que algumas cidades brasileiras já estão em vigor, com o objetivo de institucionalizar a disseminação da leitura. Porém, novamente, critica-se que o PNLL teria ao dar considerável investimento ao Eixo 4, privilegiado financeiramente as editoras.

Em consonância com o desejo de expandir a leitura na sociedade brasileira, transformando o Brasil em um país de leitores, em 2010, o governo municipal de Diadema, sob a gestão do prefeito Mário Reali (PT), iniciou uma série de investimentos de recursos em cultura, tendo como uma de suas orientações centrais “a busca permanente do aprofundamento das suas relações democráticas com o povo” (NOBRE; TAVARES, 2011, p.15). Com o objetivo de transformar Diadema em uma cidade de leitores, o prefeito, que também intentava a ser reconhecido pela alcunha de “Prefeito do livro”, atuou na promoção de seminários para discutir com a população qual tipo de biblioteca seria ideal para atender suas demandas e, neste debate democrático, desenharam-se estratégias para aproximar o livro

dos munícipes.

Diadema, um município com aproximadamente 400 mil habitantes, possui boa parte de sua renda advinda das atividades industriais, principalmente vinculadas à indústria automobilística². Com o objetivo de levar o livro, a leitura e a cultura para onde a população está, formou-se uma parceria entre o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (SMABC), a Prefeitura, o Ministério da Cultura e o empresariado. Esta associação resultou no projeto Leitura nas Fábricas, que visa inserir bibliotecas em fábricas, com a finalidade de, segundo a coordenadora do Projeto, Ana Nice Martins, incluir socialmente e “tornar o trabalhador ciente de seus direitos de cidadão através da leitura”³. O Projeto iniciado em Diadema foi disseminado para outros municípios do ABC Paulista, como São Bernardo do Campo, Rio Grande da Serra e Ribeirão Pires, cidades associadas ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

O projeto foi dividido em duas frentes: a primeira ficou incumbida de conseguir parceiros para o desenvolvimento das bibliotecas e a segunda, de contatar as empresas, agenciando lugares dentro das fábricas para receberem adequadamente o projeto. A Secretaria de Cultura do município, pertencente ao primeiro grupo, responsabilizou-se por entrar em contato com o Ministério da Cultura. A parceria com o Governo Federal foi possível devido ao primeiro eixo do PNLL, que diz respeito à democratização de acesso e à conquista de novos espaços de leitura, além da integração com o programa Mais Cultura, que apoia projetos que valorizam a disseminação da cultura na sociedade.

Ao mesmo tempo, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, juntamente com outros pequenos sindicatos, foi acionado para apresentar o projeto nas empresas do município e conseguir apoiadores. Foram, assim, inicialmente, contatadas pelos sindicatos as entidades que já possuíam uma base sindical atuante.

Num primeiro momento, o Ministério da Cultura, através da Biblioteca Nacional, concedeu dez bibliotecas, chamadas de Pontos de Leitura (PL). O *kit* do Ponto de Leitura é composto por prateleiras, tapetes, pufes, dois computadores com impressora e um acervo de 750 livros das mais variadas áreas do conhecimento.

Ao aceitar a instalação da biblioteca em suas dependências, o empresário responsabiliza-se pela manutenção e continuidade da biblioteca, além de arcar com seus

² Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=351380>> Acesso em 15/09/2016.

³ Informação fornecida por Ana Nice em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em abril de 2014.

custos estruturais, como acessibilidade, iluminação adequada, gastos com energia, material de escritório e limpeza. Para o funcionamento do PL, exige-se que, no mínimo, dois funcionários da empresa cuidem da biblioteca, atuando como mediadores culturais responsáveis por indicar e emprestar os livros. Também devem organizar o acervo durante seu horário de trabalho, sendo o expediente da biblioteca negociável com o gestor da empresa. Para formar os mediadores, a Secretaria de Cultura desenvolveu um curso de capacitação dividido em dois módulos, sendo o primeiro sobre noções básicas de organização e manutenção de acervo e o segundo módulo abrange a mediação de leitura.

Durante os seis anos de projeto (de 2010 a 2016), foram instalados 34 Pontos de Leitura na região do ABC Paulista e um em Salvador, na Bahia, em uma empresa filial. Porém, nem todas as empresas deram continuidade ao projeto Leitura nas Fábricas, sendo que algumas desenvolveram novos projetos a partir das bibliotecas existentes. Para dar continuidade aos esforços e tornar factível a execução do empreendimento, foi apresentado e aprovado em 2010 um Projeto de Lei Municipal em Diadema de incentivo à leitura nas fábricas. No entanto, atualmente, não há previsão de abertura de novos Pontos de Leitura, talvez por conta da mudança da administração pública do município, hoje nas mãos de Lauro Michels Sobrinho (PV). O fato de um dos parceiros do projeto não participar, coloca em risco toda sua atuação, conforme dito pelo Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos:

o projeto foi pensado e estruturado tendo como base essa parceria ampla entre Ministério da Cultura, Prefeitura de Diadema, Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e empresários. A falta de qualquer um desses parceiros inviabilizaria ou dificultaria a sua concretização (TAVARES; NOBRE, 2011, p.22).

Desta forma, o programa Leitura nas Fábricas funciona somente nas empresas citadas anteriormente, de acordo com o interesse de cada gestor que aceitou alocar uma biblioteca para seus funcionários. Em 2011, foi lançado o livro *Leitura nas Fábricas* (2011), organizado por Sergio Nobre e Julio Tavares, que em 2010 atuavam como Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e Diretor de Cultura da Prefeitura de Diadema, respectivamente. O livro apresenta relatos de alguns personagens atuantes na criação e desenvolvimento do Projeto Leitura nas Fábricas.

O modelo inicial dos Pontos de Leitura auxiliou no desenvolvimento de outro modelo de biblioteca em São Bernardo do Campo. A empresa automobilística Volkswagen do Brasil construiu dentro do extenso complexo da unidade Anchieta uma Fundação com objetivos sociais variados. Trata-se de um departamento gerido pelos próprios executivos da montadora,

com finalidades educacionais⁴, tanto para seus operários, quanto para a comunidade, em grande parte voltadas para a melhoria da educação da população de baixa renda. O programa envolve o planejamento e a construção de escolas públicas, o aperfeiçoamento de professores, atividades de recuperação para alunos com problemas de aprendizagem, a formação artística e a instrução de mediadores culturais para atuar na escola e nas comunidades.

Porém, o projeto que queremos destacar é realizado dentro dos muros da fábrica e intenta atingir os funcionários e seus familiares: a Biblioteca Volkswagen, inaugurada em 2008 na unidade de São Bernardo do Campo. Na realidade, o espaço no qual foi instalada a biblioteca preexiste em relação ao projeto⁵. Tratava-se de um local de leitura, com o diferencial de ser dirigido aos alunos do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), escola técnica que funciona dentro da empresa, e seu acervo, composto por livros técnicos, apostilas e manuais, com atendimento voltado para alunos, professores e funcionários que desejassem se atualizar. Em 2008, a Fundação interessou-se em ampliar o acervo e a funcionalidade da biblioteca, na tentativa de atender os demais funcionários e, para isso, contratou o Instituto Brasil Leitor (IBL), formado pelo Governo Federal em parceria com o MinC (Ministério da Cultura) e que tem como objetivo afinar “um relacionamento íntimo e constante com toda a iniciativa privada (grandes, médias e pequenas empresas) e com pessoas físicas, instituições oficiais e internacionais”⁶. O “relacionamento íntimo” com a Volkswagen transformou a biblioteca técnica em uma biblioteca múltipla, que recebe um acervo de livros de todas as áreas e de periódicos, na intenção de atingir outro objetivo da parceria entre IBL e Volkswagen, a possibilidade de “(...) criar as bases da nova sociedade da informação entre os marginalizados do novo *apartheid*, o da informação, fonte primária desta nova barbárie”⁷.

Na reforma deste espaço anteriormente voltado ao SENAI, muito foi feito, segundo o responsável pela biblioteca da Volkswagen. O IBL realizou estudos para montar uma biblioteca de acordo com o ambiente: a cor das paredes, a disposição do mobiliário, a iluminação natural e a sequência dos livros no acervo. Cada detalhe foi minuciosamente analisado. Para além da parte física, o projeto contou com a consultoria de dois especialistas, que acompanharam o andamento, a frequência e as preferências dos usuários para a composição do acervo.

⁴Conforme descrito no site da empresa: “Missão: Promover e realizar ações que contribuam para a melhoria da qualidade da educação pública e que fomentem o desenvolvimento social de comunidades de baixa renda”. Disponível em: <<http://www.vwbr.com.br/fundacaoovw/novo>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

⁵Atualmente as unidades da montadora de Taubaté (SP) e São José dos Pinhais (PR) também foram contempladas com as bibliotecas.

⁶Informação disponível em: <<http://www.brasilleitor.org.br/quem-somos/objetivos/>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

⁷*Idem*.

Atualmente, a biblioteca aloca aproximadamente 6000 títulos, divididos nas áreas de ciências humanas (filosofia, ciências sociais, história); literatura nacional e estrangeira, com destaque para os *best-sellers*. Estão cadastrados 3200 usuários⁸, sendo permitido a cada funcionário o empréstimo de um livro por vez. O número de usuários é considerado alto, visto que a fábrica tem uma grande área de extensão e os funcionários só podem visitá-la durante o almoço ou nos horários de folga, fazendo com que alguns trabalhadores caminhem de locais distantes para retirar livros ou realizar a leitura de jornais. A distância entre alguns setores e a biblioteca também altera a forma como o trabalhador irá usufruir do espaço e como escolherá seus livros.

A biblioteca projetada pelo IBL contratou uma bibliotecária em 2008, que realiza periodicamente os cursos do próprio Instituto para se atualizar. As indicações de leitura para os funcionários seguem os livros mais emprestados, estabelecendo relação entre escolhas anteriores e futuras, mediadas pela bibliotecária. Além disso, ela realiza, em conjunto com a Fundação Volkswagen, atividades de incentivo à leitura, como concursos literários que premiam funcionários com passeios aos demais projetos financiados pela Fundação. O último levou um operário, autor de um conto realista, para a Bienal do Livro de São Paulo.

Como muitos funcionários da fábrica trabalham em período integral, a biblioteca da Volkswagen acaba sendo o único espaço de leitura frequentado por eles. As três bibliotecas municipais de São Bernardo do Campo ficam longe da montadora e, embora próximas das principais vias de acesso do município, seu horário de funcionamento reduzido inviabiliza que os funcionários as frequentem. Talvez por esta razão, exista a premissa de que o acervo disponível na fábrica atinja também a família do funcionário, ao disponibilizar para empréstimo materiais didáticos e livros infantis e infanto-juvenis.

Na história, o ato de ler foi visto muitas vezes como algo emancipador, podendo representar aos mais conservadores uma ameaça às ideias vigentes, cujo resultado pode ser julgado como ameaça ao governo e suas práticas. Porém, nos processos de inserção de trabalhadores a esta prática cultural, o governo está presente a todo o momento. Nesse sentido, mesmo buscando ampliar os horizontes do trabalhador, o acervo, bem como os interesses aplicados nos projetos de leitura de operários fabris do ABC Paulista, estiveram desde o princípio em consonância com as escolhas e perspectivas de agentes do Governo

⁸ De acordo com os dados fornecidos pelo setor administrativo, a Volkswagen do Brasil - Unidade Anchieta, possui aproximadamente 16 mil funcionários.

Federal.

Se utilizarmos o caso inglês como exemplo, a qualificação de um trabalhador dentro da própria empresa aparentemente possui alguns resultados possíveis. O primeiro é o aprimoramento do funcionário para que este consiga trabalhar habilmente em um maquinário específico. Outra possibilidade é de que o trabalhador desenvolva recursos intelectuais para adquirir novas habilidades e utilizá-las dentro da própria empresa, ou ainda, pleitear novas oportunidades de emprego. Para as probabilidades apresentadas, o aperfeiçoamento do componente intelectual do trabalhador está em plena ascensão a partir da leitura. O incentivo à leitura dentro dessas fábricas pode não estar conscientemente ligado a este tipo de política, porém, nenhum desses caminhos pode ser descartado *a priori*.

A leitura operária como objeto de estudo

No fundo, esse grupo de ativistas sindicais compreendeu, nesse período, que para mudar as condições de vida e trabalho em que grande parte dos trabalhadores viviam na região bem como no Brasil, seria necessário um amplo movimento capaz de pensar o mundo do trabalho, a sociedade e a política. Esses foram os anos de afirmação e construção de uma identidade coletiva das classes trabalhadoras, anos de afirmação de identidade. Época em que, diante da intransigência patronal, o confronto era o único caminho para se chegar à negociação. (MARTINS; RODRIGUES. Apresentação. In TOMIZAKI, *Ser metalúrgico no ABC*, 2007, p.18).

Para refletir sobre a cultura no meio operário do ABC Paulista, é necessário resgatar a memória de uma categoria que possui uma história de luta e reivindicação. Estudar a oferta de cultura para esses trabalhadores, que parte da aliança entre sindicato e patrões, é um instigante campo de estudo. E ainda, suscita questões: a) como de que modo a intransigência patronal frente à conquista dos direitos dos trabalhadores reverteu-se numa tentativa de oferecer um tipo de cultura para seus funcionários?; b) a que ponto o sindicato, principal alvo de desavenças políticas nos anos 1970, transformou-se, ao longo dos anos, a ponto de propor alianças diretas com os empresários; e, por fim, c) Ao compreender a leitura como uma prática solitária, instalar uma biblioteca na fábrica, para que os trabalhadores a utilizem majoritariamente nos períodos de descanso, provavelmente os motivará a realizar suas leituras de modo introspectivo com pouco contato com seus companheiros. Seria essa uma estratégia de fragmentação da classe operária?

O operário do ABC Paulista possui uma importante diferenciação histórica, que está

vinculada à sua marcante luta para melhores condições de trabalho e salarial ocorrida no final da década de 1970. Como dito no prefácio do livro da socióloga Kimi Tomizaki, “trata-se de uma pesquisa realizada numa região e com os trabalhadores de uma categoria que se tornaram o símbolo da luta e das conquistas da classe trabalhadora a partir dos anos 70” (MARTINS; RODRIGUES *In* TOMIZAKI, 2007, p.17). Esse marco reflete nas ações atuais do Sindicato em ser o proponente de um projeto incipiente que pode levar à resistência operária.

Paradoxalmente, nos últimos anos, o Brasil passa por um acentuado período de crise econômica que afeta diretamente o setor automotivo⁹. No momento desta pesquisa, os gestores das fábricas realizam rodízios com os funcionários das linhas de montagem com o objetivo de estancar a produção e diminuir o número de automóveis parados nos pátios das montadoras, ao mesmo tempo em que bibliotecas são ali instaladas.

A prática da leitura exige o desenvolvimento do intelecto de cada indivíduo. O trabalho mecanizado e alienante realizado pelos operários fabris, ao longo do tempo, tende a minar as possibilidades de desenvolvimento da capacidade intelectual dos trabalhadores. A realização da leitura por trabalhadores braçais, acostumados com longas jornadas de trabalho em que são empregados esforços repetitivos, pode atuar como uma forma de *marketing* para a fábrica, para o governo e para o sindicato, mas também pode levar consigo o conhecimento, a formação intelectual e, talvez, a emancipação. A instalação de bibliotecas em fábricas pode, também, proporcionar o contato com as atividades intelectuais, alijadas deste indivíduo durante suas atividades de trabalho. Sendo assim, a ideia de esclarecimento através da leitura é abraçada pelas políticas governamentais no Brasil e no exterior como característica de governos progressistas, que ensejam, a sua maneira, desenvolver a criticidade e a intelectualidade na população.

Note-se que, na mesma época em que os precursores dos estudos culturais na Inglaterra foram às fábricas, no Brasil os trabalhadores ainda necessitavam ser alfabetizados, logo, a inserção de uma biblioteca dentro de uma fábrica seria inimaginável. Atualmente, investir na leitura dentro da fábrica pressupõe uma contribuição à alfabetização dos trabalhadores, ainda que, segundo relatos de uma das treinadoras do projeto Leitura nas Fábricas, “ao implantar a biblioteca na fábrica, muitos trabalhadores parecem notar sua

⁹ De acordo com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), no início de 2015 o nível de emprego da indústria paulista caiu 4,89% no ano passado, com 128,5 mil demissões. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/Noticia/1127085/fiesp-nivel-de-emprego-na-industria-paulista-cai-4-89-em-2014>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

ignorância, e com isso afastam-se do espaço. A dificuldade de compreensão da leitura é muito alta para os trabalhadores, e esse é o primeiro ponto a trabalhar”¹⁰.

A terceira edição da pesquisa Retratos da leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2015, revelou que a prática da leitura é um hábito pouco comum entre os brasileiros, praticado em grande parte como uma atividade de lazer, embora seja compreendida pela maioria dos entrevistados como uma fonte de conhecimento para a vida. Esta prática está, contudo, segregada em regiões brasileiras com maior desenvolvimento econômico, com destaque para a região Sudeste, e possui um maior número de leitores nas classes B e C. É importante ressaltar que a pesquisa não difere as plataformas de leitura, ou seja, o leitor pode ler jornais, revistas, textos eletrônicos e livros, visto que, conforme definido anteriormente, a leitura seria uma prática cultural de aquisição de conhecimento, assim, toda e qualquer forma de leitura é capaz de transmitir informações e alargar seus conhecimentos. Dentro deste contexto, qual seria o padrão de leitura a ser indicado ao trabalhador?

Passados seis anos desde o início das bibliotecas nas fábricas, poucas delas ainda resistem ao tempo e alteração do governo municipal. A falta de incentivo, a plena dependência em relação ao dono da empresa e a falta de apoio governamental são alguns dos obstáculos que as bibliotecas enfrentam¹¹.

Diante de todo o apresentado, três bibliotecas foram selecionadas para o desenvolvimento desta pesquisa. O critério de escolha baseou-se no modelo de instalação, desenvolvimento e permanência do espaço de leitura para os trabalhadores.

A empresa de cadeados e fechaduras *Papaiz*, localizada em Diadema, recebeu o projeto em outubro de 2010 e atualmente, devido ao influente incentivo da proprietária, agregou cerca de 4000 novos títulos ao seu acervo, além de oferecer computadores com *internet* aos trabalhadores e também atividades culturais. No mesmo município, a metalúrgica Legas Metal inaugurou seu Ponto de Leitura em agosto de 2010 e segue o mesmo molde implantado desde sua estreia. A terceira empresa é a automobilística Volkswagen, única empresa alocada em São Bernardo do Campo, que incorporou a ideia oferecida pelo sindicato, transformando-a em melhorias a partir de sua biblioteca já existente. Cada um desses espaços de leitura foi visitado, a fim de interagir com a comunidade de leitores em formação.

¹⁰Informação fornecida por Sandra Ferezin em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em abril de 2015.

¹¹No primeiro semestre de 2016 o Ministério da Cultura foi dissolvido por cinco dias, neste período duas das bibliotecas estudadas nesta pesquisa necessitaram de suporte de informática e não havia a quem recorrer.

Quarenta e dois operários foram entrevistados durante os dois anos de pesquisa. Selecionados dentro dos Pontos de Leitura enquanto utilizavam o espaço ou indicados por funcionários da biblioteca. Eles responderam a um questionário padrão (Anexo 1), formulado para responder as inquietações iniciais desta pesquisa. A partir do convívio nas bibliotecas, das conversas e das observações, novas questões foram agregadas para contemplar novas indagações que surgiram após o início da pesquisa. A pedido das empresas, as transcrições dessas entrevistas não identificam o funcionário em questão.

Em todas as fábricas estudadas nesta pesquisa, foram entrevistados funcionários do corpo administrativo ou gerencial. Escolhidos em razão de sua posição como gestores dos espaços de leitura e pela capacidade de responder sobre a perspectiva dos responsáveis pela implementação do projeto em cada empresa, estes funcionários foram os responsáveis por fazer minha apresentação e acolhimento dentro de cada empresa.

O funcionamento das bibliotecas após seis anos de projeto em cada empresa estudada, os leitores formados e em formação e as relações construídas entre os trabalhadores com o espaço de leitura foram o ponto de partida desta pesquisa.

Este estudo tem por objetivo analisar alguns aspectos da prática da leitura em um ambiente que não é voltado para esta finalidade, de acordo com o programa de política pública de leitura desenvolvido pelo Ministério da Cultura, previsto no quinto eixo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). Mais precisamente, esta pesquisa busca compreender a relação do trabalhador braçal com a oferta de um novo espaço que permite o acesso aos livros dentro de seu ambiente de trabalho.

Isto posto, nesta pesquisa procuro demonstrar que:

- 1) A fábrica apresenta condições favoráveis para a manutenção do projeto de leitura para seus empregados, quando existe alguém influente que invista em sua existência;
- 2) O projeto de leitura para operários atende a interesses específicos, muitas vezes conflitantes, entre cada membro responsável por sua implementação;
- 3) A possibilidade de diferentes escolhas de livros e leituras entre funcionários com diferentes graus de escolaridade;
- 4) O espaço de leitura pode ser um novo local de sociabilização entre funcionários, sendo o livro um dos elementos responsáveis pela

interlocução entre diferentes setores dentro da empresa.

Esta pesquisa é composta por diferentes fases. Em primeiro lugar, apresentei neste texto introdutório os projetos de leitura desenvolvidos nos últimos dez anos para desenvolver o hábito da leitura no meio operário do ABC Paulista. Com isso intentei apresentar o modelo ideal de cada projeto, cujos desdobramentos serão expostos adiante.

Percebeu-se em campo, que a ideia principal que permeia o pensamento dos articuladores de ambos os projetos é a “expansão do conhecimento dos trabalhadores”. Sendo assim, o primeiro capítulo, **Os alicerces de uma biblioteca na fábrica**, dedica-se a apresentação das bibliotecas sob a perspectiva daqueles que atuaram na criação e desenvolvimento de cada espaço de leitura.

Trabalhadores? Presente!, título do segundo capítulo dá voz aos operários que frequentam as bibliotecas nas fábricas. A partir das entrevistas, são apresentadas as leituras dos trabalhadores, divididas entre as motivações ao frequentar o espaço de leitura e os livros lidos, de acordo com cada trabalhador. Num segundo momento, é realizada a análise do acervo oferecido e dos títulos que aparecem nas listagens de empréstimos. A utilização do local pelos operários não leitores é retratada, a fim de demonstrar os possíveis usos da biblioteca na fábrica.

O terceiro e último capítulo, **ABC da biblioteca**, concentra as diferentes visões sobre a leitura iniciada na fábrica, de acordo com os principais executores do projeto, cotejando os objetivos específicos para cada um e a realidade apresentada após anos de funcionamento de projeto.

Capítulo 1

Os alicerces de uma biblioteca na fábrica

Apresentação

Este capítulo tem como objetivo explorar a instalação dos projetos Leitura nas Fábricas e Biblioteca Volkswagen. Apresentam-se o parâmetro das ideias previstas, desde o protótipo do projeto até a sua execução, e também seu atual funcionamento. Este cenário será demonstrado através das empresas selecionadas para a participação nesta pesquisa.

1.1 A base da leitura

Numa sociedade predominantemente letrada, que luta para reduzir as taxas de analfabetismo que a cercam, existe uma alta valorização da leitura (MARTINS, 2003). Em nosso cotidiano, as mais simples tarefas necessitam do conhecimento em desvendar os códigos da palavra escrita. Ler um rótulo, uma bula de remédio, o destino do ônibus, o jornal... para todas essas atividades é imprescindível a decodificação e significação dos códigos da escrita. Regina Zilberman acredita que “a leitura e o ato de ler supõem a inserção em um contexto após a mediação da escola, do ensino e da aprendizagem” (ZILBERMAN, 2012, p.52). Deste modo, a alfabetização pela via escolar é o primeiro passo para o letramento dos sujeitos. Ainda, para a autora, a leitura é uma prática excludente, que evidencia ao sujeito não letrado o seu não pertencimento ao universo da cultura letrada e, em última instância de importantes esferas da vida social, política, econômica e cultural.

Nesse sentido, deparamo-nos com a emergência de políticas que visam a garantia do acesso à cultura letrada, que procuram conferir ao indivíduo “a liberdade de se engajar” em novas atividades e por meio delas desenvolver laços de identidade com “comunidades culturais de sua escolha” e, possivelmente, alcançando uma maior consciência dos seus direitos humanos e sociais (YUDICE, 2004).

Assim, a intenção de olhar as políticas públicas de leitura, partindo-se de suas proposições de ampliação de base de acesso e de criação de bens culturais para todos, apoia-

se, sobretudo, em uma perspectiva democrática de participação plena do indivíduo na esfera pública (HABERMAS, 2003). O termo *inclusão*, nesse âmbito, torna-se fundamental a todos os desenvolvimentistas dos programas de leitura. Na visão do pedagogo Paulo Freire (2003), ler é pertencer a um grupo de pessoas que fazem desta experiência uma forma de ver o mundo.

Segundo o diretor da seção Livro, Leitura e Literatura do Ministério da Cultura, Fabiano Piúba, “um país se faz com uma nação de leitores capazes de compreender seus problemas, desafios, soluções e alternativas para a construção de um país justo, sustentável e democrático.” (NOBRE; TAVARES, 2011, p.32). Cidadania através da leitura é o objetivo dos projetos Leitura nas Fábricas e Biblioteca Volkswagen, segundo seus criadores. Com isso, procuro apresentar, a partir das análises das entrevistas realizadas com os idealizadores e atuais gestores de cada projeto, de que modo a inclusão da leitura foi estruturada para salvaguardar o direito à cultura de cada cidadão-trabalhador fabril.

Como vimos na apresentação dos projetos no introito desta dissertação, é notória a semelhança na estrutura dos projetos para que eles possam existir. Segundo Nobre e Tavares (2011), o projeto Leitura nas Fábricas necessita de “parceiros fundamentais”: a prefeitura, o sindicato, os empresários e o Ministério da Cultura (MinC). A Biblioteca Volkswagen sustenta-se a partir da aliança entre a Fundação Volkswagen, o Instituto Brasil Leitor e o Governo Federal, através da Lei Rouanet. Os eixos anteriormente elencados serão a estrutura fundamental para a construção deste capítulo.

1.2 Histórico Projeto Leitura nas Fábricas

No ano de 2009, o arquiteto Mário Reali, iniciou seu mandato como prefeito, pelo Partido dos Trabalhadores, da cidade de Diadema. Durante sua gestão, executou projetos com foco na alfabetização, como o programa Mais Educação¹² e o projeto Leitura nas Fábricas, cujo objetivo era a disseminação da leitura nas indústrias do município. Dedicou-se a ser reconhecido sob o epíteto de 'Prefeito do Livro', em homenagem às políticas públicas de leitura que apoiou durante sua gestão. Sua meta de governo, segundo o diretor de Cultura de

¹² De acordo com informações presentes em sua página eletrônica, *Mais Educação* é um programa que objetiva "a promoção dos direitos humanos, dos direitos da infância e da juventude, da inclusão social e do desenvolvimento sustentável através de práticas conjuntas à sociedade civil". Disponível em: <<http://www.andi.org.br/sobre-a-andi>> Acesso em: 02abr.2015.

Diadema, Júlio Tavares, era a “busca permanente do aprofundamento das suas relações democráticas com o povo” (NOBRE; TAVARES, 2011, p.15).

Como desdobramento do programa Mais Educação, Reali promoveu seminários, através da Secretaria de Cultura, com o propósito de discutir criticamente propostas e estratégias para aproximar a leitura dos munícipes. Resultante destes seminários sobressaiu o plano de aproximar os livros da população, tendo como modelo a biblioteca de Santiago do Chile, considerada uma experiência democrática em que a população se apropriou do espaço físico para reuniões comunitárias, ressignificando o espaço antes reservado somente aos livros. De acordo com a diretora da Divisão de Bibliotecas de Diadema, Eliana Marques, o seminário serviu para trazer ao município as Usinas de Cultura, com a finalidade de “levar o livro e a cultura para todos os recantos da cidade, de se trabalhar mais ampla e profundamente com as comunidades populares” (NOBRE; TAVARES, 2011, p.38).

Sendo o ABC Paulista uma região altamente industrializada, que abriga as maiores montadoras de veículos do país e uma ampla cadeia metal-mecânica para atender a esse polo, compreende-se que uma quantidade expressiva de seus habitantes trabalhe em fábricas. De acordo com Julio Tavares, diretor de cultura de Diadema, o projeto Leitura nas Fábricas surgiu “da necessidade de possibilitar maior acesso ao livro e à leitura aos trabalhadores e suas famílias e de ampliar a capilaridade da leitura no município de Diadema” (NOBRE; TAVARES, 2011, p.8). Desse modo, segundo Tavares, a fábrica é um local privilegiado para que o livro e a leitura sejam inseridos na vida do trabalhador e de sua família e, por fim, de uma quantidade expressiva de munícipes.

O município de Diadema, pioneiro em desenvolver políticas públicas para o fomento à leitura nas fábricas, também foi o primeiro a eleger um prefeito petista em todo o Brasil. Gilson Mendes, uma das lideranças da greve de 1978, foi escolhido para representar uma cidade cuja população era composta majoritariamente por trabalhadores fabris no ano de 1983, fato que pode denotar um expressivo valor simbólico relativo ao investimento na cultura dos trabalhadores, durante a gestão de Reali, prefeito do mesmo partido. Ainda em 2010, o projeto espalhou-se para São Bernardo do Campo, município que era gerido por Luis Marinho (PT).

A convergência do partido também acontece na ordem federal, visto que

este projeto surgiu quando Lula ocupava a presidência da República, e que, através do MinC, impulsionou fortemente políticas sociais para melhorar a vida dos muitos milhões de trabalhadores e camadas populares do nosso país, entre elas a política do livro, leitura e literatura. (NOBRE; TAVARES, 2011, p.13).

No segundo mandato da gestão do ex-operário e Presidente Luis Inácio Lula da Silva, foram definidas perspectivas para que se movimentassem a cadeia do livro e da leitura na sociedade. Para isso, foi desenvolvido o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), originário de um pacto federativo firmado entre os estados, município e sociedade civil (MARQUES, Eliana *in* NOBRE; TAVARES, 2011).

No intento de formar novos leitores no território nacional, transformando-o num país referencial, modificado pela leitura e embasado no *slogan* “Brasil, um país de leitores”, o governo federal fomentou projetos consonantes a esses interesses, como é o caso de Leitura nas Fábricas.

Com isso, o Ministério da Cultura, ao ser procurado pela Prefeitura de Diadema, viabilizou a execução do projeto, oferecendo Pontos de Leitura, ou seja, um modelo de biblioteca criado pelo MinC, anterior ao projeto Leitura nas Fábricas, e utilizado nos espaços destinados a atender o quarto eixo (Democratização do acesso), previsto pelo PNLL, que visa a conquista de novos espaços de leitura. Os Pontos de Leitura são pequenas bibliotecas com prateleiras e pufes e um acervo de 750 livros escolhidos pela Fundação Biblioteca Nacional. Esse acervo é composto por enciclopédias, dicionários, atlas, obras de literatura nacional e estrangeira, literatura infantil e infanto-juvenil, filosofia, sociologia, história, meio ambiente e história em quadrinhos.

Tavares (2011), acreditando que “assumir este projeto significa colocar como uma das suas metas o livro e a leitura como um direito social dos trabalhadores”, propôs ao Sindicato o papel de articulação com as empresas para que os trabalhadores fossem efetivamente atingidos. A potencialmente conflituosa relação entre empresas e sindicato não se esboçou, contudo, na trajetória para o alcance, segundo Sergio Nobre (2011), de um interesse em comum.

Os anos de relação entre sindicalistas e empresários e o grau hoje alcançado de organização e amadurecimento sindical e político por parte dos sindicalistas foram alguns fatores que levaram vários empresários a se interessar pelo projeto, considerando a demanda de trabalhadores mais qualificados em suas empresas. As fábricas, com isso, são beneficiadas e cumprem sua função social, ao mesmo tempo em que divulgam os seus nomes, inclusive em nível nacional (NOBRE; TAVARES, 2011, p.19).

Porém, de acordo com a entrevista de Sandra Ferezin, bibliotecária do município de São Bernardo do Campo e membro da coordenadoria do projeto, alguns empresários temeram

a inserção do Sindicato na fábrica através da biblioteca:

pode acontecer o receio do Sindicato entrar na empresa. Eu mesma ouvi as pessoas perguntando isso e expliquei que era somente um ponto de leitura, de cultura, que não tinha nenhuma relação exclusiva com o Sindicato. E não é realmente. O Sindicato só vai e faz a articulação¹³.

Todavia, conforme manifestado pelo diretor do Sindicato, o desejo comum de “levar o livro e a leitura para dentro das fábricas, para os trabalhadores” (NOBRE, 2011, p.15) foi o que facilitou o acordo com os gestores. Além disso, o Sindicato privilegia a articulação em empresas que possuem uma Comissão Sindical Empresarial (CSE). Trata-se de trabalhadores ativamente vinculados às atividades sindicais e, por isso, intermediários no contato com a empresa. Nas empresas que não possuem uma comissão sindical, as negociações são tratadas diretamente com o setor administrativo.

Posterior à articulação e à cooptação das empresas para a viabilização do projeto através do Sindicato, inicia-se o trabalho da Secretaria de Cultura do município. De acordo com a diretora sindical Ana Nice, a divisão do trabalho entre o Sindicato e a Prefeitura funciona do seguinte modo:

o Sindicato abre as portas por meio de diálogo com a empresa, convencendo a empresa sobre a importância de instalar o Ponto de Leitura na fábrica, e a Secretaria de Cultura da cidade dá o suporte com a experiência de catalogar, montar a biblioteca, orientar e formar os agentes de leitura¹⁴.

Após a “abertura das portas”, o Sindicato entra em contato com a Secretaria de Cultura para dar continuidade a sua ação. A Prefeitura de Diadema estabeleceu uma comitiva formada por bibliotecários pertencentes às bibliotecas municipais para desenvolver um grupo de trabalho, responsável pela instalação e montagem da biblioteca, capacitação dos funcionários, acompanhamento dos Pontos de Leitura em suas atividades e solução de possíveis problemas. Para além destas funções, coube a este grupo propagar o projeto nas demais Secretarias de Cultura de municípios também adeptos, conforme relato de uma das bibliotecárias de São Bernardo do Campo:

daí vamos nós, uma equipe da Secretaria de Cultura, da Divisão de Bibliotecas Públicas, que foi capacitada por Diadema, pela Prefeitura de Diadema. O que nós fazemos: entramos em contato com a empresa, passamos a listagem do material que precisa e, depois disso, vamos lá e montamos. E, por fim, capacitamos os funcionários¹⁵.

¹³Informação fornecida por Sandra Ferezin em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em abril de 2015.

¹⁴Informação fornecida por Ana Nice em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em março de 2015.

¹⁵Informação fornecida por Sandra Ferezin em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em abril de

A capacitação citada na fala da bibliotecária é o diferencial no projeto Leitura nas Fábricas, pois permite a inserção do trabalhador nas atividades da biblioteca tal como um agente de leitura ou mediador cultural, em que se objetiva, de acordo com um dos apoiadores do projeto, “estimular o ato da leitura junto aos demais trabalhadores” (TAVARES, 2011 *in*: NOBRE; TAVARES, 2011, p.19). O jornal *Tribuna Metalúrgica* apresenta a interpretação do CSE da empresa IGP sobre o desempenho esperado de um agente cultural:

nossa tarefa será atender os companheiros que farão uso do espaço, promover atividades para atrair e despertar o interesse pessoal pela leitura (Uniferco entra no mundo das letras. *Tribuna Metalúrgica*. ed.2872, ago/2010).

Os funcionários que atuam como agentes de leitura são, em geral, indicados pela própria empresa. Segundo a diretora sindical Ana Nice, algumas empresas escolhem os próprios CSE, que já participaram da articulação com a fábrica, pois eles possuem maior flexibilidade no horário. Outras empresas encaminham funcionários que se voluntariaram para a função de mediador.

Como o ato de ler e, por consequência, sua mediação, nem sempre foi presente no cotidiano desses trabalhadores, a Secretaria de Cultura desenvolveu, junto à Secretaria de Educação, um curso de mediação de leitura. O curso divide-se em dois módulos. O primeiro, denominado “Organização de biblioteca”, busca apresentar os conceitos básicos relacionados ao tema, abordando principalmente os aspectos de classificação do acervo por área de conhecimento e a rotina de apropriação da informação. O segundo, “Mediação de leitura”, visa oferecer ferramentas básicas para despertar o potencial leitor através de vivências em situações práticas de leitura, dando subsídios para a atuação dos agentes de leitura.

As apostilas do curso foram desenvolvidas pela Secretaria de Cultura de Diadema de acordo com as necessidades que deveriam ser trabalhadas com os operários da região. Porém, ao levar o projeto para São Bernardo do Campo, verificou-se uma discrepante diferença no perfil do trabalhador. Sandra, coordenadora do curso de capacitação de São Bernardo do Campo, afirma que

Diadema tem um perfil, é um tipo de adulto e são tipos de empresa diferentes. São Bernardo tem um perfil de empresas maiores, o funcionário também tem o perfil diferente. Não é melhor nem pior. É outro perfil. E a gente viu isso na prática. [...] Em Diadema, cheguei a ir em algumas inaugurações a convite das colegas bibliotecárias. São pequenas empresas e até cooperativas. Diadema montou Pontos

de Leitura em cooperativas também, e algumas não deram certo. Então, é um outro perfil de escolaridade, social, de salário também... é um conjunto¹⁶.

Essa “diferença de perfil do trabalhador” talvez seja resultante da diferença no perfil de empresas que cada cidade aloca. Diadema foi distrito de São Bernardo do Campo, emancipando-se no final da década de 1950. No processo de industrialização e, conseqüentemente, urbanização da região do Grande ABC, as grandes montadoras de automóveis alocaram-se principalmente em São Bernardo do Campo, devido à facilidade do escoamento de sua mercadoria com a construção das grandes rodovias. Nos demais municípios pertencentes à região, foram construídas fábricas que buscavam atender as demandas das grandes empresas.

Contudo, sempre houve uma relação de dependência entre as cidades. Atualmente, em São Bernardo do Campo estão as maiores montadoras automotivas do país. As fábricas que funcionam em Diadema produzem peças que são vendidas para as grandes montadoras. Desse modo, o tipo de qualificação dos funcionários das empresas de cada cidade altera-se de acordo com o trabalho realizado.

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), divulgados através do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE)¹⁷, a quantidade de alunos matriculados em cursos tecnológicos em Diadema é superior ao número de alunos matriculados em faculdades na região. Ao comparar os mesmos dados referentes ao município de São Bernardo do Campo, nota-se o aumento de alunos matriculados no Ensino Superior, é possível aferir que a diferenciação escolar surge historicamente resultante da demanda do setor industrial. As fábricas de cada cidade atendem a demandas diferentes, enquanto em São Bernardo concentram-se as grandes montadoras com tecnologia avançada, em Diadema encontram-se as empresas fornecedoras de peças responsáveis pelo fornecimento às automobilísticas, gerando uma sutil diferenciação de especialização entre os trabalhadores de cada região.

Necessário acrescentar que nas duas maiores empresas analisadas neste estudo, são oferecidos locais para o aprimoramento constante do trabalhador. Na Volkswagen existe uma unidade do Centro de Formação Profissional (SENAI) em que são oferecidos cursos técnicos

¹⁶ Informação fornecida por Sandra Ferezin em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em abril de 2015.

¹⁷ Informação disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=351380&idtema=117&search=sao-paulo|diadema|ensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>> Acesso em: 06 mar.2016.

no mesmo setor em que está instalada a biblioteca. A Papaiz, em Diadema, divide seu terreno com um dos campus da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC). Durante as entrevistas com os funcionários da empresa de chaves, não encontrei nenhum aluno ou ex-aluno desta faculdade.

Não por acaso, entre os módulos aplicados aos trabalhadores, o que mais despertou interesse foi a mediação de leitura, pois exige maior participação do indivíduo.

Na capacitação, o primeiro módulo eles acham enfadonho, pois é técnico. No segundo, fazemos várias atividades com eles, em que eles são ativos e adoram. E é nesse momento que você enxerga o potencial deles. Eles se soltam. Acho importante trabalhar com isso, quando damos condições para aquela pessoa que passa o dia na prensa e pode ir lá e se descobrir. Essa parte que me deixa mais encantada. Acho impressionante como eles são criativos¹⁸.

Durante os encontros de mediação de leitura, propõem-se atividades em que o operário possa participar de forma ativa da mediação de leitura, “experenciando” uma forma de aprendizagem diferenciada, a exemplo das experiências declaradas por Maria Lucineide, coordenadora executiva do projeto *Leitura nas Fábricas*:

[...] buscamos chamar a atenção sobre os sentidos que utilizamos para ler. Para isso, utilizamos uma instalação com objetos relacionais que remetem à leitura, contendo frases de grandes escritores misturadas às balinhas; poemas em garrafas; frases em provador de perfume, junto a vidros de perfumes; e poemas em porta-retratos, possibilitando assim a ampliação da leitura de um texto através das sensações e de associações a histórias vividas. (GUIMARÃES; MARQUES *In*: NOBRE; TAVARES, 2011, p.43).

Ao término do curso de capacitação, realiza-se uma avaliação com os recém-formados agentes de leitura, em que devem ser explanados os pontos do curso que mais os atraíram e sugeridas medidas para o sucesso da biblioteca que irão gerir. Entre as respostas, é consensual o desejo de futuras trocas de experiências entre os agentes, para que eles possam compartilhar ações e práticas a serem desenvolvidas, além da importância dada à sua nova função de mediador de leitura.

Dentre todas parcerias conquistadas para que as bibliotecas continuem a existir, a única que permanece ativa após a inauguração do Ponto de Leitura na fábrica é a Secretaria de Cultura, que se responsabiliza por realizar visitas regulares às bibliotecas. Nestes encontros, buscam solucionar problemas e estimular novas formas de mediação de leitura entre os operários.

¹⁸ Informação fornecida por Sandra Ferezin em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em abril de 2015.

O que nós da Prefeitura podemos ajudar? Fazemos algumas visitas de supervisão, verificamos se há dificuldades de realizar atividades culturais, mediações e, se tiver, nós orientamos... pois para tudo isso os mediadores foram treinados. Porque não é uma biblioteca morta, o Ponto de Leitura é um ponto de atividades. E tem que envolver o funcionário. Se não fizer isso, morre. Se o mediador não mediar, é um espaço morto¹⁹.

Após instalada e inaugurada, a empresa responsabiliza-se pela biblioteca. Dessa maneira, o empresário pode optar por desenvolver ou alterar o projeto inicial. Esse é o caso da empresa Rassini, localizada em São Bernardo do Campo. Seu Ponto de Leitura foi inaugurado com êxito e incorporado ao já existente Projeto Aprender, que consiste em “aulas de informática, inglês e espanhol, além de uma biblioteca e acesso à Internet para cerca de 60 jovens, filhos de colaboradores e moradores da comunidade local”²⁰. No entanto, a empresa terceirizou a gestão do Projeto Aprender e, conseqüentemente, da biblioteca para uma escola de idiomas. No desenvolvimento desta nova forma de biblioteca, incorporou-se novos livros, em sua grande maioria, de idiomas para atender a demanda dos estudantes do curso.

Alguns problemas podem emergir após a empresa assumir a administração da biblioteca, dentre eles destaco os mais impactantes para a continuação de seu funcionamento, como o não investimento na aquisição dos livros e nas ferramentas administrativas (compra de material de escritório, manutenção do espaço em que a biblioteca está alocada) e, sobretudo, a retirada sem substituição do trabalhador que atuava como mediador. Em algumas empresas, o Ponto de Leitura funciona somente quando o único funcionário responsável pela biblioteca é autorizado a abrir o espaço. Ao entrar de férias ou quando solicitam sua presença no setor onde trabalha, a biblioteca fecha.

Para ilustrar essa situação, temos a empresa IGP, em Diadema, primeira a receber um Ponto de Leitura em suas dependências, em 2010. Quando visitado, após quatro anos de sua instalação, observou-se um espaço fechado e abandonado. Em entrevista, o administrador da empresa, Nilson Rigoletto, explicou que o principal motivo do recesso da biblioteca "seria o afastamento do funcionário"²¹, em maio do mesmo ano. No entanto, sabe-se que o operário responsável pela biblioteca recebeu férias coletivas, assim como outros funcionários, imposta pela empresa, decorrente da baixa produção. Nesse caso, a biblioteca da empresa continuará fechada pelo mesmo período do afastamento do funcionário.

¹⁹ Informação fornecida por Sandra Ferezin em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em abril de 2015.

²⁰ Informação disponível em: < <http://www.rassini-nhk.com.br/a-empresa/acoes-sociais> > Acesso em: 20 abr. 2015.

²¹ Informação fornecida por Nilson Rigoletto em entrevista etnográfica, em Diadema, em junho de 2014.

Esse fato contradiz a visão de Julio Tavares, diretor de cultura de Diadema, ao acreditar que "para alcançar a posição de quinta economia mundial, é necessário o investimento em uma forte política educacional e cultural", sendo o livro e a leitura "essenciais nesse caminhar" (NOBRE, TAVARES, 2011, p.11). No entanto, como foi demonstrado anteriormente, em momentos de crise, os primeiros a serem afetados são exatamente o *livro e a leitura*.

Outra objeção existente em relação ao projeto é a possibilidade de que este possa atrapalhar os trabalhadores, causando distrações e, contra este argumento, Sergio Nobre defende:

em cada local onde é instalado, o Ponto de Leitura deve ter uma ligação com a internet para que o trabalho seja facilitado, desenvolvido, ampliado. O ideal é que as empresas coloquem alguns computadores, de acordo com o número de funcionários, para lhes permitir acesso à internet. E isso não significa, de forma alguma, como diria um nordestino como eu, "atrapalhar" o tempo de trabalho. Significará, sim, a empresa contribuir para que seus funcionários tenham recursos mais modernos de comunicação, de leitura, de educação e de informação a seu dispor (NOBRE; TAVARES, 2011, p.12).

Ainda, de acordo com o autor, os computadores disponíveis no Ponto de Leitura seriam "uma importante ferramenta" para "auxiliar o trabalhador" em pesquisas sobre assuntos específicos e "aproximá-los dos livros" (NOBRE; TAVARES, 2011). Algumas bibliotecas apresentam um espaço que oferece acesso a *internet* para os funcionários. No entanto, os computadores não são cedidos pelo projeto, a própria empresa deve arcar com os custos do maquinário, além da disponibilização de um bom sinal de *internet*, tendo em vista que deverá ser compartilhada com os demais computadores do ambiente. Dentre as empresas visitadas que fazem parte do projeto, somente uma tem condições de oferecer este serviço a seus funcionários.

A partir desses fatos, foram desenvolvidas algumas estratégias para que seja garantida a continuidade e expansão do projeto. Entre elas está a criação da Lei Municipal de Incentivo à Leitura nas Fábricas, aprovada pela Câmara Municipal de Diadema em maio de 2010. De acordo com Nobre e Tavares (2011), a lei teria a função de "assegurar a institucionalização, a legalidade da concretização do projeto, para evitar que um possível novo governo municipal o deixasse cair no esquecimento" (NOBRE; TAVARES, 2011, p.21).

Porém, nem mesmo essa lei conseguiu assegurar que a atual prefeitura de Diadema desse continuidade ao projeto Leitura nas Fábricas. E isso se reflete nos demais municípios, que também não conseguiram instalar novos pontos. Desse modo, uma das bases de

sustentação foi rompida e, para que o projeto continue funcionando, seria necessário desenvolver novas estratégias.

1.3 Quebrando uma perna

Desde a inauguração do primeiro Ponto de Leitura na IGP, em agosto de 2010, até o ano da conclusão desta dissertação, o projeto Leitura nas Fábricas trilhou distintas trajetórias, nem sempre em consonância com seus ideais iniciais. Em apenas dois anos de funcionamento, o futuro das bibliotecas nas fábricas começou, em função de mudanças no cenário político, a ficar incerto.

No ano de 2012, o Partido Verde (PV) venceu as eleições municipais de Diadema. Lauro Michels rompeu os trinta anos consecutivos da gestão petista no município. No ano seguinte, percebe-se os primeiros reflexos da troca de gestão para o departamento cultural da cidade. No interior da Secretaria de Cultura, a associação constituída por bibliotecários de São Bernardo do Campo e de Diadema, que tinha como função o acompanhamento das bibliotecas nas fábricas, foi dissolvida. Conforme relata Sandra Ferezin, uma das integrantes deste corpo,

depois que mudou a administração de Diadema, parou o projeto. Eles tentaram continuar via Sindicato, mas a Prefeitura não aceitou. É um projeto político? É. Tem a parte política. Tem. É bom você ficar sabendo, porque envolve toda uma articulação política e uma articulação com a empresa²².

Desse modo, as bibliotecas dentro das fábricas começaram a depender exclusivamente da vontade e interesse dos empresários e donos das fábricas:

envolve toda uma articulação política e uma articulação com a empresa. Porque tem que ter essa mediação: Sindicato, Ministério da Cultura e Prefeitura. Com todo mundo junto, funciona. Como a Prefeitura de Diadema mudou de administração, mudou a política. Então, o Sindicato tentou tocar o projeto, não conseguiu e, então, parou²³.

Nos anos de 2014 a 2016, em que esta pesquisa vem sendo realizada, pude acompanhar os trajetos dos leitores e das bibliotecas nas fábricas. Na atual conjuntura, funcionam ativamente em toda região do ABC Paulista, vinte Pontos de Leitura. Poucos são

²² Informação fornecida por Sandra Ferezin em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em abril de 2015.

²³ *Idem*.

os que existem da mesma forma como foram projetados, como é o caso, por exemplo, da empresa Papaiz, que, além de ter instalado um Ponto em sua filial na Bahia, aumentou vertiginosamente o acervo e o espaço dedicado ao empréstimo e à leitura de livros. Porém, nem todas as bibliotecas têm esse destino. Há de se levar em consideração que os espaços que não recebem o incentivo estagnam. Ao questionar um dos trabalhadores formados pelo curso de mediação cultural sobre qual a situação atual da biblioteca em sua fábrica, a resposta que obtive foi uma tímida risada e a palavra “estacionou”²⁴.

Em decorrência da falta de suporte para que o projeto continue funcionando, várias bibliotecas foram fechadas. Motivados pela ausência de fiscalização do projeto, os empresários realocaram seus funcionários dentro da empresa, priorizando a produção e o lucro em detrimento do espaço de leitura.

Neste cenário, destacam-se duas empresas e suas bibliotecas pela permanência dos objetivos propostos inicialmente pelo projeto Leitura nas Fábricas. São elas: Papaiz e Legas Metal. E, como veremos adiante, suas especificidades, ironicamente, tornam-as bibliotecas exemplares neste projeto mesmo sem que o projeto continue propriamente existindo.

1.4 Legas Metal

Em meados de 2010, quando o projeto Leitura nas Fábricas já tramitava pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, foi exposta a ideia da implementação de biblioteca nas fábricas em uma reunião de rotina com os membros do Sindicato, Valdez Amorim, operador de máquinas da Legas Metal e membro do CSE, animou-se com a concepção e levou a proposta para seu coordenador. Após a explanação do funcionamento do projeto, a empresa aceitou a biblioteca e cedeu o espaço para a realização da empreitada.

Dois funcionários participaram do curso de capacitação de mediação de leitura oferecido pela Secretaria de Cultura. Durante o curso, Valdez destacou-se como mediador cultural e foi convidado pelos membros da Secretaria de Cultura para participar como capacitador de novas turmas de mediadores.

A empresa Legas Metal, responsável pela produção de componentes metálicos de empresas automotivas e construção civil, localizada no bairro Serraria, em Diadema,

²⁴ Informação fornecida por funcionário da empresa IGP em entrevista etnográfica, em Diadema, em julho de 2014.

desempenhava outros projetos culturais com funcionários e com a comunidade antes da biblioteca ser inaugurada. O espaço cedido para a instalação do Ponto de Leitura setorizou dentro da fábrica um local destinado às atividades não convencionais da empresa. Em uma sala que não estava sendo utilizada e de fácil acesso para quem está cumprindo sua jornada de

Figura 1 - Biblioteca Legas Metal



(Fonte: Produção da autora)

trabalho, foi montado o *kit* do Ministério da Cultura, com livros, pufes e computador.

O Ponto de Leitura tem acesso direto pela rua para que a comunidade também possa participar das atividades oferecidas na fábrica e possa utilizar a biblioteca, se necessário. Ao adentrar pelo portão externo, encontra-se uma saleta com quatro prateleiras de livros, classificados por assunto e algumas revistas semanais. Próximo aos livros estão a mesa de atendimento e um computador, destinado ao agente de leitura. Na sala conjugada com a biblioteca realizam-se

atividades variadas, como aulas de judô, música, *yoga*. Durante as visitas à fábrica, tive a oportunidade de ver este espaço sendo utilizado pela comunidade, com aulas de dança para crianças, e pelos trabalhadores, que realizavam leituras nos colchonetes de proteção utilizados durante as aulas de judô.

Quando inaugurada a biblioteca, Valdez cumpria seu segundo mandato como representante sindical e, neste período, foi possível dedicar-se totalmente ao projeto. O acompanhamento e a frequência das leituras de seus companheiros são exercidos com proximidade:

um funcionário lá no pé da máquina, pegava um livro, passava duas semanas e não vinha. Daí eu dizia ‘Ô companheiro, você nunca mais foi pegar um livro, chegou um livro legal lá...’. Quando o cara começa a ler um livro, uma literatura que ele gosta, por exemplo, o cara gosta de romance, chegou um livro de romance, daí você fala com o outro ‘Ó, chegou um livro assim... o que você acha?’, ‘Ah, eu vou pegar lá...’. Às vezes nem vinha, a gente já levava na máquina²⁵.

As estratégias de indicação de livros também funcionavam como uma aproximação dos funcionários com a biblioteca e, por consequência, com o Sindicato. A posição de CSE do mediador cultural possibilitou que a biblioteca da Legas Metal ganhasse destaque dentro da empresa e aumentasse seus frequentadores:

²⁵ Informação fornecida por Valdez Dias em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

pra mim, a relação como sindicalista, facilitou pra caramba chegar nesses trabalhadores, porque eles começaram a me olhar de outra maneira. Através do Ponto de Leitura se aproximou mais. Foi uma coisa rápida, com poucos meses do Ponto de Leitura aqui já notava a diferença²⁶.

Campanhas de doação de livros, saraus, debates e exibição de curtas foram algumas das estratégias desenvolvidas para a captação de novos leitores na Legas Metal. Além do gosto pela leitura, muitos trabalhadores possuíam em comum o Sindicato, fatores que favoreceram a divulgação manutenção e permanência do Ponto de Leitura.

Vista como “a menina dos olhos”²⁷ dos administradores da fábrica, a biblioteca virou uma propaganda da própria empresa. Sua administração está, atualmente, a cargo somente de Valdez, que recebe o auxílio de outra funcionária, também membro do Comitê Sindical, nos dias em que precisa se ausentar da empresa. Registrado como operador de máquinas, o funcionário não exerce ativamente esta função desde que assumiu a biblioteca. Seu tempo no trabalho é dedicado a cuidar do acervo e a cumprir a agenda do Sindicato, em que desenvolve diversas atividades como diretor do conselho sindical. Diferentemente do que aconteceu em outras empresas, em que funcionários tiveram que voltar para a fábrica ocasionando, em alguns casos, o fechamento do Ponto de Leitura, a empresa Legas Metal não demonstra empecilhos para a liberação de um funcionário para atuar na biblioteca, de acordo com o próprio agente de leitura:

a empresa valoriza muito esse projeto, é muito difícil solicitarem que eu volte para a linha. Aqui tem uma prioridade para manter tudo funcionando. Nunca ficaram em cima e dizendo que tinha que priorizar a produção²⁸.

A biblioteca é vista como um cartão de visita dentre os programas sociais realizados pela empresa. Mesmo assim, o investimento nesse setor não acontece de forma plena. O desenvolvimento do acervo depende exclusivamente de doações dos funcionários, ou ainda, de um projeto paralelo em parceria com o SESI (Serviço Social da Indústria), em que um caixote de livros circula entre as indústrias da região e os títulos são trocados sazonalmente.

A troca de chefes refletiu diretamente nas atividades da biblioteca. A falta de troca de experiências entre os demais mediadores presentes em outras empresas e a ausência de uma equipe que acompanhe o andamento da biblioteca fizeram com que a biblioteca passasse a funcionar sem expressividade.

Foi a queda mesmo do número de retiradas, o pessoal ficou mais distante. É só o fato das pessoas da prefeitura tá aqui na biblioteca nos eventos, as pessoas se

²⁶*Idem.*

²⁷*Idem.*

²⁸*Idem.*

animavam... era bom. Sem contar as trocas da experiência dos encontros²⁹.

Ainda que a Legas Metal realize atividades culturais, a exemplo de um concurso de arte no natal, que premia o vencedor com um vale compras de R\$150, sua biblioteca funciona, atualmente, com aproximadamente 1000 títulos e aproximadamente 70 usuários, sem realizar atividades significativas para despertar o interesse de novos leitores. Sua principal fonte de divulgação acontece verbalmente entre os próprios trabalhadores.

De modo geral, a biblioteca permanece funcionando exatamente como o proposto o projeto Leitura nas Fábricas. No entanto, não ocorreram significativas mudanças do ponto de partida, o que nos faz questionar até onde a fábrica garantirá a existência e conservação do Ponto de Leitura.

1.5 Papaiz

A empresa de chaves e cadeados Papaiz, localizada em Diadema, inaugurou o Ponto de Leitura em setembro de 2010 e foi a única empresa que levou o projeto Leitura nas Fábricas até Camaçari (BA).

O bom andamento desta biblioteca e a expansão para outros locais deveram-se ao fato de uma das herdeiras Papaiz ter abraçado o projeto, acreditando na importância da leitura para os trabalhadores de sua empresa, e também à participação ativa de uma das responsáveis pela criação do projeto Leitura nas Fábricas, que permaneceu no cargo de bibliotecária durante dois anos, porém, por fazer parte do quadro administrativo da empresa, esperava-se que cumprisse outras funções para além da biblioteca. Em discordância desta prática, retirou-se da empresa em 2012.

Posteriormente, um novo funcionário, também do setor administrativo, assumiu a biblioteca, diferentemente da proposta inicial do projeto, que sugeria que um operário pertencente à linha de produção ocupasse essa função. Mesmo não havendo participado dos cursos de capacitação de agente de leitura, mas com uma pequena experiência na área, iniciou seus trabalhos na biblioteca, a partir de algumas coordenadas dadas pela empresa. Com isso, a gestão do Ponto de Leitura ficou integralmente conferida ao setor administrativo da empresa, que realizou um intenso investimento no espaço e no acervo.

²⁹*Idem.*

Após assumir a administração da biblioteca, coube ao novo funcionário gerir as atividades do espaço e cumprir outras funções vinculadas ao setor administrativo, como panfletar sobre descontos em produtos que possuem parcerias com a empresa, distribuir mensagens nos quadros de aviso, auxiliar na venda de itens fabricados pela empresa para os trabalhadores, dentre outras atividades.

Localizada na porta de entrada do refeitório da empresa, a biblioteca é passagem obrigatória de todos os funcionários, do auxiliar de limpeza aos funcionários da área administrativa. Construída com largas janelas de vidro, que permitem a visibilidade do acervo para quem está se dirigindo ao refeitório, e equipada com cinco computadores com *internet* e fone de ouvidos, que ficam em posição reversa ao acervo de livros em constante desenvolvimento distribuído em quatro grandes estantes. A biblioteca abriga também duas mesas de estudo, poltronas, sofás e pufes (pertencentes ao *kit* inicial). Seu período de maior movimento concentra-se no horário das refeições, que se iniciam às 11h30min, quando para lá se dirigem os primeiros operários, responsáveis por operar o maquinário pesado da empresa, após cumprirem parte de suas jornadas, que se iniciam ainda na madrugada.

Figura 2 - Biblioteca Papaiz



(Fonte: Produção da autora)

O local escolhido para a instalação do Ponto de Leitura é estratégico, pois encontra-se numa passagem obrigatória a todos os funcionários. Entretanto, o barulho externo dos

Figura 3 - Biblioteca Papaiz



(Fonte: Produção da autora)

funcionários enquanto almoçam e uma televisão ligada constantemente interferem diretamente no espaço da biblioteca, podendo dificultar o seu uso para estudo e/ou leituras. Discordando desta visão, o atual responsável pelo espaço relata que “dá pra ler tranquilo, e as pessoas estão acostumadas com o barulho”³⁰. O costume de enfrentar longas jornadas com constante barulho, por vezes, pode afastar o uso de um espaço em que se espera que esteja em silêncio.

A *internet* é o principal atrativo deste Ponto de Leitura. Em média, sete entre dez pessoas que se dirigem ao espaço vão para a fila para uso do computador. A utilização da

³⁰ Informação fornecida por Roberto em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

biblioteca no horário do almoço serve para entrar na *internet* e se atualizar com informações em tempo real, seja pelos portais de notícias ou pelas redes sociais. Os computadores também são utilizados para pesquisas acadêmicas ou pessoais. Nesse caso, o funcionário é auxiliado a utilizar também o acervo de livros, localizado atrás das máquinas. Neste ponto, percebe-se a intenção de transformar a *internet* numa espécie de chamariz para os trabalhadores. Nota-se um visível destaque para o uso dessa ferramenta:

depende muito da época, mas a maioria das pessoas vem para ver a *internet*, só que conforme a necessidade delas elas vêm procurar os livros. Tem muitas pessoas que vêm estudar. Quando estão fazendo pesquisa, daí os livros ajudam. Mas eu oriento a pesquisar corretamente na *internet*, não é só colocar o assunto, você coloca mais ou menos o nome, aparecem vários sites pra procurar, mas pessoas ficam sem encontrar³¹.

Com experiência no ramo da informática, o funcionário responsável pelo Ponto de Leitura auxilia os funcionários em pequenas atividades que demandam o domínio da *internet*, como impressão de boletos, compra de algum produto (inclusive em produtos da própria empresa, como cadeados e travas), pesquisas escolares mais extensas e uso de *sites* em geral. Ao realizar essas funções, explica que lida com funcionários de diferentes níveis de conhecimento e, por ter trabalhado no programa Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), desenvolvido por Paulo Freire, quando esteve à frente da Secretaria de Educação de São Paulo, acredita ser possível orientar os trabalhadores pelo computador, utilizando elementos que eles próprios se identificam.

O acesso aos meios eletrônicos e a diferença de classes sociais entre os trabalhadores são evidenciadas na movimentação da biblioteca no horário do almoço. O último horário inicia-se às 13 horas e é reservado aos membros das áreas administrativas. Neste período, o movimento dos computadores na biblioteca diminui e alguns utilizam as poltronas e pufes para descansar, consultando seus *smartphones* ou lendo algum jornal, em grande parte a seção de esportes.

Dessa forma, esta biblioteca é um espaço de encontro e troca de informações entre os trabalhadores do mesmo setor durante o horário de almoço. A maior interação observada entre os funcionários do chão de fábrica e da área administrativa por meio da biblioteca deu-se de forma indireta e tem como personagem principal um condimento, e não o livro. Funcionários da linha de produção deixavam armazenados, em um dos armários da biblioteca, vidros de pimenta caseira preparado por eles. Seguindo as regras do refeitório da empresa, que não

³¹ *Idem.*

permite armazenar itens pessoais dentro da cozinha industrial, estes trabalhadores solicitam seu vidro (que é dividido de acordo com a gradação da ardência) todos os dias no horário de suas refeições e os devolvem ao final do almoço. No último horário, os trabalhadores do setor administrativo também solicitam a pimenta, comentam seu o sabor, elogiam... mas toda ação ocorre sem que os trabalhadores se conheçam, sem utilizar o espaço efetivamente e o funcionário da biblioteca torna-se um mediador, da pimenta. Porém, os saraus, mediação de leitura e concursos literários, realizadas no Ponto de Leitura em horários alternativos, propiciam o encontro entre os trabalhadores de diferentes setores.

A renovação do acervo é realizada através de doações entre funcionários e de compras efetuadas pela empresa. Em cada aquisição, os funcionários são questionados sobre quais livros desejam incluir no acervo, os mais pedidos são avaliados pelo setor administrativo e pela psicóloga da empresa. O funcionário responsável pela biblioteca explica como funciona o processo:

ela (a psicóloga) ajuda a fazer uma avaliação, é uma avaliação da equipe, não é uma avaliação psicológica em cima do livro. Como nós somos da parte de gestão de pessoas da empresa, a gente tenta colocar os livros que ficam melhores na biblioteca³².

Contraditório uma avaliação por uma psicóloga sem que o conteúdo seja avaliado, visto que essa seria a principal função desta profissional nesse projeto. Outra funcionária, responsável por gerir todo o setor administrativo, lançou luzes em relação ao que seria “melhor para a biblioteca”: “são livros que atendem às expectativas da empresa”³³. Ainda assim, o acervo é voltado a todos os funcionários. Partiu-se de 750 títulos pertencentes ao *kit* inicial e em 2016 faziam parte do acervo aproximadamente 5000 títulos. Além dessa forma de aquisição, as doações de materiais também são frequentes, fazendo com que muitos itens sejam duplicados no acervo e, até mesmo, sendo repassados para a biblioteca da Bahia.

1.6 Biblioteca Volkswagen

Na mesma cidade de atuação do projeto Leitura nas Fábricas, e atendendo a todos os requisitos para fazer parte deste projeto, a empresa Volkswagen construiu - em sua maior unidade no Brasil - uma biblioteca com o objetivo de atender aos alunos da escola técnica de

³² Informação fornecida por Roberto em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

³³ Informação fornecida por Claudia em entrevista etnográfica, em Diadema, em abril de 2016.

aprimoramento industrial para jovens, o SENAI, que funciona dentro do extenso complexo. Com o passar dos anos, a Fundação Volkswagen, órgão de investimento social da empresa, dedicou-se a ampliar os cursos de formação e capacitação profissional e, para isso, necessitou ampliar a biblioteca, acompanhando as necessidades dos aprendizes que frequentavam aquele espaço. De acordo com Carlos Bohone, membro do conselho executivo da Fundação Volkswagen:

a Fundação é o braço social da empresa, [...]veio para atender uma demanda interna que, assim como a biblioteca, a demanda era só a mão de obra. E como em 79 tinha muita mão de obra sem qualificação, fizeram a escolinha para atender a mão de obra. 'Você vai ter a sua qualificação, você vai ser torneiro mecânico...'. Só que de 2001 para cá mudou tudo. A gente pensou: estamos muito aqui dentro e a gente como Fundação tem que pensar para fora da fábrica, então todas as nossas ações são referentes a isso. Logicamente, ainda tem coisas que são mantidas, como a biblioteca, tem projeto que é voltado somente para funcionários³⁴.

A Fundação modificou-se de acordo com as necessidades dos trabalhadores da empresa. A especialização técnica já não era suficiente: os operários alfabetizados para trabalhar nas fábricas na década de 1970 foram sucedidos por seus filhos, e estes passaram a se especializar cada vez mais, almejando um futuro diferente daquele vivenciado pela geração anterior, porém, ainda dentro da fábrica (TOMIZAKI, 2007). Com isso, surgiram novas demandas e a empresa precisou acompanhar.

No ano de 2008, a Fundação ensejou ampliar sua biblioteca, de modo a atingir a todos os funcionários, não somente àqueles que a utilizavam para estudar, mas também àqueles que a utilizassem como uma forma de lazer. Pretendiam, ainda, que a leitura dos livros disponíveis migrasse para além dos funcionários, alcançando também seus familiares.

Para realizar a ampliação do acervo, o Instituto Brasil Leitor (IBL) foi convidado para atuar como parceiro técnico, pois, segundo Bohone, este Instituto possui o “*know-how* de como montar o acervo, basta a empresa dizer o que necessita”³⁵. Tendo como foco atender às demandas de especialização dos funcionários, a remodelação do acervo foi pensada juntamente com a Educação Corporativa da Volkswagen, que oferece, através de parcerias, cursos a seus funcionários com o objetivo de desenvolver novas ideias a serem aplicadas na própria empresa³⁶.

³⁴ Informação fornecida por Carlos Bohone em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em julho de 2014.

³⁵ *Idem*.

³⁶ Disponível em: <<http://www.vwbr.com.br/ImprensaVW/page/Educacao-Corporativa.aspx>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

O Instituto funciona como uma das bases de sustentação para que a Biblioteca Volkswagen funcione. Com a experiência de montar bibliotecas em espaços não convencionais de leitura, a exemplo das bibliotecas instaladas em estações de metrô, o IBL desenvolve espaços de leitura de acesso livre à população através do pressuposto de que, de acordo com uma conversa com Ivan Barbosa, gerente de projetos do Instituto, "é melhor ter acesso ao livro, do que não ter"³⁷. Ao ser convidado pela empresa Volkswagen, o Instituto recebeu a proposta como um desafio, segundo Barbosa, a aceitação também foi uma maneira de divulgar o Instituto. Desse modo, o espaço não convencional é o "chão de fábrica", e a população que terá acesso são os operários e funcionários.

O trabalho do Instituto é fragmentado em diversas frentes, que buscam atender a vontade de seu cliente. No espaço físico da Biblioteca, são realizados estudos de estimativa de público, para que os trabalhadores que desempenham diferentes funções dentro da empresa frequentem e sintam-se atraídos pelo acervo, tanto pela variedade de títulos, como pelo espaço disponível em seu interior.

A nossa ideia é deixar a biblioteca um espaço convidativo e gostoso, onde a pessoa está bem. Nesse lugar não há barulho de máquina, de nada. Você vem e se questiona se está realmente numa fábrica automotiva³⁸.

O isolamento do espaço permite que o trabalhador leia, estude, afaste-se momentaneamente do seu ofício. A cor das paredes e o aproveitamento da luz natural são outros recursos utilizados para cooptar os leitores.

Técnicos do Instituto Brasil Leitor operam a curadoria dos títulos que irão integrar a biblioteca, visando atender as intenções da empresa. Como visto anteriormente, o acervo intenta atender todos funcionários da empresa. Desse modo, segundo Bohone, convencionou-se ter um acervo composto por

desde *best-sellers* a cânones, literatura infantil, estrangeira. Temos tudo. Além dos livros técnicos, que mantemos essa característica, pois tem a escola do SENAI, temos outros tipos de demanda, o pessoal da engenharia, quem precisa de livros de administração, lá você encontra marketing também³⁹.

Neste variado acervo, uma maior quantidade de pessoas pode ser atendida. Ainda que o Instituto tenha como meta qualificar seu leitor, depende da empresa que tipo de informação

³⁷ Informação fornecida por Ivan Barbosa em entrevista etnográfica, em São Paulo, em março de 2015.

³⁸ Informação fornecida por Carlos Bohone em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em julho de 2014.

³⁹ *Idem*.

estará disponível no acervo.

Como parceiro técnico, o IBL dispõe um funcionário do próprio Instituto para acompanhar os procedimentos no primeiro ano de funcionamento. Após a reinauguração da biblioteca, a antiga bibliotecária foi convidada a retomar suas atividades no espaço, dispensando, assim, o funcionário do Instituto. Saliento que durante toda a reforma da biblioteca, a antiga funcionária não foi convidada a participar dos projetos de ampliação.

Após a entrega da biblioteca, a empresa torna-se responsável pela continuidade do seu andamento, e isso ocorre de acordo com uma política de acervo desenvolvida em cada unidade onde a biblioteca for instalada:

isso [aquisição de livros] depende de cada unidade, pois trabalhamos com *budget*. Após 1 ano, tínhamos 2500 títulos, e durante esse tempo a quantidade atende. Após isso, novos títulos são inseridos, a partir de pedidos dos próprios funcionários e da demanda. O valor da compra de livros da biblioteca. Como aqui da Anchieta, quem administra é o pessoal da educação corporativa, eles já têm programado, todo ano fazem uma doação do acervo. As outras unidades dependem um pouco disso. Mas quando conseguimos alguma verba por leis de incentivo, a gente separa e distribui para outras fábricas⁴⁰.

Desse modo, para além do acervo, cabe à biblioteca realizar atividades de mediação de leitura para não apenas estimular novos leitores na fábrica, bem como seus familiares, como também acompanhar o hábito de leitura dos funcionários para atender especificamente suas demandas.

Ressalto a atenção para a diferença nas intenções presentes entre as bases de sustentação deste projeto. A Volkswagen decidiu ampliar seu acervo, objetivando atrair novos leitores para a biblioteca, não somente técnicos, operários e estudantes do SENAI. A empresa esperava com isso cooptar diferentes níveis de leitores, convidando-os a dividirem o mesmo espaço, a partir da oferta de um acervo variado. O IBL, por sua vez, recebeu o convite da Volkswagen como uma proposta de divulgação de seus projetos. A ideia baseava-se em criar uma "biblioteca de chão de fábrica" buscando incentivar o trabalhador da linha de produção a ler. Segundo Ivan Barbosa, "não importa o quê, importa que leia"⁴¹. A partir de então, o Instituto busca qualificar o leitor para que alcancem novos patamares de leitura.

A divergência das intenções resulta no grande alcance de funcionários que frequentam efetivamente o espaço dedicado à leitura. Segundo Bohone:

a biblioteca da fábrica atende todo mundo que está aqui dentro. Fábrica é a

⁴⁰ *Idem*

⁴¹ Informação fornecida por Ivan Barbosa em entrevista etnográfica, em São Paulo, em março de 2015.

corporação, estagiário, jovem cidadão, engenheiro, supervisor... todo mundo tem acesso, todo mundo se sente à vontade de vir e pegar alguma coisa⁴².

Ao mesmo tempo que todos estão convidados a frequentar a biblioteca, a rotina do trabalho e a localidade da biblioteca criam dificuldades para os operários que atuam em linhas de produção mais afastadas se deslocarem destes setores distantes da unidade para realizarem a leitura e o empréstimo de livros, enquanto que os funcionários do setor administrativo trabalham em prédios contíguos à biblioteca, com maior facilidade para visitar o acervo. Os próprios gestores da Fundação Volkswagen reconhecem o esforço de seus funcionários para conseguirem utilizar o espaço:

os funcionários administrativos têm uma flexibilidade em seus horários do que quem está na linha. Na linha é mais complicado, se ele sair da linha em algum momento pode acontecer alguma coisa. O que é interessante que quando vemos campanhas, começamos a puxar o nome e a maioria é da linha de produção, ou seja, o funcionário consegue um tempo para ir até a biblioteca pegar um livro. Seja para ele, para uma pesquisa, para casa filho, mulher. Enfim, isso é bacana⁴³.

A ideia da essencialidade do operário na linha para que não aconteça “alguma coisa”, converge com as falas de alguns empresários participantes do projeto Leitura nas Fábricas. Mesmo assim, nota-se que estes operários frequentam a biblioteca, por vezes, mais que os funcionários administrativos. E, neste momento, emergem os resultados das diferentes intenções no desenvolvimento dos acervos, já que a biblioteca foi remodelada para atender a um público variado, porém, investindo fortemente em um acervo voltado para a educação especializada em aprimoramento profissional, sendo frequentada por operários da linha de produção que buscam leituras randômicas, através de livros existentes no acervo projetado pelo IBL, enquanto os funcionários administrativos afastam-se deste espaço.

Observo que a procura pela biblioteca também pode ser vinculada ao ambiente silencioso em que foi instalada. Para acessá-la, é necessário percorrer alguns extensos corredores formados pelas salas de aula do SENAI. No final do saguão, uma tímida porta permite o acesso ao balcão de atendimento e ao acervo e em outra saleta estão disponíveis cinco mesas para estudo e algumas poltronas para a leitura mais confortável de algum material.

⁴² Informação fornecida por Carlos Bohone em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em julho de 2014.

⁴³ *Idem*.

Figura 4 - Biblioteca Volkswagen



(Fonte: Produção da autora)

Os interessados em acessar o conteúdo do acervo dispõem de um catálogo *on-line* de livre acesso, ação relevante para que não seja necessário o deslocamento do funcionário somente para verificar a disponibilidade de um material, além de permitir a consulta pelos familiares dos trabalhadores. Para o empréstimo, é necessário que o próprio funcionário retire o material, pois a política de segurança da empresa impede a entrada de pessoas não autorizadas.

A contribuição do Governo neste projeto ocorre através da Lei Federal de Incentivo à Cultura, em que parte do Imposto de Renda pago pela empresa é revertido para as ações culturais e, deste modo, a Fundação Volkswagen emprega seus recursos para o desenvolvimento da biblioteca.

A necessidade da formação de uma estrutura de ação para a execução do projeto da biblioteca foi definido por Bohone como "somos tripartite: a fundação, o parceiro técnico e uma autarquia do governo. Senão, não funciona"⁴⁴.

Neste capítulo, foram apresentados os projetos e as fábricas que foram estudadas nesta pesquisa. Para a existência e permanência de cada biblioteca nas fábricas, é necessário haver o apoio da empresa. Cada local em que a oferta de leitura ainda funciona é vinculado ao suporte de pessoas influentes, que conseguirão a manutenção dos investimentos no espaço.

⁴⁴ Informação fornecida por Carlos Bohone em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em julho de 2014.

Capítulo 2

Trabalhadores? Presente!

“A importância da leitura é muito grande, é a possibilidade de viajar parte do mundo através de um livro. Seu salário não dá pra ir até o centro de Diadema, mas através do livro você viaja bem mais longe”.

(Valderez, funcionário da empresa Legas Metal).

Apresentação

O segundo capítulo desta pesquisa relata as experiências dos trabalhadores nas bibliotecas, iniciando-se com a apresentação de um perfil geral dos entrevistados. O foco está em suas motivações para frequentarem as bibliotecas nas fábricas, ou seja, tecendo, a partir de seus relatos, os principais motivos que os relacionam ao universo da leitura e também à biblioteca na fábrica.

Prosseguindo com o conteúdo abordado nesta seção, seguimos com a análise dos livros lidos pelos trabalhadores. Esse ponto divide-se em três partes: os livros lidos pelos trabalhadores em sua totalidade; os livros oferecidos nos acervos da fábrica; e, por fim, os livros emprestados, de acordo com os registros disponibilizados nas bibliotecas.

2.1 Quem são os leitores das fábricas?

Moradores da região de Diadema, São Bernardo do Campo, Rio Grande da Serra e Paranapiacaba (distrito de Santo André), os trabalhadores industriais do ABC Paulista, antes reconhecidos por sua atuante luta pelos direitos trabalhistas, são, atualmente, fragmentos resultantes de uma batalha esmorecida. Compartilhando o mesmo espaço os metalúrgicos, o setor administrativo e o setor de serviços⁴⁵, as diferenças sobressaem, por vezes, mais que as

⁴⁵setor terciário, dentro da fábrica compete às atividades de venda e distribuição de produtos, de alimentação e de limpeza.

semelhanças. A disparidade entre renda, escolaridade, práticas culturais, encontram-se presentes nos discursos e atitudes dos trabalhadores entrevistados.

A divergência inicia-se pela escolaridade do trabalhador. Nas grandes empresas, como a Papaiz e Volkswagen, utilizadas por esta pesquisa, nota-se a recorrência de operários que estão cursando o ensino superior e que almejam prosseguir na carreira, fazendo da fábrica um meio, e não um fim. Na Legas Metal, produtora de peças para essas grandes empresas, o discurso presente entre os trabalhadores leitores é a necessidade de ler para se distrair, visto que suas leituras tiveram um maior progresso durante o ensino médio. Nesta última empresa, somente dois entrevistados afirmaram estar cursando o ensino superior: o funcionário do setor administrativo responsável pela informática de toda a empresa e o agente de leitura, que, após envolver-se com o projeto Leitura nas Fábricas, decidiu retomar seus estudos, optando por formar-se em Ciência do Trabalho no DIEESE.

Conforme dito no capítulo anterior, as próprias fábricas instalaram escolas técnicas em seu entorno. Dos funcionários participantes desta pesquisa, somente um cursou a escola técnica do SENAI e seu ingresso posterior na fábrica da Volkswagen deu-se por um processo seletivo composto por algumas etapas e reforçado através da indicação de seu pai, então funcionário da empresa. Nas atividades no chão-de-fábrica não aparecem nitidamente diferenciações por níveis de escolaridade entre os funcionários.

Entre as semelhanças reconhecidas entre os grupos de entrevistados, a escolha do local de suas moradias aponta para uma aproximação histórica com as vilas operárias. Funcionários da Legas Metal optam por morar em bairros próximos à empresa, entre as razões para este fato listo a economia com o custo do transporte e, também, pelo fato de a empresa oferecer atividades que incluem seus funcionários e a comunidade que a cerca. Nos casos das empresas Volkswagen e Papaiz, seus funcionários residem em diferentes pontos da região metropolitana e com a opção de ir ao trabalho utilizando os ônibus fretados da empresa.

No caso específico desta pesquisa, nota-se que o perfil socioeconômico dos trabalhadores altera-se de acordo com o porte da empresa e o seu produto final. Foi possível observar, a partir das entrevistas, que as grandes empresas contratam, para integrar seu corpo de funcionários, pessoas com cursos técnicos e currículos especializados na área de atuação. A escolha de profissionais mais capacitados, no futuro, pode significar um funcionário que almeje novas perspectivas. Este investimento seria benéfico para a empresa, ao utilizar os conhecimentos do trabalhador para seu próprio aperfeiçoamento. Já na Legas Metal, empresa

de pequeno porte, o processo seletivo funciona, em sua maioria, através de indicação entre os funcionários e não requer experiência prévia.

2.2 Ler, leitura e leitor

O final do século XX proporcionou uma releitura positiva sobre a significação do ato de ler por acarretar benefícios ao leitor, tais como “tornar os sujeitos mais cultos e, por consequência, mais críticos, mais cidadãos, mais verdadeiros”(ABREU, 1999, p. 10)⁴⁶. *Ler, leitura e leitor* são termos advindos do mesmo radical e que possibilitam diversas interpretações. Desse modo, para a melhor compreensão do presente trabalho, instituo que a significação do que caracteriza um leitor estará de acordo com aquilo que é estabelecido pelo Instituto Pró Livro, que o entende como aquele que leu um livro inteiro ou em partes nos últimos três meses.

Neste capítulo, analiso os diferentes significados da leitura para os operários. A definição sobre esta prática cultural foi composta a partir das entrevistas e ressoou, em minha percepção, como parte de um momento íntimo e introspectivo em que o trabalhador aparta-se do restante de suas atividades – dentro e fora da fábrica. Assim sendo, a leitura proporciona a imersão do indivíduo em outras vivências, em outros “mundos”. O momento dedicado à leitura na rotina dos trabalhadores, o lugar escolhido e o tempo disponibilizado para este hábito são elementos importantes para compreender a fruição deste ato pelos entrevistados.

O trabalho fabril apresenta uma rotina árdua e regrada, com longas jornadas que se iniciam nos primeiros raios de sol e perduram até a noite, em ambientes geralmente fechados, com escassas oportunidades de verificar o lado externo desses muros. Os momentos de encontro e trocas entre os trabalhadores acontecem, majoritariamente, no horário de almoço, e é neste momento que é possível frequentar um espaço oferecido pela empresa, para unir (em trocas literárias e saraus) ou fragmentar (através das experiências solitárias proporcionadas pela leitura): a biblioteca.

A leitura pelos trabalhadores na fábrica pode ser constituída por diferentes valores e intenções. Para alimentar uma fantasia, ocupar o tempo ou para resolver alguma questão

⁴⁶Segundo Abreu (1999), ao longo da história ocorreram diversos movimentos para afastar as pessoas da leitura, vista como grande perigo. Acusada de trazer malefícios à saúde, de apresentar ideias falsas e, principalmente, de corromper o sujeito através da leitura de romances, que apresentavam comportamentos reprováveis.

peçoal, ler é uma prática cultural, dentre outras, escolhida pelo funcionário para atingir os interesses, talvez, conforme acredita Abreu (1999) a "formação de um sujeito crítico" (ABREU, 1999, p.10).

"Leio para matar o tempo". Esta foi a resposta obtida ao questionar um trabalhador da Legas Metal sobre sua principal razão para ler. Já quanto ao que o impulsiona a procurar a biblioteca, destaca-se o espaço acolhedor, bem iluminado e, principalmente, silencioso. "Passar o dia lá dentro [da fábrica] mexe um pouco com a cabeça, aqui dá pra ficar calminho"⁴⁷. Para ele, "não há nada para fazer" enquanto aguarda o término do almoço e o retorno a sua jornada de trabalho.

A utilização da tecnologia dos telefones móveis é outra forma de distração, permitindo o isolamento do trabalhador diante de uma pequena tela luminosa. Os esforços teóricos de Robert Darnton (2010), Regina Zilberman (2001) e Umberto Eco (2010) em compreender a ascensão da era digital como possibilidade da fusão das novas tecnologias com o livro físico, através de leitura de textos em plataformas digitais, nem sempre retratam a realidade. A utilização da internet pelos trabalhadores na fábrica caminha para a separação entre o livro e a tecnologia, visto que nenhum dos entrevistados afirmou ler livros nas plataformas digitais.

O livro, elemento primordial da biblioteca, em alguns momentos presenciados em campo, mostra-se como não fundamental para a existência dos Pontos de Leitura. Isso se dá por ele não ser o único protagonista desse espaço. A disposição física da biblioteca da Papaiz exemplifica este fato, uma vez que nota-se a quantidade de pessoas que escolheram sentar-se de costas para o acervo e enveredarem-se nas redes sociais, correios eletrônicos, *sites* de notícias ou, até mesmo, visitar o endereço eletrônico da própria empresa para pesquisar alguns produtos oferecidos. Os funcionários, enquanto aguardam sua vez para a utilização dos computadores, preferem conversar entre si ou mexer no celular, sem se interessarem em consultar os livros que estão à disposição.

Conforme analisado nas bibliotecas que oferecem computadores com o objetivo, segundo Sergio Nobre, um dos mentores do projeto, de "auxiliar as pesquisas" ou "aproximar os trabalhadores dos livros" (NOBRE; TAVARES, 2011), não é possível verificar de que maneira esta tarefa é atingida, uma vez que os endereços eletrônicos listados como 'Favoritos' na barra de pesquisa do computador são contas de *e-mail*, redes sociais e *sites* de

⁴⁷Informação fornecida por funcionário M. em entrevista etnográfica, em Diadema, em novembro de 2015.

entretenimento e reprodução de vídeos. Em alguns casos, o trabalhador escolhe fazer suas pesquisas escolares utilizando a internet em detrimento dos livros oferecidos, pois acreditam que "o acervo possui livros antigos e desatualizados"⁴⁸. Embora haja constantes esforços do agente de leitura em transpor a barreira invisível entre a *internet* e o acervo, os trabalhadores relutam em desbravar os livros. Desse modo, vemos que há uma proposta teórica no projeto inicial citada por Nobre, mas a realidade a biblioteca abre-se para diferentes perspectivas.

O livro é capaz de isolar o leitor quando imerso na leitura, porém, as experiências provocadas pela leitura podem ser compartilhadas entre os trabalhadores neste espaço. Desse modo, a biblioteca sintetiza a dualidade entre o isolamento do *leitor* e a aproximação entre os *leitores*. A experiência pessoal da antropóloga Michèle Petit (2009) com a leitura demonstra a quantidade de companhia que este momento pode trazer ao leitor:

mesmo se leio sozinha no meu quarto, quando viro as páginas, quando levanto os olhos do livro, outros estão ali do meu lado: o autor, os personagens cujas vidas ele narra ou aqueles que ele criou, se se tratar de uma ficção (e talvez aqueles que o inspiram), os outros leitores do livro, de ontem e de amanhã, os amigos que dele me falaram ou a quem imagino que poderia recomendar (PETIT, 2009, p. 139-140).

A autora compreende o momento da leitura como uma troca de conteúdos e é nesta ocasião a sociabilização do indivíduo é possibilitada, seja através da recomendação de livros lidos, seja pelas afinidades e aproximações entre o leitor e as personagens, ou também pela empatia com as reflexões do autor.

Dentro da fábrica, a leitura pode proporcionar a aproximação entre pessoas socialmente distintas, a exemplo da empresa Legas Metal, onde os funcionários do setor administrativo e da linha de produção começaram a descobrir semelhantes preferências literárias na biblioteca e, com isso, construíram uma relação através das trocas de informações sobre livros e leituras. Ler, nesse caso, proporcionou a transposição das barreiras criadas estruturalmente na fábrica para a composição de novos diálogos e experiências.

Conhecer mais sobre si é a razão mais mencionada entre os trabalhadores quando questionados sobre quais os fatores o motivam a ler. Esperam que o livro apresente soluções para alguma questão pessoal ou de que maneira eles resolveriam determinado dilema vivenciado por uma das personagens do livro, colocando-se no lugar da mesma. Deste modo, a leitura apresenta questões que levam o indivíduo a se colocar naquela situação, a vivenciar

⁴⁸Informação fornecida por funcionário G. da empresa Papaiz em entrevista etnográfica, em Diadema, em novembro de 2015.

determinadas experiências. Uma funcionária da empresa Legas Metal apresenta seu gosto literário por literatura espírita:

acho o assunto bem interessante, referente ao passado, mas traz ensinamentos sobre o dia de hoje. E, às vezes, tem livro que ajudam a pessoa e também na hora de trabalhar. Saber lidar com as pessoas, ajuda bastante. São livros que tratam do assunto do passado e através do que aconteceu você parece que tem uma visão de como agir no futuro com as pessoas. Gostei muito⁴⁹.

O texto da literatura espírita, que proporciona “tirar ensinamentos” e “saber lidar com as pessoas”, é analisado por Bernardo Lewgoy (1998) como a busca por um tipo de experiência ligada ao espiritismo. Para o autor, o público leitor

busca a continuidade literária de um tipo de experiência ligada à cosmologia própria do kardecismo, que enfatiza a realidade da vida após a morte, a reencarnação e a lei moral de causa e efeito/evolução, não dissociando a fruição literária da busca de um “aprendizado edificante”, que enriqueça a identificação com este sistema de crenças através de um tipo de literatura onde o que se busca é justamente a verossimilhança e não a riqueza literária ou a inovação formal, que se esperaria de um romance (LEWGOY, 1998, p. 106).

Os trabalhadores leitores de livros espíritas não são necessariamente ligados ao espiritismo. Os livros são escolhidos focados em alguns conselhos que estas fontes podem proporcionar em suas vidas, desdobramentos que não são exclusivos de livros espíritas ou religiosos. Mesmo não explorando a inovação formal ou a riqueza literária, outros livros pertencentes a diversos gêneros literários, quando lidos e interpretados de uma maneira particular, permitem que seu conteúdo influencie o leitor. Luciene, funcionária da empresa Papaiz, diz: “já li vários livros daqui, *Feliz ano velho*, *Depois daquela viagem...* pra mim são autoajuda, pois de todos eu tirei uma aprendizagem”⁵⁰.

Embora sejam classificados como literatura, seus conteúdos remetem ao leitor reflexões que o levam a considerar esse tipo de texto como um auxílio, por amparar, de algum modo, o leitor a superação de um determinado momento da vida. O tratamento da leitura como uma ação terapêutica é frequentemente utilizado por profissionais da psicologia, de modo que recentemente emergiu um movimento que enxerga a experiência do leitor com o livro, independente de sua classificação dentro dos gêneros literários, como uma terapia intensiva. Desta lógica surge uma área denominada *biblioterapia*, definida como uma prática de leitura que auxilia as pessoas no controle de seus sentimentos e, desta maneira, na busca de soluções para seus problemas, tanto de ordem psicológica quanto física, a partir de livros

⁴⁹Informação fornecida por funcionária em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

⁵⁰Informação fornecida por funcionária em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

prescritos. Vê-se a utilização da leitura com esse fim na fala de A., funcionária da empresa Legas Metal:

às vezes tem isso, você lê uma coisa e te faz lembrar ‘poxa, eu poderia ter feito isso, né?’ numa ação e, depois que lê, você tira ensinamentos. Às vezes você precisa esperar momentos e oportunidades para seguir, poder questionar, conversar com alguém, disso a gente tira bastante. Eu acho que a leitura ajuda um pouco isso. Às vezes, quando você tem algum tipo de conhecimento, ou uma leitura, de uma palestra que você viu, você para e pensa um pouco e diz “essa é a forma certa”. Não adianta você querer impor alguma coisa que acham que é certo. Então tem muito isso, o peso do que você acha que é bom e o que não é bom, e assim a gente vai mudando a forma de pensar, a forma de agir, conteúdo pra conversar... pela leitura. Assim você consegue um convívio melhor com a sociedade, seja no trabalho, em casa e na vida. Eu tirei muito disso, gostei⁵¹.

Nota-se uma consonância no discurso das últimas trabalhadoras apresentadas. A leitura realizada por elas favorece a relação com os companheiros de trabalho. O ato de ler ajuda a ter ‘um convívio melhor’ em diversos ambientes, em comum nas falas, o ambiente do trabalho. Convívio este que também pode ser capitalizado para o aprimoramento das relações estabelecidas na linha de produção. Dessa forma, é possível inferir que a leitura de alguns livros apresentou elementos para essas trabalhadoras melhorarem o contato com os demais membros da empresa e, com isso, aperfeiçoarem sua própria rotina de trabalho, visto que grande parte de seu dia é vivenciada dentro da própria empresa, em companhia dessas pessoas.

Alguns gêneros, como literatura religiosa e autoajuda, são considerados como o primeiro acesso de muitos leitores a novos livros. Isso se dá pela facilidade da linguagem utilizada e também pela subjetividade de interpretações que o livro permite. Esses títulos quebram barreiras entre livro e leitor iniciante. O agente de leitura da empresa Legas Metal acredita que o gênero literário denominado autoajuda pode ser um modo de acesso à leitura, uma vez que a linguagem utilizada facilita o primeiro contato e, em seguida, permite que seus leitores busquem novos títulos e perpetuem este hábito a partir da leitura iniciada. O agente afirma:

agora eu acho que não só ele, como a maioria das pessoas que começam com o hábito de ler, começa como uma leitura mais fácil. Depende do livro que começa a ler. Se for uma literatura que ele não entenda muito, ele vai se afastar. Eu, particularmente, não sou muito de ler autoajuda, mas é uma literatura que, quem tá iniciando, prende. Tem até um motorista aqui da empresa, esse devora. Ele começou, ele já lia um pouco, e passou a ler mais⁵².

⁵¹Informação fornecida por funcionária A. em entrevista etnográfica, em Diadema, em setembro de 2015.

⁵²Informação fornecida por Valderéz Dias em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

Para muitos, as obras literárias consideradas mais leves são um modo de adentrar à literatura clássica. A opinião do agente de leitura encontra-se com a visão de Petit (2009), Chartier (2009) e Martins (2003), que veem nesta prática cultural uma forma de descobrimento de gostos literários, compreendendo as literaturas mais palatáveis como iniciais até que o leitor descubra os livros canônicos e consagrados.

A busca pela informação é o segundo fator que faz os leitores da fábrica ocuparem parte de seu horário de almoço dentro da biblioteca. Porém, para muitos trabalhadores que frequentam a biblioteca, a relação com a informação é vinculada diretamente a jornais, revistas e internet. Os periódicos *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* são os mais consultados, sendo os cadernos de esporte e cultura os mais folheados. Além dessa fonte de informação, há também revistas semanais e *A Tribuna Metalúrgica*, jornal do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Segundo um trabalhador entrevistado enquanto lia um jornal diário, a prática da leitura, para ele, resultava somente da necessidade de estar "sempre atualizado" ele acredita que essa atualização não se dá através da leitura de livros, mas sim, através de jornais, pois estes são "mais recentes e com assuntos mais interessantes"⁵³. Poucas vezes a leitura do livro foi citada como principal forma de atualização. Quando isso acontece, enfatizam que a atualização que o livro permite está conectada com a interpretação e aprendizagem de novas palavras para seu vocabulário.

Na biblioteca da empresa Volkswagen, um funcionário que estava acompanhando um amigo em seu horário de almoço, respondeu-me, quando questionado sobre seu grande interesse pelas revistas automotivas, que sua maior motivação ao ir à biblioteca na fábrica é "ficar olhando os carros potentes" em revistas especializadas, pois ele acreditava que dificilmente chegaria perto daquele automóvel. Logo, a biblioteca aviva sua imaginação. É fundamental pontuar que este funcionário trabalha em uma empresa automobilística, que fabrica peças para carros. Revelou também que a leitura não é sua atividade favorita, uma vez que disse ler pouco, somente quando precisa. Relatos como esses demonstram a capacidade da leitura no enriquecimento de informações e também na alimentação da imaginação no indivíduo.

Chartier (1996) acredita que para aprender a ler, o indivíduo deve ser iniciado, seja na escola, em casa pela família, no caminho para desvendar os códigos das palavras, sendo

⁵³Informação fornecida por funcionário J. em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em maio de 2015.

poucos capazes de conseguir por mérito próprio. A leitura demanda, além de ensino, prática. A transmissão do hábito de ler entre os familiares manifesta-se como um processo geracional. Observando a origem familiar predominantemente nordestina dos operários, os pais nem sempre incentivaram a leitura, pois eles próprios não possuíam este hábito. O caminho da leitura, nesses casos, é percorrido de forma inversa, a exemplo de uma trabalhadora que narrou a importância de ter aprendido a ler e ter conseguido repassar esse conhecimento para seus pais.

Outro movimento possível através da leitura é a aproximação do trabalhador com seus filhos e companheiros. Para uma funcionária da empresa Legas Metal, se não fosse a biblioteca na fábrica, "eu já tinha parado [de ler] e já tinha deixado meus filhos pararem também"⁵⁴. Para outro funcionário, a biblioteca na fábrica proporcionou a aproximação entre ele e suas filhas, pois, antes de devolver os livros que elas solicitam, ele também lê, na tentativa de se aproximar dos interesses das filhas adolescentes.

A migração dos trabalhadores para São Paulo em busca de novas perspectivas de vida, transforma a capacidade de leitura em algo imprescindível para um melhor convívio em sociedade, para se destacar e, principalmente, para concorrer a uma oportunidade de emprego. Como relata uma funcionária da empresa Papaiz:

comecei a ler depois que cheguei em São Paulo, eu tinha 19 anos. Eu tinha um amigo que dizia assim: "pra ficar bem aqui você tem que ter o hábito de ler. Faz assim: quando você for comer o café da manhã, comece a ler o rótulo da margarina. Aí você começa". Daí eu comecei e hoje já leio bem mais que antes⁵⁵.

A narrativa sobre esta iniciação à leitura remete à proposição de Petit sobre o que é ler:

trata-se de valorizar as palavras e as trocas de linguagem, e de estimular a oralidade nos debates, relatos de histórias, na análise de dados assim como na escrita (ler e escrever como momentos inseparáveis de um mesmo processo), contribuindo para que cada um seja "um indivíduo político" que encontra na leitura um instrumento de reflexão que lhe permite ser mais ativo em seu destino e no destino de seu bairro, de seu local de trabalho, da comunidade onde vivem sua família e seus amigos (PETIT, 2009, p.160).

Assim, como dito no início do capítulo, a autora compreende a leitura como capaz de formar um indivíduo político e crítico, que, a partir da compreensão do que foi lido, consegue alterar seu entorno. A exemplo da trabalhadora que criou estratégias que lhe permitiram sobreviver em outro estado, a leitura é capaz de oferecer os elementos que favoreçam o desenvolvimento de um indivíduo tornando-o mais político, crítico. Para que ela fique "bem",

⁵⁴Informação fornecida por funcionária N. em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

⁵⁵Informação fornecida por funcionária M. em entrevista etnográfica, em Diadema, em novembro de 2015.

é necessário aliar-se à leitura, formando, talvez, nessa nova leitora, um senso crítico e, possivelmente capaz de concorrer a novas oportunidades na competitiva São Paulo.

Interessante pontuar que a biblioteca na fábrica retoma a leitura abandonada na fase escolar. Dentre os entrevistados, a maioria acreditava que a leitura é associada a este período, pois foi nesse momento que muitos tiveram seu primeiro contato com o livro, interrompendo-o na vida adulta. Como declarado por mais de um trabalhador, a principal causa da interrupção é a falta de oportunidade. Para muitos, o reencontro com o livro deu-se no fácil acesso que a biblioteca da fábrica proporcionou. Ressalto que primeiro contato com a leitura, geralmente realizado na infância, não ocorre necessariamente em uma biblioteca, mas sua continuidade deveria ser sustentada por ela.

De acordo com um funcionário da Volkswagen, "livro é caro no Brasil. Por isso venho aqui, pra economizar. Se eu pudesse, comprava"⁵⁶. A ligação feita diretamente entre a relação do livro com o poder de compra do brasileiro comprova-se a partir dos resultados da pesquisa Retratos da leitura no Brasil (2016), em que um dos empecilhos ao realizar uma leitura é a falta de acessibilidade, com destaque para o valor do livro.

Infelizmente, o livro é muito caro no Brasil. Aí você vê um rico, geralmente dá um livro de aniversário, aí você vê um cara ganhando nem 4 salários mínimos e ele dá um *smartphone* pro filho. O cara vai ler o quê? *WhatsApp!*? A cultura dos trabalhadores é baseada pra consumir o que você produz, gerar riqueza pra alguém, que se apropria da cultura, porque tem dinheiro, daí o filho desde pequeno tem o hábito de ler. A mãe às vezes trabalha e não tem nem como ler para o filho, chega em casa e vai cuidar da casa⁵⁷.

De acordo com a edição de 2016 da pesquisa, o número de compradores de livros prevalece na classe A⁵⁸, porém, o maior número de leitores abrange as classes A, B e C. Nas classes D e E, os interesses dos não-leitores variam entre assistir televisão e usar a internet. A falta de interesse também pode ser justificada pela falta de tempo do principal transmissor da leitura dentro da família, a mãe (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016). Os dados apresentados pela pesquisa apontam que a ausência de um bom salário não impede a leitura de livros. Retomando a fala do agente de leitura, muito provavelmente os pais pertencentes às classes mais altas escolhem livros como presente, pois seus filhos já possuem *smartphones*.

⁵⁶ Informação fornecida por funcionário em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em maio de 2015.

⁵⁷ Informação fornecida por Valderez Amorim em entrevista etnográfica, em Diadema, em abril de 2015.

⁵⁸ De acordo com a pesquisa, a classe é definida de acordo com a renda per capita da família entrevistada.

A funcionária S. retira livros na biblioteca da fábrica, pois, conforme relata, "não dá para conseguir em outros lugares"⁵⁹. A falta de oportunidade, também pode ser justificado pela ausência de informação sobre locais onde é possível adquirir livros:

é interessante, a maioria do pessoal não sabe o que é biblioteca, as pessoas têm uma dificuldade muito grande pra saber e entender o que é biblioteca. Aqui na periferia, se for ver quem usa mais a biblioteca, são pessoas que tem poder aquisitivo maior. Se você não levar até lá, explicar como usa, a pessoa não vêm. Parece que tem uma barreira. A gente fez um levantamento, muitas pessoas nunca tinham usado a biblioteca. A gente indica outras bibliotecas dos Centros Culturais da cidade. Tudo de graça e o pessoal não conhece. A programação cultural da cidade vinha todo mês para cá e a gente divulgava. Tinha gente que morava lá, mas vinha saber da informação aqui. O brasileiro, não sei... parece que não chega⁶⁰.

Como fruto de uma conquista do sindicato, a biblioteca também é um ambiente para troca de informações sobre reuniões e deliberações entre seus membros. Em alguns casos, o espaço do encontro possui mais sentido do que os livros, como relata um trabalhador:

livro, assim, não costumo pegar, não. Sou mais difícil de ler livro. É mais difícil. Ao mesmo tempo em que a gente está aqui, é nosso horário de almoço, então, estamos conversando com os trabalhadores. Uso muito esse horário para conversar com o trabalhador, alguma notícia sindical. A biblioteca a gente vem só pra pegar algum e-mail, que vem do sindicato... Livro mesmo eu não pego⁶¹.

Vê-se que, para este funcionário, o livro não é determinante. As bibliotecas nas fábricas apresentam fatores interessantes que podem justificar a sua implantação, como a criação de um espaço *neutralizador* em que o sindicato possa ser visto como um órgão amistoso, tanto para o trabalhador, como também para a empresa.

2.3 Onde, quando?

O local escolhido para se dedicar à leitura mostra-se profundamente impactante para o aproveitamento do conteúdo da obra. Infere-se, desse modo, que uma leitura feita em um ambiente barulhento ou desconfortável fará com que esta não seja realizada de forma plena, com grande atenção. Por outro lado, ao ler em espaços planejados e ambientados para este fim, a fruição da leitura acontecerá, possivelmente, de modo mais intenso, devido a maior concentração que o local favorecerá.

⁵⁹Informação fornecida por funcionária S. em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

⁶⁰Informação fornecida por Valdez Amorim em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em abril de 2015.

⁶¹Informação fornecida por E. em entrevista etnográfica, em Diadema, em março de 2016.

O horário do almoço mostrou-se ser o melhor momento para visitar a biblioteca na fábrica, tanto para mim, quanto para os trabalhadores, pois era neste momento que eu os encontrava e conseguia realizar as entrevistas. Na empresa Legas Metal, a biblioteca se encontra em uma área externa, dentro do espaço destinado às atividades culturais, em que ficam dispostos colchonetes que também são utilizados para um momento de relaxamento. função também desempenhada pelos pufes. A biblioteca da Volkswagen localiza-se em uma ala específica, logo, é necessário o deslocamento de todos os trabalhadores que desejem alcançá-la, alguns utilizam, inclusive, carro para este fim. Com o Ponto de Leitura da Papaiz dentro do refeitório, todos os trabalhadores são direcionados ao espaço de leitura, tanto na ida para o almoço, quanto no retorno. A utilização da biblioteca é uma escolha, sobretudo, de como esses trabalhadores utilizam seu tempo livre durante a permanência na empresa.

Ao encontrar trabalhadoras, em seu horário de almoço, deitadas em pufes na biblioteca da Legas Metal, é possível perceber a aproximação que aquele espaço proporciona àquelas mulheres. Enquanto relaxam após o trabalho realizado no turno da manhã, questionam o funcionário sobre as novidades do acervo da biblioteca. Uma funcionária, que questiona o agente de leitura sobre a devolução do livro *Cinquenta tons de cinza*, de E. L. James, relata que o momento da leitura, para ela, é exatamente o horário após o almoço, pois não quer "ficar mexendo no celular", ao invés disso, prefere "ler e conhecer histórias bonitas de amor"⁶². Outro funcionário da Volkswagen também elege esse momento do dia para ler:

na hora do almoço, eu almoço rapidinho, quando eu estou com o livro, já coloco o livro no bolso, deixo na minha gaveta... Na hora do almoço já vou com ele, almoço e vou para um banco, vou para a sala de leitura. É que, como eu disse, tempo atrás eu ia mais na biblioteca, agora está meio distante, então estou indo menos, mas eu gosto de ler, sempre⁶³.

Há de se destacar que as fábricas em que ocorreram as entrevistas possuem em comum o fato de terem sido construídas em grandes propriedades afastadas de locais de comércio. O isolamento ocasionado pela localização geográfica das fábricas proporciona a escolha da leitura no fim do período do almoço. Por não ser possível deslocarem-se fisicamente, optam pela imaginação alimentada no livro e permitem se transportar através da história. Não sabemos quais seriam as chances de a leitura ser escolhida como uma das principais práticas durante o horário de almoço, caso essas empresas fossem próximas a centros comerciais.

⁶²Informação fornecida por funcionária A. em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

⁶³Informação fornecida por funcionário P. em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em novembro de 2015.

Além do trabalho, outros momentos também foram citados para a realização da leitura no cotidiano do trabalhador: ônibus fretado ou transporte público utilizado no deslocamento entre casa e empresa; filas de espera; e a própria casa, junto à família.

Para apresentar a riqueza de exemplos do momento da leitura, Chartier (1996) utiliza-se de exemplos presentes na história da arte. No início do século XVIII, a leitura é realizada a partir da coletividade e é representada pela troca de sabedoria entre quem lê e detém o conhecimento, e quem o escuta, objetivando absorver estes saberes. Além disso, a leitura em voz alta possuía o caráter social de reunir uma comunidade, um grupo de trabalhadores, para uma audição compartilhada. As leituras silenciosas emergiram no mundo das artes no início do século XIX, sobretudo nas pinturas de mulheres leitoras, representadas sozinhas e isoladas na natureza, “como que retirada do mundo” (CHARTIER, 1996) que as cercam. Os homens, neste período, são registrados em locais reclusos, como dentro de bibliotecas pessoais, gabinetes de leitura ou escritórios. Os registros de leitores na sociedade permitem compreender a sensibilidade da sociedade em épocas passadas, assim como a prática da leitura contemporâneas e realiza de forma individual e não coletiva, contudo, não apenas em espaços silenciosos ou privados, mas em bibliotecas, filas de espera e no horário do almoço, demonstrando traços da sociedade atual.

Apresentei, até o momento, os principais motivos para a realização da leitura pelos trabalhadores, seja de livros emprestados na fábrica, por amigos ou comprados, e quais os lugares apropriados, segundo eles, para realizarem suas leituras. Demonstrarei, adiante, quais as leituras realizadas pelos trabalhadores.

2.4 O que leem os trabalhadores?

Afinal, o que leem os trabalhadores? No roteiro de questões, quatro perguntas intencionavam conhecer suas preferências literárias. Os entrevistados deveriam responder por qual gênero literário eles se interessam mais, se encontram esses livros na biblioteca da empresa, como se dá a escolha dos livros e, por fim, se a leitura desses livros instigou o interesse em ler outros gêneros ou conhecer novos autores.

Em relação a essas questões, foram obtidas respostas que reforçam o gênero de leitura favorito. Muitas vezes os títulos ou autores prediletos nem sempre foram mencionados, uma vez que não os lembravam.

O gênero literário mais procurado pelos trabalhadores é o romance. Abrindo o leque para terminologias do romance como romance espírita; e romance policial⁶⁴. Interessante pontuar que todas funcionárias participantes desta pesquisa responderam que preferem este gênero. Esta preferência é justificada, segundo os próprios trabalhadores, por suas narrativas que proporcionam "utilizar a imaginação"⁶⁵:

sabe, romance com suspense, essas coisas, que no final você vai juntar as coisas e saber o que aconteceu. Mas é quando eu não acho assim, romance daqueles bem suaves, eu também gosto. É bem interessante, aquelas histórias bonitas de amor...⁶⁶

Os autores mais citados pelos entrevistados são o escritor norte-americano Sidney Sheldon e a brasileira especialista em romances espíritas Zíbia Gasparetto, respectivamente. Destaco esses autores, pois, seus nomes e títulos são os que surgiam espontaneamente nas falas dos leitores, sem que precisassem pausar para refletir, como aconteceu quando questionados sobre mais autores além destes. *O homem de vidro*, de Sheldon, foi o último livro lido de quatro entrevistadas, mas essa incidência de resposta deve-se à indicação de uma colega em comum e a disponibilidade de dois exemplares deste livro na biblioteca da fábrica.

O livro *Pai rico, pai pobre*, de Robert Kiyosaki é o livro que mudou a vida do funcionário S., tanto que o indicou para todos os seus colegas. Sua escolha deve-se ao fato de que agora que tem um filho pequeno e acredita na necessidade de “reavaliar os valores que dá ao dinheiro e as pequenas coisas”⁶⁷. O livro aborda estratégias de proteção do patrimônio financeiro e os livros deste autor pertencem ao gênero literário denominado autoajuda, muito recorrente nas falas dos trabalhadores. Bosco (2001) apresenta as origens da concepção da expressão autoajuda de acordo com seu criador, o autor inglês Samuel Smiles. Para o autor, este é o gênero literário cujo conteúdo “orienta as pessoas para autonomia”, que, na concepção do autor, é veiculada pelo crescimento individual, a partir da prosperidade econômica e moral. Esta emancipação econômica do indivíduo também está presente nos

⁶⁴Segundo Sandra Reimão (198?) são livros cuja narrativa envolve um crime a ser descoberto, a investigação na qual o leitor interage como um segundo detetive e a descoberta do malfeitor.

⁶⁵Informação fornecida por funcionária M. A. em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em agosto de 2015.

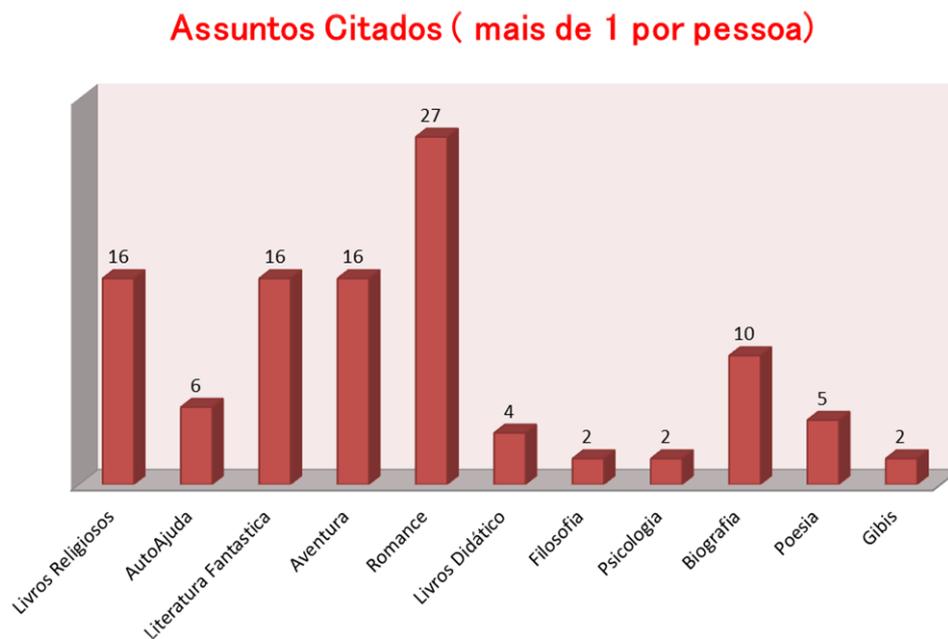
⁶⁶Informação fornecida por funcionária J. em entrevista etnográfica, em Diadema, em novembro de 2015.

⁶⁷Informação fornecida por S. em entrevista etnográfica, em Diadema, em novembro de 2015.

livros *Quem mexeu no meu queijo?*, de Spencer Johnson, e *Os sete hábitos de pessoas altamente eficazes*, de Stephen Covey, citados por outros trabalhadores.

Outros gêneros foram citados, porém, com menor frequência: livros religiosos, literatura fantástica, aventura, literatura nacional, livros didáticos para concursos, filosofia, psicologia, biografias, poesia e gibis.

Gráfico 1: Assuntos citados pelos trabalhadores



Fonte: Produção da autora

Para cada gênero literário escolhido, existe a motivação e os interesses do leitor, conforme será demonstrado a seguir.

A história de Harry Potter, o menino bruxo que, com a ajuda de seus amigos, combate o mal através da magia, é a mais procurada por S., funcionário da linha de montagem de peças da Papaiz. cursando atualmente Educação Física, gosta de ler livros de aventura e fantasia. Outro autor que aborda temática semelhante é Paulo Coelho. Seus livros *O Alquimista* e *Verônica decide morrer* estão entre os mais lidos pelos funcionários da Legas Metal. Por sua vez, o *Bruxo do Cosme Velho*, epíteto de Machado de Assis, apareceu somente uma vez na lista, pois a funcionária Maria Beatriz, da Volkswagen, precisou retirar o livro *Memórias póstumas de Brás Cubas* para sua filha utilizar na escola.

Em todas as fábricas entrevistei trabalhadores que cursavam o ensino superior. Dentre esses, sete entrevistados realizam cursos na área de humanidades. Seus gostos literários dividem-se em dois momentos: livros didáticos solicitados pela faculdade e livros de lazer. O maior motivo para este fato é que as leituras exigidas pela faculdade ocupam a maior parte do tempo disponível, ou seja, fora do trabalho ou da faculdade, em detrimento dos livros escolhidos para os momentos de lazer.

O único entrevistado que destoa dessa estatística é o funcionário da Volkswagen responsável pela designação dos carros utilizados na fábrica, que iniciou suas atividades na empresa como ferramenteiro, formou-se em filosofia e iniciou uma pós-graduação em gestão de pessoas. Quando questionado sobre sua predileção de leitura, responde:

dentro da empresa eu tenho lido sobre Lacan, psicanálise, filosofia e livros de história, isso é minha busca. Nunca outro tema, sempre filosofia, história, psicanálise, filosofia⁶⁸.

Nem sempre esses trabalhadores encontram os livros referentes a seus cursos na biblioteca da fábrica. Segundo um deles, a biblioteca o auxilia em seus estudos através do “espaço de leitura e a *internet*”, pois os livros “não atendem algumas necessidades acadêmicas”⁶⁹.

A curiosidade em conhecer como determinada pessoa vive é a maior motivação para a leitura de biografias. Luciene, da empresa Papaiz, pegou emprestado o livro *Lula, o filho do Brasil*, pois acredita na aproximação com seu conterrâneo, devido à trajetória de vida semelhante, ao menos espacialmente, pois ambos nasceram em Pernambuco e foram tentar a vida no ABC Paulista. O agente de leitura e também leitor da própria biblioteca que administra, Valderez, elegeu o livro *Vidas Secas* como seu favorito devido a sua própria história de vida:

o último livro que li foi o *Vidas Secas* e foi o que mais me marcou, porque, como nasci no Nordeste, mostrou a realidade que eu vi. Dos 12 a 19 teve um período de seca na região que me marcou pra caramba. Foi o último que li e foi o que mais me marcou⁷⁰.

Mesmo tratando-se de gêneros distintos, tanto a biografia de Lula quanto o clássico livro de Graciliano Ramos, que apresenta a trajetória de Fabiano e sua família sobrevivendo à

⁶⁸Informação fornecida por funcionário A. em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em abril de 2015.

⁶⁹Informação fornecida por M. em entrevista etnográfica, em Diadema, em abril de 2016.

⁷⁰Informação fornecida por Valderez Amorim em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

seca do sertão nordestino, proporcionam a releitura da própria vida do trabalhador. Segundo Valderez, o mesmo livro foi indicado à sua esposa, que não se interessou pela leitura pois, segundo ele, o fato de ela "ter nascido no Paraná e não ter vivido a seca" fizeram-na se desinteressar da leitura proposta.

A relação entre leitura, experiências vividas e experiências que gostariam de viver é intensamente presente nas respostas dos trabalhadores. É possível identificar nos títulos citados ou nos gêneros preteridos as intenções de suas leituras.

D., operário da Legas Metal, descobriu na biblioteca sua habilidade com as palavras. Na primeira vez em que esteve lá, retirou por acaso um livro de Vinicius de Moraes e se encantou pela flexibilidade das palavras. Do encanto, D. fez seu canto e passou a escrever seus próprios versos de poemas a partir de cenas cotidianas para, segundo ele, animar os colegas e trazer palavras belas para o dia a dia. Um trecho do *poetinha* foi escolhido por Denis para ser destacado na parede da biblioteca. O poema aproximou outra funcionária à leitura de poesia. Ambos enfatizam que não é qualquer poesia que os interessa, somente aquelas que possuem uma musicalidade, ou melhor, uma cadência.

A apresentação física do livro também é levada em consideração na hora da escolha. Funcionários revelam que a ilustração da capa, o tamanho (tanto pela quantidade de páginas, quanto pela dificuldade de carregar) e a tipografia gráfica são fatores também considerados no ato do empréstimo. De acordo com a funcionária D. da empresa Legas Metal, "se eu vejo a capa com aquelas fotos de casal já me interessa, sei que vai ter romance, intriga, suspense, tudo que eu gosto"⁷¹.

A percepção da capa da capa de uma obra é uma estratégia de escolha de livros de acordo com seu gosto literário. Muitas editoras recorrem a este recurso para cativar leitores antigos e aproximar novos leitores de livros pertencentes a gêneros semelhantes. Dentre as teorias de recepção de leitura presentes em Iser (1989 *apud* Zilberman, 1989, p. 64) não só a capa como também os elementos internos do livro são denominados "apelos do texto", pois, segundo o autor, "a obra literária é comunicativa desde sua estrutura".

⁷¹Informação fornecida por funcionária D. em entrevista etnográfica, em Diadema, em novembro de 2015.

2.5 Não costumo ler, só a Bíblia...

Um dos dados mais revelador sobre o tipo de leitura realizada pelos trabalhadores fabris refere-se a quantidade declarada de livros religiosos que são lidos, dado consonante com os resultados obtidos na pesquisa *Retratos da leitura do Brasil*, em que o número de leitores que declararam ser a Bíblia o seu último livro lido cresceu vertiginosamente no ano de 2016.

O livro mais citado pelos trabalhadores, inclusive aqueles que declararam não ler nenhum livro, é a *Bíblia Sagrada*. Embora nenhuma das bibliotecas ofereça esta obra em seus acervos, a maioria dos trabalhadores a consideram como o livro lido e consultado com maior frequência, porém ambas realizadas de forma íntima em suas casas, de modo velado e pessoal. Petit (2013) desvenda a existência de tipos de livros considerados ideais para as leituras matutinas e noturnas. Para Petit, assim como para os trabalhadores entrevistados, a Bíblia é considerada uma escolha de leitura noturna de forma "discreta e secreta" (PETIT, 2013, p.103).

Este foi o único livro que recebeu uma resposta afirmativa para a questão sobre a busca de novos autores através da leitura. A leitura da Bíblia proporciona a busca de novos títulos, os religiosos. Com o mercado editorial de livros religiosos em expansão, cresce a cada dia a oferta de títulos, o que favorece a procura de outros livros deste mesmo gênero.

Assim como a literatura de autoajuda, o mercado editorial de livros evangélicos atrai um elevado número de leitores, explorando uma gama de assuntos que refletem os interesses subjetivos do indivíduo social. De acordo com o antropólogo Bernardo Lewgoy, a ascensão da busca deste gênero relaciona-se à

crise das fontes tradicionais de autoridade e sentido e à fragmentação das respostas congregacionais aos problemas enfrentados em esferas diferenciadas da vida como: as mutações morais nos limites entre o permitido e o proibido; as modificações na estrutura e no sentido das relações familiares; as transformações no mundo do trabalho e no estilo de vida dos grupos urbanos nos quais se originam as memórias; o lugar da juventude e do envelhecimento como categorias emergentes de preocupação e formulação de discursos nos diferentes grupos religiosos; as metamorfoses na condição social da mulher na família e na religião; o novo e legítimo lugar das relações amorosas e do prazer sexual no discurso teológico e no aconselhamento pastoral; a busca da prosperidade material e da ascensão social como valores da cultura do individualismo que passam a ter endosso religioso; as novas

formas de sociabilidade e lazer ligadas ao consumo e ao lazer; o deslocamento das fronteiras entre teologia, individualidade e psicologia; a forte ênfase na categoria cardinal “autoestima”, na felicidade no presente e nos novos significados e práticas ligadas ao corpo, à estética e à saúde (LEWGOY, 2005, p.4).

Dentre os livros citados pelos trabalhadores, tem-se *Casamento blindado*, de Renato e Cristiane Cardoso, no qual são apresentadas orientações para manter relacionamentos afetivos duradouros e possíveis soluções de conflitos ligadas à vida matrimonial de um casal, nota-se que os autores são membros da igreja evangélica e a narrativa aborda situações baseadas em suas crenças religiosas. Assemelha-se a esta narrativa aconselhadora o livro *Tempo de esperas*, do Pe. Fabio de Melo. Através de uma história entre dois personagens fictícios, são exploradas lições sobre a base da crença cristã católica, com o objetivo de instruir e amparar o leitor. Os dois títulos foram mencionados como a última leitura de quatro entrevistados. A escolha dos títulos é baseada na indicação de pessoas ligadas à comunidade religiosa da qual os trabalhadores fazem parte.

2.6 O que a fábrica oferece

Destaco que os livros ditos lidos pelos trabalhadores nas entrevistas não são somente retirados na biblioteca da fábrica. Muitos foram adquiridos através da compra em livrarias ou sebos ou emprestados por algum conhecido. No entanto, nenhum foi emprestado em outras bibliotecas, devido ao fato de as bibliotecas municipais de São Bernardo do Campo e Diadema funcionarem em horários comerciais, impossibilitando que o trabalhador as frequente.

Entretanto, as conversas com os leitores recaem sobre um curioso ponto: a veracidade das informações. Entre os livros que se afirma serem lidos e os realmente lidos existe uma diferença intencional, ou não, do entrevistado, como explana o sociólogo Pierre Bourdieu:

de fato, evidentemente, a mais elementar interrogação das interrogações sociológicas ensina que as declarações concernentes ao que as pessoas dizem ler são muito pouco seguras em razão daquilo que chamo de efeito de legitimidade: desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende: que é que eu leio que merece ser declarado? Isto é: que é que eu leio de fato de literatura legítima [...]. E o que ele responde, não é o que escuta ou lê verdadeiramente, mas o que lhe parece legítimo

naquilo que lhe aconteceu ter lido ou ouvido (BOURDIEU, *in* CHARTIER, 1996, p.236).

As alternâncias entre as respostas talvez não sejam propositais. Acredito que em alguns casos os títulos lidos perdem-se na memória do leitor no momento em que a pergunta é lançada. Contudo, para compreender quais livros efetivamente são emprestados pela biblioteca da fábrica, acessei as listagens de empréstimo dos acervos da Papaiz e da Legas Metal. Os livros mais lidos da biblioteca Volkswagen são elencados em seu blog. Desse modo, apresentarei os títulos mais retirados pelos trabalhadores nas bibliotecas das fábricas. Reforço que nem todos os livros emprestados nas fábricas são efetivamente lidos pelo trabalhador, porém, acredito que esses títulos, por algum motivo, atraíram a atenção de seu potencial leitor, seja pelo título, pela capa ou pela sinopse na contracapa.

2.7 O que as bibliotecas emprestam para os trabalhadores?

As predileções de leitura citadas até agora dizem respeito aos livros que os trabalhadores leem, adquiridos das mais diversas maneiras. Interessante compreender quais livros estão à disposição dos trabalhadores no acervo da fábrica. Cada um dos Pontos de Leitura das fábricas do ABC Paulista recebeu do Governo Federal o mesmo acervo de livros, composto pelas mesmas editoras e mesmos autores. Além dos livros, a coleção inicial conta com 52 títulos de multimídia, composta por CD-ROM da Enciclopédia Barsa, educativos infantis, DVDs, CDs de músicas e audiolivros.

As bibliotecas integrantes do projeto Leitura na Fábrica iniciam seus trabalhos com um acervo composto pelo assunto *Artes*, que inclui livros de arquitetura, fotografia, pintura e teatro; *Ciências e Ciências e tecnologias* com livros que tratam de assuntos que vão desde anatomia humana até manuais de instalação elétrica, passando por cidadania. *Esporte*, área composta por um livro de técnicas de futebol do jogador Raí; *Biografia*, com uma obra de Machado de Assis; *Generalidades*, área com nome abrangente, que possui somente um livro de invenções; *Geografia* e atlas; *História*, com títulos como *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e um grande enfoque em títulos da história do Brasil, destacando-se o período do Brasil monárquico; a seção de *Referência* contém dicionários de línguas (português, inglês e espanhol) e a coleção completa da Enciclopédia Barsa, cuja última edição impressa foi lançada em 2001; a área de *Religião* possui somente três títulos: um sobre

espiritismo, o segundo explica o islamismo e o último é um guia de todas as religiões; e, por fim, na área de *Ciências sociais* os livros de economia política, correntes marxista, socialista ou, até mesmo, capitalista dão lugar a uma coleção de contos folclóricos e saúde coletiva.

Os temas de maior destaque no acervo é a literatura, dividida em quatro diferenciações: *Língua e literatura*, com títulos como *Como e por que ler*, de Harold Bloom, e cursos de redação; *Literatura brasileira*, composta tanto por autores clássicos, como Machado de Assis, como os contemporâneos, como Milton Hatoum e João Ubaldo Ribeiro; *Literatura estrangeira*, com livros como *Ficções*, de Jorge Luis Borges, e *Cem anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez. *Literatura Infantil*, a seção com mais títulos de todo o acervo, contabiliza, ao todo, 218 itens, o que reforça a ideia do projeto de levar a prática de leitura para as residências, a começar pelos filhos dos funcionários.

*Best-sellers*⁷², autoajuda e literatura religiosa não são contemplados nas coleções. Cada fábrica desenvolve uma política de acervo. Nas duas empresas pesquisadas e que fazem parte do projeto Leitura na Fábrica, as políticas de aquisição de novos itens são distintas. Enquanto a Legas Metal não realiza compra de novos livros, seu acervo aumenta a partir da doação de novos itens, sempre observando as características físicas dos livros. A Papaiz compra livros novos de acordo com a demanda dos trabalhadores e esses títulos também são analisados pelo setor administrativo da empresa com apoio da psicóloga, com o objetivo de verificar se os conteúdos solicitados estão em consonância com a política da empresa.

O acervo é composto, ao todo, por 750 títulos lançados por somente 146 editoras. Os números reforçam a teoria de que, assim como os editais para a aquisição de livros didáticos, que integram os acervos das bibliotecas pertencentes à rede de escolas públicas no país, somente algumas editoras concorrem e lucram com o dinheiro público. Esse processo iniciou-se com a proposta do Ministério da Educação (MEC) para a compra de livros para as bibliotecas públicas escolares de todo o país através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE), que se estendeu para o Ministério da Cultura. Com este mesmo fundo, realizam-se compras para os Programas de Cultura pertencentes ao Governo Federal. Lindoso (2014) aponta que, atualmente, os Ministérios da Cultura e Educação movimentam cerca de um terço da produção editorial brasileira.

⁷² De acordo com Maria Helena Martins (2003), *best-sellers* são livros que figuram as listas de mais vendidos por um determinado período.

Nesse caso, a participação das editoras nas listagens de formação de acervos para programas como Pontos de Leitura movimentou seu orçamento, assim como garante sua sobrevivência perante a crise vivida atualmente no mercado editorial nacional.

Com uma política de aquisição de livros independente do governo, a biblioteca da Volkswagen formou seu acervo a partir do que o Instituto Brasil Leitor julgou como necessário para compor a biblioteca de uma fábrica operária. Com um vasto e moderno acervo, as aquisições obedecem à necessidade de livros dos centros de estudos que fazem parte da Fundação Volkswagen, além de compras solicitadas pelos leitores e selecionadas pela bibliotecária. O catálogo é informatizado e pode ser consultado *on-line*, sem que o trabalhador necessite ir à biblioteca para consultar a disponibilidade da obra almejada.

No *blog*⁷³ da biblioteca da Volkswagen eram anunciados os títulos mais emprestados. No ano de 2014, os romances do autor norte-americano Nicholas Sparks, destacaram-se como os mais emprestados, ocupando três posições dos dez títulos mais solicitados. Outros livros que pertencem a esta listagem são *Getúlio*, de Lira Neto; *A cidade do sol* e *O caçador de pipas*, de Khaled Hosseini; *Capitães da areia*, de Jorge Amado; *O dia de caça*, de Harlan Coben; *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, de J.K. Rowling e *As esganadas*, de Jô Soares. Já em 2015, destacou-se o brasileiro Augusto Cury com quatro livros no *ranking*, acompanhados de *De volta à cabana*, de C. Baxter Kruger; *A sombra do vento*, de Carlos Ruiz Zafón; *Cilada*, de Harlan Coben; *A mão esquerda de Deus*, de Paul Hoffman; *Guerra dos tronos* e *Tormenta das espadas*, de George R. R. Martin.

O acervo pertencente à biblioteca da Papaiz cresceu vertiginosamente após o início do projeto. Atualmente, os trabalhadores possuem à disposição 5000 títulos, além da grande quantidade de doações que aguardam ser catalogadas. A frequência desta biblioteca é de 900 empréstimos por ano, sendo que houve, nos últimos dois anos, diminuição na quantidade de livros retirados.

A aquisição de títulos pela biblioteca da empresa Legas Metal depende totalmente de doações de livros para crescer, visto que não está prevista a compra de materiais em seu orçamento. Dispõe, assim, de aproximadamente 1000 títulos e uma frequência de 200 empréstimos ao ano, justificado pela quantidade inferior de trabalhadores que atuam nesta

⁷³No momento da escrita final deste trabalho, o blog da biblioteca foi retirado do ar devido à falta de atualização. Utilizo, portanto, dados coletados na página eletrônica durante os anos de 2014 a 2015.

empresa, em relação à empresa anterior. A biblioteca da empresa Volkswagen não permitiu o acesso e a conferência do documento em que consta o total de empréstimos de seu acervo.

Evidenciam-se, a seguir, os títulos mais emprestados nas bibliotecas das fábricas entre os anos de 2010 a 2015, divididos por gênero.

Os livros religiosos mais emprestados foram *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*, de Mark Baker; *O Amanhã a Deus pertence, A Vida Sabe o que Faze Onde está Tereza?*, de Zíbia Gasparetto; *Ágape*, de Pe. Marcelo Rossi; *Islam e Islamismo*, de Roberto Cattani; *Maria, A Maior Educadora da História*, de Augusto Cury.

Com maior incidência de empréstimos, tem-se a área de administração pessoal e financeira, compreendendo os livros: *Como planejar, organizar e controlar o seu dinheiro*, de Rodrigo Ferreira; *Super dicas para viver bem e ser mais feliz*, de Flavio Gikovate; *Não Tenha Medo de Ser Chefe*, de Bruce Tulgan; *Filho Rico, Filho Vencedor: como preparar seu filho para ganhar dinheiro*, de Robert Kiyosaki; *Mulheres Lideram Melhor que Homens*, de Lois Frankel; *Os Segredos da Mente Milionária*, de T. Harv Eker; *O monge e o executivo*, de James C. Hunter; *O Gerente Efícaz*, de Peter Drucker; *Produção Lean simplificada*, de Pascal Dennis; *Psicologia para Administradores de Empresas*, de Paul Hersey; *O sucesso é ser feliz*, de Roberto Shinyashiki; *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu; *Administração do tempo*, de William Douglas.

Compondo a seleção de livros de literatura emprestados, estão *O Aleph*, de Paulo Coelho; *A revolução dos bichos*, de George Orwell; *O guarani*, de José de Alencar; *Buick8*, de Stephen King; *Comédias da Vida Privada*, de Luis Fernando Veríssimo; *O menino do Pijama Listrado*, de John Boyne; *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector; *As Brumas de Avalon*, de Marion Bradley; *O Código da Vinci*, de Dan Brown; *A Cabana*, de William Young; *O Silêncio das Montanhas*, de Khaled Hosseini; *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak; *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum; *O vendedor de sonhos*, de Augusto Cury; *A Hospedeira*, de Stephanie Meyer.

Dentre os livros infantis e infanto-juvenis, estão *Diário de um Banana*, de Jeff Kinney; *Fábulas de Esopo*, de Esopo; *Quando mamãe virou um monstro*, de Joanna Harisson; *Adivinha Quanto eu te amo*, de Sam McBratney; *A bela borboleta*, de Ziraldo; *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga; *Harry Potter e a Câmara Secreta*, de J. K. Rowling.

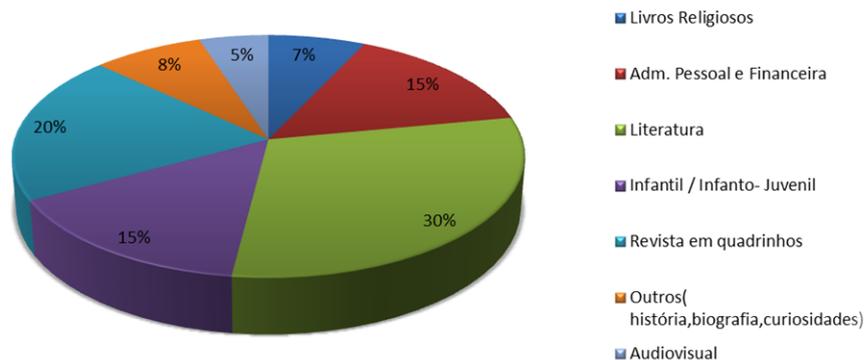
Quanto a outros gêneros, os empréstimos foram de *Redação para os vestibulares atuais*, de Marize Medeiros Borges; *Por uma outra globalização*, de Milton Santos; *Kasinsky, um gênio movido a paixão*, de Maria Lúcia Doretto; *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, de Leandro Narloch; *Samuel Klein e Casas Bahia - Uma Trajetória de Sucesso*, de Elias Awad; *A arte de argumentar*, de Antonio Suarez Abreu; e *Luigi*, de Antonio Papaiz.

As revistas em quadrinho, como Mangás, Turma da Mônica, Disney, também configuram a lista dos títulos emprestados.

Por fim, no que diz respeito ao material audiovisual, foram eles *Eu Sou a Lenda*; *Marley & Eu*; *Matrix*; *Premonição*; *Up - Altas aventuras*; *A força de um amor*; *Um homem de sorte*; *Ela dança, eu danço*; *Confraternização final de ano (Papaiz) 2010*; *Confraternização final de ano (Papaiz) 2012*.

Gráfico 2 – Gêneros literários efetivamente emprestados (2010 – 2015)

O que os trabalhadores emprestam (2010– 2015)



Fonte: Produção da autora

Verifica-se nas bibliotecas estudadas o alto número de empréstimo de filmes, em sua grande maioria, norte-americanos, contemplando os gêneros ação, aventura e romance. Contudo, em 2012, ocorreu uma alta procura pelo filme *Invasões bárbaras*, premiado filme dramático franco-canadense de Denys Arcand, que conta a história de Rémy, um historiador, professor universitário, que se encontra em fase terminal de um câncer e seu filho que tenta proporcionar um final de vida melhor a seu pai. O estranhamento inicial causado pela procura de um filme diferente dos padrões apresentados, de acordo com os demais empréstimos, é

justificado por um funcionário ter sido diagnosticado com câncer em fase terminal e seus companheiros de empresa esforçarem-se para compreender como lidar com este momento delicado através da linguagem cinematográfica.

Os registros realizados das festas de confraternização da empresa Papaiz também se destacam pela abundante quantidade de empréstimo, alcançando 25 empréstimos em um semestre. Para além da mera sensação de se ver em momentos de confraternização, segundo um dos entrevistados, há um sentimento de "festa de encerramento do ano com a própria família. É como se o ano só terminasse se eu comemorasse com eles, e eu gosto de ver a gente"⁷⁴.

Este sentimento familiar revelado ressoa no empréstimo do livro *Luigi*, de Antonio Papaiz, que narra a trajetória da família Papaiz desde os percalços sofridos na Itália até a chegada ao Brasil, as primeiras dificuldades em um novo território, perpassando por sua ascensão financeira ao apostar em uma empresa de chaves e construir um grande patrimônio. Segundo a administradora da empresa, o interesse por este livro decorre-se do sentimento de familiaridade que os funcionários possuem com a empresa, ler os fazem “conhecer mais sobre a família à qual também pertencem”⁷⁵.

As trajetórias de homens notórios no mundo empresarial também são assuntos de intenso interesse para os trabalhadores. O livro *Samuel Klein e Casas Bahia - Uma Trajetória de Sucesso*, de Elias Awad, apresenta a trajetória de Samuel Klein, dono das Casas Bahia, que, assim como Luigi Papaiz, enfrentou diferenças culturais e, ainda assim, conseguiu formar um patrimônio considerável com sua loja de móveis e eletrodomésticos. O livro encontra-se desde 2010 nas listagens de empréstimo com saída recorrente.

O território de livros que versam sobre administração financeira e trajetórias de sucesso é, como destacado no gráfico acima, o mais intenso em número de empréstimo. Administração financeira pessoal ou livros que sugerem estratégias para o sucesso profissional disparam no interesse do público leitor. A ideia aparente por trás desses empréstimos é a capacidade de se emancipar financeiramente ao seguir as instruções presentes nos livros, conforme os títulos *Os Segredos da Mente Milionária*, de T. Harv Ekere, e *Como planejar, organizar e controlar o seu dinheiro*, de Rodrigo Ferreira. Após esse estágio, a aptidão a ser conquistada é a manutenção do sucesso através da capacidade de

⁷⁴ Informação fornecida por funcionário em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

⁷⁵ Informação fornecida por Claudia em entrevista etnográfica, em Diadema, em junho de 2016.

gestão, como no livro *Não Tenha Medo de Ser Chefe*, de Bruce Tulgan, seguido de *O Gerente Eficaz*, de Peter Drucker, e, por fim, a estabilidade da continuidade no êxito com as *Super dicas para viver bem e ser mais feliz*, de Flavio Gikovate, e para garantir as ações futuras através das gerações: *Filho Rico, Filho Vencedor: como preparar seu filho para ganhar dinheiro*, de Robert Kiyosaki.

O acervo de literatura religiosa também compõe uma área de auxílio e conselhos para suportar dificuldades da vida. Os títulos apresentados como destaque no gênero tangenciam os aconselhamentos presentes na autoajuda, através de recomendações genéricas que podem atuar em diferentes esferas da vida do indivíduo, não somente a econômica, como também emocional, vide *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*, de Mark Baker, até livros que conformam o leitor, como *O Amanhã a deus pertence, A Vida Sabe o que Faz*, de Zíbia Gasparetto.

De livros clássicos à literatura recente norte-americana, a escolha de livros de ficção é abrangente e sua recorrência pode ser justificada de acordo com a necessidade escolar, como livros presentes nas listas de vestibulares, como *O Guarani*, de José de Alencar, até livros que viraram filmes, a exemplo de *O Código da Vinci*, de Dan Brown, ou em sua grande maioria, *best-sellers*, que, devido à demasiada exposição na mídia, geram a curiosidade a respeito de seu conteúdo. Destaco o suspense presente em *Buick8*, de Stephen King, construído a partir história do carro, o Buick Roadmaster, que guarda consigo segredos sobrenaturais da vida. Reitero o interesse do público leitor de fábricas que atua no ramo automobilístico por livros que abordam seu meio de produção.

A seção de livros infantis e infanto-juvenis destaca-se por constar de títulos retirados para a prole do trabalhador. Com estes livros não se intenta somente que os filhos tornem-se ricos, como demonstrado anteriormente, mas também o desejo de alfabetizar, incentivar a imaginação da criança e do adolescente através de um escopo de leitura.

Revistas em quadrinhos são notavelmente itens de intensa procura, com foco nas aventuras da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, e de super-heróis. Os leitores deste modelo de revista são, além dos trabalhadores, seus filhos. A exemplo de um funcionário da área administrativa da empresa Legas Metal, que declarou retirar esse material a pedido da filha, mas, antes de lhe entregar, adquiriu o hábito de ler para conhecer melhor seu conteúdo e verificar se é adequado para a idade da criança. Com este hábito, ele mesmo começou a se interessar pelo estilo literário e atualmente retira revistas tanto para ele quanto para ela. De

acordo com Ramos (2010), a revista em quadrinhos emprega uma linguagem que favorece o contato do leitor com outros textos, devido a sua forma curta, e por se utilizar dos recursos estilísticos, é um tipo de leitura que convida tanto um leitor inicial, quanto um apartado, a se interessar por novos estilos de texto.

Foram ressaltados outros títulos, que não enquadram-se nos gêneros literários demonstrados anteriormente. Dentre estes, enfocamos o livro de Milton Santos, que apresentou quatro empréstimos em duas fábricas pesquisadas durante os últimos cinco anos de projeto. No livro, Santos destaca os pilares da desigualdade social engendrada pela globalização e que resulta no empobrecimento da população e na competitividade desigual. A criticidade presente no livro através da narrativa singular de Santos é uma forma de o trabalhador conhecer assuntos nos quais ele está profundamente imerso, acarretando, provavelmente, numa maior criticidade deste leitor em relação ao seu entorno.

Através da listagem de empréstimo, podemos destacar as ausências de títulos no acervo. Ao elaborar esta pesquisa, intentei verificar se alguns títulos eram oferecidos aos trabalhadores, entre eles destaco *Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx e Frederich Engels; livros de direito trabalhista, como Constituição de Leis do Trabalho (CLT) e livros que enfocam a classe laboriosa como protagonista em ações sociais, como o próprio filme *A classe operária vai ao paraíso*, de Elio Petri, *O ABC da greve*, de Leon Hirzman, os livros *Eles não usam Black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri. Um de meus objetivos era comprovar se em algum momento intentou-se apresentar aos trabalhadores livros no tocante a seus direitos e que os apresentem como classe. Porém, esses títulos não estavam na biblioteca.

No período em campo, pude perceber que não existe uma relação de classe trabalhadora como a proeminente existente no final da década de 1970 e início dos anos 1980. O auge das lutas trabalhistas no mundo e, em especial, no ABC Paulista, foi eternizado em obras que os trabalhadores atuais desconhecem. Tive a oportunidade de perguntar a alguns operários se conheciam algumas das obras citadas acima. Somente um funcionário, que fazia parte do setor administrativo, conhecia o *Manifesto do Partido Comunista*, lido quando ainda era adolescente. Ao invés de uma leitura politizada, encontrei e pude demonstrar leituras de livros que atendem a demandas mais individuais, fato que pode ajudar a compreender um novo momento das camadas operárias, bastante diferente da década de 1980.

As leituras dos operários agentes nas grandes greves dos anos 1980 podem não ser os livros que os colocam em voga a atuação de militância ou reivindicação. Em verdade, essas

produções, a exceção da CLT e do *Manifesto do Partido Comunista*, são retratos construídos pelo movimento operário da época. É possível esperar que aquele mesmo trabalhador, cujas imagens o mostram discursando em palanques e convocando os trabalhadores para grandes assembleias, prefira grandes romances ou até mesmo, a Bíblia, em seu momento íntimo de leitura.

Sabe-se também que, na atualidade, a simples leitura de alguns livros de conteúdo político não fará com que o movimento operário ressurgja. A leitura deve ser parte de uma experiência do indivíduo somada ao arcabouço de vivências. O resultado desta operação poderá transformar o leitor em um indivíduo crítico, com a possibilidade de alterar a realidade ao seu redor.

2.8 Por que não ler?

Ir à biblioteca não é sinônimo de encontrar leitores. O espaço de leitura tem múltiplas utilidades para os trabalhadores, inclusive a de não ler. Devido à constante recorrência de respostas negativas ao realizar a principal pergunta do questionário, “você costuma ler?”, desenvolvi um questionário específico para trabalhadores que não leem (Anexo 2). Para este novo modelo de questionário, entrevistei sete trabalhadores que, durante o horário do almoço, acompanhavam algum amigo ou aproveitavam o espaço para relaxar e que foram abordados dentro da biblioteca⁷⁶.

A opção de não ler é realizada conscientemente. A leitura é vista como importante para todos esses trabalhadores, porém, as justificativas apresentadas para não ler são relacionadas ao cansaço físico que o trabalho produz; à falta de tempo; à falta de concentração, visto que a leitura exige muita atenção; e à falta de paciência.

Mesmo os trabalhadores que ainda estudam relatam a antipatia pela leitura:

quando tem que ler para tirar nota, eu até leio. Mas por vontade, assim, prefiro não ler. Venho na biblioteca mais pra ficar tranquilo, mas eu vou nas áreas abertas também⁷⁷.

⁷⁶Para o Instituto Brasil Leitor (IBL), 'não leitor' é aquele que não leu nenhum livro nem em partes nos últimos 3 meses (INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil, 2016)

⁷⁷Informação fornecida por funcionário E. em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2015.

A biblioteca é comparada a um espaço de descanso, assim como as áreas verdes presentes nos jardins de algumas empresas. Estar presente não significa que o trabalhador se relacione com aquilo que o espaço oferece. Ainda que alguns trabalhadores vejam a leitura como algo importante, eles não a realizam, como o E., que afirma: "não sou muito de ler. Às vezes, quando preciso leio a Bíblia em casa, preciso ler mais, eu sei. Ler é muito importante, né?"⁷⁸.

O funcionário reconhece a importância da leitura, mas opta por não realizá-la. Neste caso, a única referência de leitura é a Bíblia, e só é realizada quando julga necessário. A leitura, por ser associada ao tempo livre, concorre com outras práticas de lazer no cotidiano dos trabalhadores, como assistir televisão, ouvir música, usar a *internet*, realizar esportes. Entretanto, a constatação de que "ler é importante" demonstra a valorização da leitura até mesmo por aqueles que não a realizam.

Decerto que em cada fábrica utilizada por esta pesquisa, o número de trabalhadores que não possui o hábito da leitura pode ser maior do que aqueles apresentados. Isso porque realizei as entrevistas em um espaço programado para receber leitores.

O enaltecimento da leitura advém da mesma origem da interpretação de que esta pode resultar em aspectos positivos para o indivíduo. Nesta visão, a pessoa que lê é capaz de desenvolver um senso crítico fundamentado nos conhecimentos adquiridos no ato de ler.

Apesar das diferenças de escolaridade presentes nas empresas, a escolha de títulos para empréstimo apresentou resultados semelhantes. Ao oferecer livros que almejam atender a todos funcionários da empresa, porém, com maior foco nos empregados administrativos, a Volkswagen, embora oferecendo um abundante acervo de livros técnicos, possui a maior retirada de romances. A Papaiz, por sua vez, ao investir em um acervo com livros que obedecem aos valores e normas da empresa, apresenta um alto índice de empréstimos de autoajuda e administração pessoal e financeira. Enquanto a empresa Legas Metal, que não possui um desenvolvimento de acervo definido, tem como livros mais emprestados os romances e livros religiosos.

⁷⁸Informação fornecida por funcionário E. em entrevista etnográfica, em Diadema, em outubro de 2014.

As leituras realizadas nas fábricas, além de não refletirem a politização do operariado atual, apresentam a individualização dos interesses, afastando-se cada vez mais do que fora proposto pelos desenvolvedores do projeto Leitura na Fábrica. Em vez de vermos leituras capazes de formar o senso crítico no indivíduo, foram encontradas leituras que atendem a demandas pessoais. Porém, a oferta de livros para o trabalhador atende ao objetivo geral do projeto, que é alargar a visão de mundo do trabalhador através da democratização do acesso à cultura letrada.

Os resultados obtidos a partir dos conhecimentos expandidos através da leitura no decorrer de seis anos de bibliotecas nas fábricas serão discutidos no próximo capítulo, a partir da intenção de cada parte atuante nesta empreitada.

Capítulo 3

ABC da biblioteca

“Aparafusando, desocupados ou de braços cruzados, os braçais não pensavam apenas em emprego, mas no trabalho e, assim, incluíam a linha, a firma e o sindicato na construção de sua identidade”.

(Antonio Luigi Negro - Linhas de montagem)

Apresentação

Após estudar o funcionamento das bibliotecas dentro das fábricas, averiguou-se que a criação e desenvolvimento dos espaços também podem ser considerados um projeto político. O sindicato e o empresariado, auxiliados pelo governo, uniram-se para oferecer livros e acesso a *internet* e, com isso, estimular a leitura e o contato com a tecnologia. Com o objetivo de responder a uma das hipóteses desta pesquisa, este capítulo se dedica a verificar como o plano inicial do projeto se ajustou ao cotidiano e às relações de interesse dentro das fábricas a partir de seus principais agentes: o sindicato e os donos das fábricas.

Para isso, apresento, inicialmente, a trajetória dessas duas figuras que já protagonizaram lutas representadas por classes antagônicas em sua história e que, neste momento, anseiam para que o trabalhador tenha acesso aos livros.

3.1 A classe operária vai ao sindicato

A conquista de direitos pela classe operária deu-se de modo lento e gradual. Greves, mortes e lutas, marcaram a trajetória do trabalhador em busca de alguns benefícios básicos necessários a sua sobrevivência. As denominadas *lutas* da classe trabalhadora demonstram que as relações entre patrão e empregado não se deram de modo pacífico e cordial. Neste campo de batalha, foi necessária a presença do sindicato para mediar essas negociações.

No início do século XIX, o surgimento dos primeiros movimentos sindicais apresentavam propostas políticas de vertentes anárquicas, como objetivo de conscientizar o trabalhador e mobilizá-lo para realizar “transformações profundas na sociedade” (MATOS,

2009, p.7). O objetivo do sindicato era realizar a revolução a partir da classe trabalhadora, ao ver nesta categoria potencial de revolta e luta.

Desse modo, os donos das empresas viam com malgrado os membros sindicais, pois, em diversos momentos, a insatisfação dos trabalhadores foi inflamada através de seus discursos, cujo era chamá-los para o confronto. Com o passar do tempo, o sindicato institucionalizou-se, acirrando ainda mais as diferenças com o patronato e, por vezes, deixando de representar os funcionários.

A região do ABC Paulista foi palco do principal momento histórico dessas lutas. Durante a ditadura militar, os trabalhadores da empresa automobilística Scania realizaram sua primeira paralisação em 1978, ao reclamarem um índice de reajuste salarial justo e a extinção do número de horas extras sem remuneração por mês. Os operários iniciaram uma série de paralisações que foram espriadas para as diversas fábricas automobilísticas da mesma região.

Realizadas, em sua grande maioria, de modo espontâneo e auto-organizado por trabalhadores que já possuíam conhecimento de resistência em fábricas, na pauta de reivindicações constava o descontentamento com a política salarial vigente na ditadura. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, presidido por Luis Inácio Lula da Silva, negociou o retorno dos trabalhadores para suas atividades e foi o porta-voz dos operários em diversas empresas.

Esse fato marcou o “novo sindicalismo”, em virtude das diferenças que apresentava em relação ao “velho sindicalismo populista”, praticado no Brasil desde a criação da estrutura sindical corporativa⁷⁹ da Era Vargas, que atrelava o sindicato ao Estado e dificultava a mobilização consciente dos trabalhadores. O “velho sindicalismo populista” caracterizava-se, principalmente, por uma baixa combatividade e pela formação de dirigente sindicais facilmente cooptados pelo patronato. De acordo com Galvão (1996), esse sindicalismo desempenhava “mais do que satisfatoriamente, a tarefa para a qual o sindicato havia sido concebido: promover a conciliação de interesses e a eliminação do conflito de classes” (GALVÃO, 1996, p. 26).

⁷⁹Estrutura sindical que estabelecia um papel meramente assistencialista e burocrático aos sindicatos dos trabalhadores reconhecidos oficialmente pelo Estado. Segundo Galvão, o Estado impunha “restrições à atuação dos sindicatos ao mesmo tempo em que lhe oferecia recursos materiais, legais e administrativo” (1996, p.25), dispensando o trabalho de líderes sindicais que pudessem realizar trabalhos de base.

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, futuramente Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (SMABC), destacou-se na história por iniciar as greves operárias nesta região. Durante os anos subsequentes, a quantidade de greves aumentou consideravelmente entre as categorias já tradicionais, como professores, médicos, bancários até as grandes greves gerais convocadas entre os anos 1983 a 1989 que, segundo o historiador Marcelo Matos,

representaram, em seu conjunto, uma possibilidade de unificação das lutas e de elevação do patamar político das demandas dos trabalhadores, que nesses casos dirigiam-se ao núcleo da política econômica dos governos, especialmente à salarial, incluindo bandeiras mais amplas, como a reforma agrária e a suspensão dos pagamentos da dívida externa (MATOS, 2009, p.121).

A união da classe trabalhadora engajada favoreceu o alcance do número mais amplo possível de trabalhadores, fortalecendo, ainda mais, o denominado “novo sindicato”. Por trás da intenção de unificação de lutas emergia a vontade de criar uma Central Única dos Trabalhadores (CUT), visando reunir os representantes de todas correntes sindicais. Devido à divergência de posição de outras correntes, a CUT, à qual o Sindicato dos Metalúrgicos foi agregado, foi constituída sem a presença de uma representação sindical mais moderada, formando-se com a presença de representantes do “novo sindicalismo”, que constituíam, além de oposição sindical às diretorias “pelegas”, partidos de extrema esquerda que se aproximavam de um sindicalismo revolucionário. Em sua ata de formação, afirma-se que

a CUT é uma central unitária, classista que luta pelos objetivos imediatos e históricos dos trabalhadores, tendo a perspectiva de uma sociedade sem exploração, onde impere a democracia política, social e econômica. Seu princípio fundamental é a defesa intransigente dos direitos, reivindicações e interesses gerais e particulares dos trabalhadores brasileiros bem como do povo explorado. (CUT, Conclat, 2011, p. 178)⁸⁰.

A redemocratização do país a partir da aprovação da Constituição de 1988 e das eleições de 1989 encerram a chamada “nova era” do sindicato, com a regularização de algumas de suas demandas. Algumas alterações promovidas pela Constituição não implicaram, todavia, a destruição da estrutura sindical, pois “a legislação trabalhista brasileira continuou impedindo a pluralidade sindical ao estabelecer a arrecadação de recursos pelo

⁸⁰Disponível em:

<https://cut.org.br/system/uploads/action_file_version/28db538e2a80e21837316f32130dc2e0/file/a-construcao-da-estrutura-organizativa-da-cut.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

Estado e submeter às organizações sindicais ao árbitro da justiça do trabalho” (GALVÃO, 1996, p.39).

O início dos anos 1990 foi marcado por um novo cenário econômico e político, o qual o sindicalismo vigente necessitou acompanhar. Esta mudança pode ser elencada através dos seguintes fatores: a derrota da candidatura de Lula (filiação ao PT) nas eleições de 1989, fato que desnordeou algumas lideranças sindicais, ao verem desaparecer a possibilidade de subir ao poder um partido afinado com as causas trabalhadoras; a eleição de um presidente escolhido através do voto direto, restabelecendo a democracia e possibilitando a aproximação entre a classe trabalhadora e o Estado; e o surgimento de uma nova central (Força Sindical), acirrando a concorrência neste cenário.

As dificuldades enfrentadas pela Central Sindical fragmentaram-na a partir do momento em que seus integrantes iniciaram a busca por interesses entre categorias e não mais de forma unificada, como propõe seu nome. Com isso, as categorias sindicais que possuíam maior poder de articulação isolavam-se em suas causas próprias, assim como aconteceu com a indústria metalúrgica no ABC e em especial com o SMABC.

O sindicato mudou gradativamente sua postura, de combativa e confrontacionista para uma posição mais negociadora e conciliadora, aproximando-se, por vezes, de alguns interesses dos empresários, a exemplo dos acordos fechados entre o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC com as grandes montadoras em 1995, 1996 e 2002, sob ameaça de demissão dos trabalhadores contrários, de acordo com Pinto (2010). Sem deixar de realizar assistencialismo ao trabalhador, como atendimentos jurídicos, o sindicato iniciou um processo gradual de reaproximação com o operário.

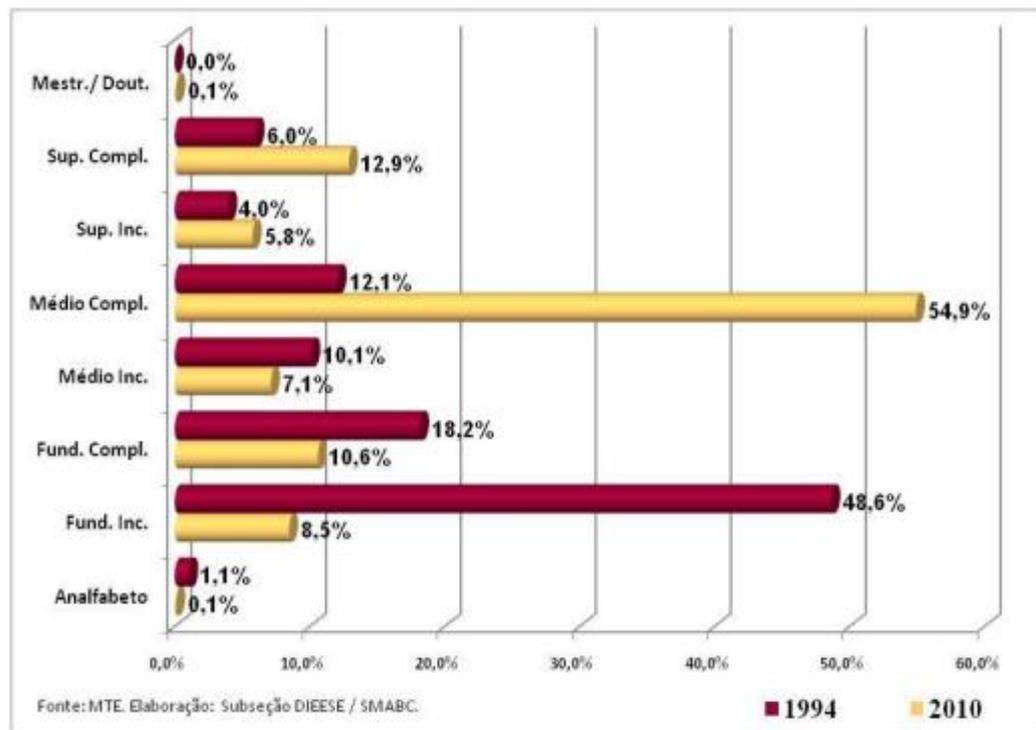
Atualmente, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC representa trabalhadores nos municípios de São Bernardo do Campo, Diadema, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. As bases sindicais de maior representatividade localizam-se em São Bernardo do Campo e Diadema em diferentes segmentos da metalurgia.

Em 2010, o sindicato encomendou uma pesquisa ao Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) para conhecer melhor o perfil de seus

trabalhadores. Na pesquisa *O perfil do trabalhador metalúrgico no ABC*⁸¹ (DIEESE, 2010), foram levantados dados tais como idade, local de moradia, principais áreas de atuação, tempo de serviço, jornada de trabalho e escolaridade. O relatório final da pesquisa foi entregue alguns meses após o início do funcionamento das primeiras bibliotecas.

A pesquisa demonstra o interesse em conhecer melhor os trabalhadores representados pelo sindicato. No tocante à escolaridade, a pesquisa demonstra o comparativo entre a escolarização dos trabalhadores, baseando-se no comparativo com o ano de 1994, conforme o gráfico:

Gráfico 3: Escolarização dos Metalúrgicos do ABC – 2010 (Exclui Níveis de Liderança)



Fonte: DIEESE/SMABC

De acordo com a imagem, nota-se a elevação da escolaridade entre os trabalhadores com o passar dos anos. Enquanto em 1994 a maioria dos funcionários possuía o ensino fundamental incompleto, em 2010 essa parcela é apresentada pelos funcionários que concluíram o ensino médio. Esse fato pode ser explicado pela alta demissão de funcionários

⁸¹ Disponível em: <[Perfil dos metal: http://www.smabc.org.br/Interag/temp_img/%7B6A70BDBD-9FF6-4A81-B37E-37E9DA237913%7D_Perfil%20Metal%20C3%BAArgicos%20-%20base%20SMABC_R10%20-%20texto%20jul11_Revisado.pdf](http://www.smabc.org.br/Interag/temp_img/%7B6A70BDBD-9FF6-4A81-B37E-37E9DA237913%7D_Perfil%20Metal%20C3%BAArgicos%20-%20base%20SMABC_R10%20-%20texto%20jul11_Revisado.pdf)> Acesso em: 21 de jun. de 2016.

ocorrida no início dos anos 1990, durante a fase da redemocratização, em que as empresas passaram a contratar profissionais mais qualificados, ou seja, com maior escolaridade e, se possível, em busca ou já detentor de um diploma de técnico na área. Ainda assim, verifica-se que a quantidade de trabalhadores que continuou sua escolarização após o ensino médio dobrou durante esses dezesseis anos. Outro destaque é o surgimento de uma margem percentual de trabalhadores metalúrgicos que realizam mestrado e/ou doutorado, lembrando que o gráfico não apresenta informações sobre funcionários que atuam nas áreas de lideranças ou gerenciais.

A importância de investimentos em melhorias na condição social do trabalhador pode resultar na apresentação de um projeto de biblioteca que se justifique pela intenção de adequar o funcionário às novas necessidades da empresa. Partindo-se do discurso de integração em relação ao operário tomar conhecimento de seus direitos de cidadão, dos quais o acesso à leitura faz parte, a diretora do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC relata quais os principais objetivos do órgão em conceder bibliotecas para os trabalhadores:

o objetivo é a inclusão, disponibilizar para os trabalhadores e sua família o acesso à leitura, porque infelizmente no Brasil o índice de leitura de livros anuais é muito pouco. De cada quatro pessoas que lê um livro, digamos que uma tem cem por cento de compreensão. Então a gente precisa aumentar. Agora, o hábito de leitura, isso é nacionalmente, não só no ABC, acho que de forma bem geral. Acho que o objetivo é esse. E o livro é caro, né? Você vai comprar sai 80, 100 reais... Então, a ideia é a disponibilidade e a inclusão mesmo⁸².

E, ainda, quanto à importância do projeto, na visão do sindicato:

eu acho que a gente discute muito a democracia, né? Acho que a democracia depende do acesso à informação e à leitura. Então é muito importante, porque permite isso ao trabalhador. Primeiro que leva a leitura ao trabalhador, ao seu local de trabalho. Mais próximos à cultura e a leitura e ele tem acesso ao livro, que não poderia ter acesso depois de sair do seu trabalho, cansado para pegar um livro emprestado. Assim ele não iria. Com a biblioteca dentro da fábrica, com o fácil acesso no horário de saída ou na entrada do turno ele pode ir até lá durante meia hora. Muitos utilizam o horário de almoço para jogar uma sinuca ou baralho, outros preferem ler. Então, estar no seu local de trabalho, neste espaço e conseguir ler, pegar um livro, emprestar, ver filme com a família através do DVD emprestado. Para nós, do sindicato, é muito gratificante, pois acreditamos que estamos democratizando o acesso à educação e à cultura⁸³.

⁸²Informação fornecida pela representante do SMABC, Ana Nice, em entrevista etnográfica, em São Bernardo do Campo, em abril de 2014.

⁸³*Idem.*

A democratização do acesso, assim como a consciência de direito de inclusão social através da leitura faz parte de um discurso construído por uma nova mentalidade, expressa pelo sindicato, que resulta em uma série de medidas iniciadas nos anos 2000. Dentre essas estão o estreitamento dos canais de contato entre o sindicato e o trabalhador, em que destaco os canais de envolvimento cultural, como por exemplo a seção de programação cultural do jornal *Tribuna Metalúrgica*, publicada às sextas-feiras, cujo nome é *DSR sem patrão* (em referência ao Descanso Semanal Remunerado), em que se sugerem aos trabalhadores dicas culturais gratuitas para o final de semana, com foco em espetáculos de dança, saraus, shows ao ar livre, entre outros. Outros exemplos são o canal de televisão *TV dos Trabalhadores - o TVT -*, que se define um canal de ampliação da voz dos movimentos sociais; a *Rádio Brasil Atual* e a *Revista Brasil*, também resultantes do estreitamento dos laços culturais realizados entre o sindicato e os operários.

Está inserida neste contexto a elaboração de um projeto que objetiva a instalação de bibliotecas em fábricas. Para assegurar a realização desta empreitada, foi necessário motivar os empresários para o fornecimento do apoio estrutural. A união destas figuras, que já foram antagônicas, demonstra a retomada de ações sindicais que beneficiam o patronato.

Essas ações, por sua vez, podem ter duas motivações para o sindicato: a retomada da aliança entre sindicato-patrão, que propicia a administração dos operários sindicalizados e, com isso, o retorno do movimento sindical, cujo foco era minimizar confrontos a partir de acordos benéficos para ambos, como também, a possibilidade de se inserir de um modo mais abrangente na fábrica, possibilitando o convite a novos membros para a militância. Nota-se que as hipóteses cotejadas fazem alusão a fases distintas do movimento sindical do ABC Paulista. A primeira demonstra a possibilidade da retomada do sindicato corporativista e, a última, a oportunidade de recompor estruturalmente o sindicato combativo.

Os Diretores Sindicais (DS) que atuam dentro das empresas foram as principais vias de negociação para a implantação das bibliotecas nas fábricas. Através destes, a intermediação das negociações ganharam novos rumos. Em cada biblioteca, este seria o funcionário ideal para administrar as atividades do Ponto de Leitura, atuando como mediador cultural. Para isso, além de ser liberado de suas atividades nas linhas de produção, teria a oportunidade de participar dos cursos, necessários a todos os mediadores culturais. Deste modo, o DS necessitou de horários flexíveis, justificando sua ausência da fábrica, tanto para

atualização entre os demais membros do projeto, como para o cumprimento da agenda de atividades do sindicato.

Supondo que algumas empresas ainda possam compreender o sindicato como um órgão combativo, e este seja o motivo da recusa em executar o projeto, outras, que partem da mesma premissa, aceitaram recebê-lo, porém, alterando a proposta, retirando o protagonismo do operário como mediador cultural para colocar em seu lugar funcionários terceirizados ou do setor administrativo, como no caso da Volkswagen, Papaiz, entre outras, conforme se averiguou durante a realização desta pesquisa. Contudo, dentre as demais empresas que também aceitaram o projeto e mantiveram fielmente a proposição do sindicato, a exemplo do que ocorre na empresa Legas Metal, nota-se a crença num sindicalismo negociador, que pode ser capaz de controlar a atuação dos trabalhadores dentro da empresa para um acordo comum. Como verificado na fala do administrador da empresa Legas Metal:

o sindicato, queira ou não, favorece com que os funcionários interajam mais, e cada um recebe benefícios. Assim, fica interessante para as duas partes.⁸⁴

De acordo com a fala deste gestor, é perceptível que a principal funcionalidade do sindicato na empresa concentra-se na administração dos direitos dos funcionários. Ao questionar os trabalhadores sobre o motivo de serem sindicalizados, grande parte das respostas enviesaram para os benefícios, assim como citados acima, que o sindicato apresenta, como o assistencialismo prestado em casos de cálculo de aposentadorias, apoio jurídico, recolocação de emprego dentro do mercado de trabalho (em caso de demissões). Nenhum trabalhador citou a necessidade deste órgão para auxiliar na negociação com o patronato, e, talvez, este seja o benefício que o empresário acima citado se refira.

De acordo com o sindicato, a ideia de instalar uma biblioteca na fábrica pode ser apresentada como uma via para a democratização de acesso à cultura, podendo proporcionar ao operário o reconhecimento de seus direitos. Neste processo, o sindicato beneficia-se a partir da conquista de um espaço físico dentro da empresa para a realização de reuniões, organização de pautas de discussões e integração novos membros. Outro efeito possível seriam as vantagens obtidas através dos acordos praticados entre sindicato e patrão, favoráveis a ambos. Por fim, o projeto também pode resultar na ampliação do conhecimento dos funcionários, podendo vir a ser explorada pelo dono da empresa, como será visto adiante.

⁸⁴Informação fornecida por funcionário em entrevista etnográfica, em Diadema, em novembro de 2015.

3.2 A biblioteca vai à empresa

A oferta de instalação do projeto de bibliotecas ocorre geralmente nos setores administrativos. Diretores sindicais, funcionários da empresa ou até mesmo os trabalhadores, membros do sindicato, recorrem à seção administrativa, responsável pelas ferramentas de controle da empresa. Formado por diretores, gerentes e supervisores, o setor é capaz de realizar e organizar o trabalho intelectual da instituição. Desse modo, o setor administrativo comanda algumas decisões fundamentais, ajustando-se com às necessidades de produção e lucro.

A administração de uma fábrica é formada por uma classe de trabalhadores que se encontra no nível intermediário e detém o poder de gerir funcionários que ocupam cargos mais baixos, porém, esses também são subordinados ao dono da empresa. De acordo como o sociólogo João Bernardo (1991), a esta categoria é dada o nome de *classe dos gestores*. Na visão do autor, esta classe é formada por pessoas que não são detentoras do capital financeiro da empresa, mas são responsáveis por seu gerenciamento. Ainda em suas palavras, os gestores gerenciam, a partir de sua intelectualidade, as camadas trabalhadoras que ficam abaixo, neste caso, os operários trabalhadores braçais, mas também são administrados pelo patronato. Taiguara Belo (2008) demonstra a diferenciação que ocorre entre o tipo de exploração sofrida pelos gestores e pelos trabalhadores que atuam nas atividades braçais:

apesar de ambos os tipos de trabalhadores venderem sua força de trabalho para o patrão ou para o Estado, a diferença entre eles repousaria no fato de o trabalhador intelectual empregar os conhecimentos adquiridos às expensas do suor do operário, além de a utilização de seu conhecimento ser feita no sentido de otimizar a extração da mais-valia. Ou seja, o “salário” do intelectual é parte do lucro patronal, uma parte do produto do trabalho operário. Composta de engenheiros, diretores, contadores, intelectuais, técnicos, a *intelligentsia* poria-se a serviço dos patrões e passaria a compartilhar com eles tarefas de organização (BELO, 2008, p.33).

Dentre os setores que executam as funções de gestão de uma empresa, está o segmento denominado recursos humanos (RH), que possui dentre suas funções a manutenção da plena capacidade de desenvolvimento das atividades dos trabalhadores. O surgimento do setor de recursos humanos é apresentado como justificativa de manutenção da ordem entre os trabalhadores:

de resto, toda a separação do espaço fabril em departamentos ou setores específicos, desde a administração até a produção direta, foi mantida muito próxima aos moldes tayloristas - exceto o surgimento de um departamento especificamente voltado aos

atualmente denominados "recursos humanos", o qual era incumbido de manter a ordem "dentro e fora" da empresa, isto é, de restabelecer psicológica e fisicamente os trabalhadores cansados da rotina estafante no ambiente de trabalho e, especialmente, de organizar sua vida pessoal (familiar, social, individual etc.), para que não se tornassem improdutivos em suas funções diárias (Gramsci, 1990 *apud* PINTO, 2010, p.39).

A manutenção da ordem, vista como mecanismo para “organizar a vida pessoal” dos funcionários, também pode ser vista de modo disciplinador para evitar situações em que os funcionários levem problemas da esfera pessoal para o âmbito profissional ou rebelem-se, reivindicando melhores condições, que podem resultar em greves, prejudicando a produtividade da empresa.

De acordo com Beverari (2012), diferentes formas de controle dos trabalhadores surgiram com o passar dos anos e estão associadas aos processos de “reestruturações produtivas que procuraram atender as perspectivas dos proprietários” para que haja maior produtividade. Taylorismo, fordismo e toyotismo são exemplos clássicos de formas de gestão do trabalho que remetem a técnicas específicas dentro e fora das empresas, proporcionando uma “organização racional do trabalho através da incorporação do conhecimento técnico dos trabalhadores pelos gestores” (BEVERARI, 2012, p.1).

Dentro das “reestruturações produtivas”, novas tecnologias foram implantadas em fábricas a fim de que se realizem melhorias, maior produtividade e, conseqüentemente, lucro. Para manusear os novos equipamentos tecnológicos, seria necessário aprimorar a mão-de-obra. Dependentes do produto do trabalho operário é de interesse dos donos das empresas e dos gestores que os trabalhadores aperfeiçoem suas técnicas para a obtenção de maiores lucros por parte da empresa. O aprimoramento pode ocorrer através de estímulos para que o trabalhador conclua seus estudos, a partir da oferta de bolsas, como no caso da empresa Volkswagen, ou de uma forma mais lenta, através da instalação de uma biblioteca.

Os trabalhadores com funções operárias atuam ao pé da máquina realizando trabalhos braçais, repetitivos, cansativos e que, supostamente, não exigem esforço intelectual. Por esse motivo, era muito comum a rotatividade destes trabalhadores. O baixo nível de qualificação profissional e educacional (vide gráfico 3 sobre a relação educacional dos trabalhadores entre 1994 e 2010) está diretamente associado a esta questão, uma vez que acarreta no total desinteresse em relação ao aprendizado no trabalho, o que, nessas condições, significa o embrutecimento intelectual que aniquila qualquer processo de aprendizagem.

Segundo Abramo (1999), a permanência da estrutura de organização do trabalho dentro dos moldes taylorista e fordista resulta na alienação do trabalhador, assim como no esfacelamento de sua individualidade. Algumas funções no trabalho fabril são automáticas, mecânicas e repetitivas para o trabalhador, a ponto de minar sua criatividade e atrofiar qualquer possibilidade de realização de trabalhos intelectuais, conforme afirma Pinto:

o nível de simplificação impede qualquer abstração conceitual sobre o trabalho e isso, vale dizer, é uma finalidade do sistema. As qualidades individuais de cada trabalhador, suas competências profissionais e educacionais, suas habilidades pessoais, toda sua experiência, sua criatividade etc., sua própria "iniciativa", como diria Taylor, são praticamente dispensáveis no sistema taylorista/fordista - salvo a capacidade de conseguir abstrair-se de sua própria vontade durante um longo período de tempo de sua vida (PINTO, 2010, p. 38-39).

Ao dispensar as competências intelectuais e criativas do trabalhador, forma-se um funcionário apático que, com o passar do tempo, passa a produzir menos, resultado este da desmotivação e da falta de estímulos. Contudo, ao investir em sua criatividade, objetivando reverter esta situação, corre-se o risco de perder este trabalhador para outras empresas ou de que ele se torne consciente e clame por novas perspectivas dentro do trabalho. Como claramente define Geraldo Pinto, o esforço dos donos das empresas e dos gestores está em

fazer que o trabalhador empregue todo o seu engenho, sua criatividade, seus conhecimentos técnicos, suas competências profissionais assimiladas nos ofícios que exerceu, suas habilidades pessoais adquiridas com as situações que enfrentou nestes, seu maior esforço psíquico, intelectual e físico, toda a sua capacidade de concentração e destreza para a realização das tarefas que lhe competem, tudo com o menor desgaste de suas energias e, principalmente, dentro do menor tempo possível (PINTO, 2010, p. 28).

Neste contexto, é necessário aos patrões assumir o controle de ferramentas que incentivem o trabalhador, fazendo-o acreditar que está sendo encorajado a adquirir novas competências individuais, porém, revertendo os resultados da motivação do empregado em lucros para a empresa. Desse modo, uma nova ferramenta passa a ser explorada: o componente intelectual de seu funcionário.

Compreendendo o molde de organização do trabalho na contemporaneidade, em que ações patronais possuem objetivos de produção e lucratividade, o avanço tecnológico no maquinário fabril justifica a preocupação e incentivo dos patrões na elevação do grau de escolaridade dos funcionários. Um trabalhador que possui facilidade em lidar com novas tecnologias, como *smartphones*, computadores, vídeo-game, irá reproduzir esse conhecimento nas máquinas da fábrica. E uma vez que o avanço tecnológico é contínuo, a formação de

conhecimento técnico deve ser expandida para além da formação escolar⁸⁵. A presença de computadores dentro das bibliotecas nas fábricas é um exemplo desta intenção, pois, quanto mais conhecimento os trabalhadores possuírem para operar equipamentos eletrônicos, mais preparados eles estarão para reproduzir determinados comandos nas máquinas da empresa.

Desse modo, aceitar abrir bibliotecas dentro de suas fábricas pode auxiliar no controle da leitura de seus empregados, transformando o conhecimento adquirido em investimento, revertendo as capacidades cognitivas destes funcionários para melhorias na fábrica. Ler, neste caso, apresenta para os patrões maiores resultados finais devido ao alargamento da capacidade de compreensão, interpretação e, talvez, criação do funcionário. Assim, incitar o hábito de leitura nos empregados pode trazer resultados interessantes para os donos das fábricas. De algum modo, o trabalhador poderá apresentar “melhores resultados”, como dito por um dos gestores entrevistados.

A política de envolvimento de trabalhadores não é recente na história do operariado. Em 1978, a empresa Scania, antes de ser a vanguardista nas greves do ABC Paulista, organizava confraternizações com seus operários como “festas, churrascos, atividades sociais e recreativas que eram promovidas na empresa, na tentativa, segundo eles, de seduzir o trabalhador, mais que reprimi-lo” (ABRAMO, 1999, p.90).

Aqueles que compartilham as tarefas administrativas com os donos de empresas também são utilizados para atingir um “melhor desempenho”, segundo o gestor da empresa Volkswagen. A empresa investe no aperfeiçoamento educacional dos funcionários do setor administrativo, concedendo cursos de capacitação profissional ou bolsas de estudos para cursos que podem apresentar retorno para a empresa. Cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de engenharia, administração e recursos humanos são visados pelos gestores e, em troca, os funcionários apresentam projetos que possam ser aplicados na própria empresa. São concedidos aumentos salariais ou alguns benefícios para os responsáveis pelos projetos selecionados. Nesse caso, a especialização é voltada diretamente aos funcionários das áreas sem atuação operária, ou seja, entre os gestores. Porém, com o aumento da biblioteca, a especialização, que inicialmente era voltada somente para o setor administrativo, foi expandida até alcançar o “chão de fábrica”. Nesse caso, a especialização é voltada diretamente aos funcionários das áreas sem atuação operária, ou seja, entre os gestores. Porém, com o

⁸⁵Cf.: POLESE, Pablo. *Controlar os trabalhadores (I) A fusão entre trabalho, lazer e vigilância*. Disponível em: <<http://www.passapalavra.info/2016/05/108295#more-108295>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

aumento da biblioteca, a especialização, que inicialmente era voltada somente para o setor administrativo, foi expandida até alcançar o "chão-de-fábrica".

Ao investir nas capacidades intelectuais de seus funcionários para a obtenção de lucros, a empresa pode formar indivíduos que tentem se emancipar. Com isso, ela desenvolve mecanismos de controle para que este, ao ter a criatividade e a intelectualidade motivadas, utilize isso em seu ambiente de trabalho. Ainda assim, existe a possibilidade de que o funcionário explore seus conhecimentos para outros fins, fora da empresa.

Portanto, ao aceitar a proposta da implantação da biblioteca, a empresa possui interesses diferentes daqueles demonstrados oficialmente pelo sindicato. Desse modo, torna-se fundamental compreender o valor da fusão entre patrão e sindicato.

3.3 Tempos modernos

Apesar de as empresas analisadas nesta pesquisa possuírem uma série de características comuns, apresentam também diferenças significativas em relação ao poderio econômico, às políticas de gestão de mão-de-obra e também ao grau de penetração do sindicato em seu interior.

A união das categorias antagônicas, justificadas em prol do trabalhador, aparenta intenções divergentes dentro de um mesmo projeto. O sindicato aceita que a inclusão deve ser iniciada através da leitura, que, como já dito no capítulo anterior, ocorre de modo fragmentado e solitário pelo operário. Contudo, o isolamento do operário seria algo bem aceito pela empresa, visto que esfacelaria possíveis movimentos de luta reivindicatória entre os trabalhadores. Ao mesmo tempo, conforme também se apresentou no capítulo anterior, a biblioteca proporciona um espaço de encontro entre os empregados, seja para ler um romance ou para verificar os *e-mails* que vieram do sindicato.

3.4 Leitura: modo de ler x modos de fazer

No segundo capítulo deste trabalho, dediquei-me a apresentar o hábito de leitura de cada leitor com base nas leituras escolhidas pelos operários, nos títulos escolhidos e nos

gêneros favoritos. Este também é objeto de um rico estudo realizado por um grupo de pesquisadores que preocupam-se em compreender a leitura como contribuição para a percepção da sociedade.

Ao realizar esta pesquisa, inteirei-me de que o ato de ler, ou a leitura propriamente dita, pode ter diversos significados. A significação de sentido dessas possibilidades de leitura são realizadas pelos trabalhadores, ao encontrarem na biblioteca da fábrica livros de autoajuda, romances clássicos, gibis e alguns filmes em um mesmo espaço.

A prática cultural da leitura possui interpretações sobre seus possíveis resultados. Algumas percepções referentes à leitura, como a de Chartier (1996), creditam a esta o caráter de prática cultural compartilhada. Para o autor, o ato de ler está conectado a técnicas que devem ser ensinadas e apreendidas e, logo, as pessoas dependem de outrem para realizarem a compreensão dos códigos da leitura. O historiador Jean-Marie Goulemont, em seu livro *A leitura como produção de sentido* (2010), indica que a produção de sentido assemelha o ato de ler a uma forma técnica, ou seja, “leio” para que eu estabeleça sentido com o que é lido. Para Petit (2009), a leitura forma um indivíduo político, crítico, que a partir da compreensão do que foi lido consegue alterar seu entorno.

Esses autores estabelecem uma relação direta entre o ato de ler e o universo social e cultural do leitor. O sentido da leitura nasce daquilo que é vivenciado dentro e fora do texto. O leitor detém informações que podem ser reafirmadas, negadas ou transformadas através da leitura. O livro lido carrega diversos códigos, podendo ser uma *ferramenta* não só para a aquisição de conhecimento, mas também para a modificação de uma visão de mundo, para a compreensão da realidade sob novos pontos de vista.

Outros estudiosos classificam a leitura conforme o *conteúdo* do livro escolhido. Para estes, existem livros capazes de transformar o leitor, outros somente reafirmam opiniões preconcebidas, além daqueles que não captam o leitor em nenhum momento. Para isso, diferenciam os livros técnicos e de lazer.

Nesse sentido, Martins (2002) define a leitura como a relação *texto-leitor-contexto*, ou seja, o leitor lê um texto, compreende ao seu modo a informação inscrita nas páginas e, assim, dialoga como contexto em que está inserido. Além disso, a autora divide as formas da leitura em três grandes possibilidades relacionadas ao conteúdo lido: a leitura sensorial, a leitura emocional e a leitura racional.

A leitura *sensorial*, para a autora, implicam a utilização dos sentidos. Pode ser considerada como uma leitura inconsciente, pois é o primeiro tipo de leitura que fazemos quando criança. Nesse viés entraria, por exemplo, a escolha de um livro de acordo com a capa. Também define leitura *emocional* como a leitura que se relaciona com as nossas emoções, expectativas e experiências vividas, assim como a seca vivenciada pelo agente de leitura Valderez e o reencontro com essas memórias no livro de Graciliano Ramos. São, assim, definidas como aquelas leituras que conseguem fazer o leitor esquecer a realidade circundante por alguns momentos ou, ainda, envolver-se afetivamente com algum livro ou personagem. E por último, a leitura *racional* diz respeito a leitura acadêmica, sistemática, que faz com que o indivíduo seja beneficiado através do conhecimento, acarretando no respeito entre seus colegas, reconhecimento dentro do trabalho. Esta é uma leitura que possui um objetivo *a priori* por parte de seu leitor. Os livros de gerenciamento e administração cumprem este papel.

A visão da autora condiz com a do pedagogo Paulo Freire (2003), que define a leitura como um modo de formação do indivíduo e ainda a evoca como *transformação*, que ocorre, segundo o autor, nas leituras consideradas como “sérias”, de livros que possuem determinado conteúdo e que pode fazer com que o leitor apreenda suas informações e traga-as para o âmbito da reflexão, aprofundando a análise de sua legitimidade.

Outra interpretação quanto ao conteúdo do livro é feita por Coulangeon (2014). De acordo com o autor, é possível distinguir quatro tipos de leitura, que se definem pelas “disposições praticadas”: a *leitura de entretenimento*, responsável por suprir o desejo de evasão do leitor de seu ambiente diário e de sua experiência pessoal; a *leitura didática*, que relaciona a vontade de ler com o desejo de aprender; a *leitura da salvação*, compreendida como a intenção de ler para “se aprimorar, se transformar, se superar”; e a *leitura dileitante*, sem finalidade específica, a leitura apaixonada.

Não muito distante desta visão, encontramos também a de Bamberger (1978), que explica como podem ser realizadas as escolhas da leitura e os usos que podem ser feitos dela, divisões que colocamos a seguir. A *Leitura utilitária*, representada por livros de trabalho, manuais domésticos e guias, isto é, é composta por leituras para consulta, consideradas como leituras extrínsecas, que o indivíduo realiza somente para um conhecimento básico. A *Leitura social* é formada por livros criticados e recomendados por líderes da opinião pública e que visa o aprimoramento do sujeito, dividindo-se em livros de não ficção (história, biografias,

memórias) e livros de ficção do cânone literário. Esses são livros que conferem *status* ao seu leitor e podem, ou devem, ser lidos e relidos para a “legitimação social”, ou ainda, nas palavras de Chartier (1996), para uma “boa” formação cultural. Por último, tem-se a *Leitura pessoal*, cujo objetivo é distrair o leitor através de romances de amor, aventura e *reforçam as atitudes e crenças do leitor*. São livros, geralmente, lidos somente uma vez, devido a, teoricamente, seu conteúdo facilmente apreensível e de não necessitarem de releituras.

Embora empreguem diferentes definições, existe entre os autores discutidos acima um consenso sobre o tipo de livro capaz de trazer um novo impacto do ponto de vista até então presente no imaginário do leitor. Existiria, claramente, um modelo de leitura que consagra o “bom” leitor, leitura esta racional, canônica. Esses autores compartilham a crença de que a leitura considerada “boa” traz consigo o objetivo de modificar o indivíduo que lê, compreende e passa a ver a realidade sob novas perspectivas.

Neste momento, a visão do ato de ler como potencial formador de um indivíduo crítico de Petit (2009) está explicitamente colocada. A leitura pode ser transformadora, ao possibilitar que o leitor adense seus debates, ou até mesmo modifique a realidade ao desenvolver um olhar mais crítico em relação àquilo que o cerca. No entanto, enfatizam a qualidade do que é lido como meio preponderante para a aquisição de conhecimento e para o alargamento de uma visão mais analítica do mundo, assim como a ideia proposta pelo sindicato, de que a leitura será capaz de assegurar direitos de cidadania.

Existe uma vertente que compreende a leitura de modo psíquico, como acredita Patrícia Pereira Leite. A psicanalista admite que os “rumos de um destino” possam ser reorientados por meio da “intersubjetividade, uma disponibilidade psíquica e isso é o cerne da construção de si mesmo” (LEITE *apud* PETIT, 2009, p. 41). A atuação específica desta profissional destaca a crença do papel da literatura no desenvolvimento psíquico através da percepção de que a arte da narrativa pode orientar histórias de vida e, por sua vez, transformá-las.

Na opinião dos operários entrevistados, a leitura provoca mudanças individuais. Mesmo não lendo livros clássicos, aqueles considerados transformadores para os estudiosos acima citados, a leitura de livros de autoajuda, romances policiais e, ainda, livros religiosos são escolhas de conteúdos realizadas com o objetivo de preencher dúvidas que o leitor apresenta. Mesmo que de modo desprezioso, as escolhas dos títulos são também realizadas de modo utilitário.

Seguindo o raciocínio dos autores apresentados anteriormente, alguns títulos listados entre os escolhidos pelos trabalhadores desempenhariam o papel de alargar o horizonte de visão destes. Dentre as possibilidades de títulos, cito *A revolução dos bichos*, de George Orwell; *O guarani*, de José de Alencar; *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector; e *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum. Porém, a mudança nem sempre ocorre. A leitura do livro de Graciliano Ramos fez com que o operário Valderéz retornasse a suas memórias de infância, porém, não garantiu a alteração do meio em que vive.

Compreendendo que a modificação do trabalhador não ocorre somente através da leitura de um livro, mesmo ao ler autores clássicos, o trabalhador necessita de uma bagagem (teórica e/ou emocional) que estabeleça conexão dos conhecimentos do indivíduo com os códigos da escrita, com seu contexto intelectual e cultural e com as significações presentes na interpretação de um texto. Para atingir alguma modificação, de acordo com as aguardadas pelos empreendedores dos projetos de biblioteca na fábrica, seria necessário o acompanhamento do bibliotecário ou mediador de leitura. Fato esse que não acontece, conforme descrito nos capítulos anteriores. As leituras apuradas nesta pesquisa ocorrem de forma arbitrária, isentas de uma continuidade temática, seguindo basicamente a vontade ou curiosidade circunstancial de cada leitor. De acordo com as intenções dos proponentes do projeto da instalação de bibliotecas nas fábricas, a oferta de livros iria garantir por si a modificação nos trabalhadores. Porém a leitura de um livro não é garante o alcance dos objetivos declarados. Desse modo, o projeto aparenta possuir interesses implícitos a partir da leitura. Tentamos desvendá-los adiante.

3.5 Com quantos objetivos se faz uma biblioteca?

“Art. 5 – A articulação e consolidação na parceria entre o poder Executivo, trabalhadores, sindicatos e empresários se dará com o intuito de cumprir a execução do Programa de Incentivo à Leitura nas Fábricas por meio da participação em grupos de trabalho, cursos, oficinas, seminários e atividades de intercâmbio entre gestores públicos e agentes privados”.

(Projeto de Lei nº 27/2010)

O ambiente fabril foi alterado pela presença de uma biblioteca. Aproximar um equipamento cultural dos trabalhadores possibilitou o despertar de novos interesses em alguns funcionários. O espaço designado para abrigar uma biblioteca tornou-se uma nova escolha

para os funcionários ocuparem seu tempo durante a pausa da jornada de trabalho. Novas rotinas foram desenvolvidas pelo trabalhador, a biblioteca tornou-se um local a ser explorado, talvez, desmistificado. Embora nem todos os funcionários a visitem e seus visitantes formem um público pouco variado, sua presença pode trazer a consciência da acessibilidade a ambientes culturais.

A democratização do acesso à leitura proposta pelo sindicato ocorre há aproximadamente seis anos. Neste período, os funcionários tiveram a oportunidade de utilizar a biblioteca da fábrica para diferentes interesses: acessaram a *internet*; emprestaram livros que os acompanharam em viagens no retorno para casa; entraram em contato com o sindicato; conheceram outros funcionários da mesma empresa; e utilizaram o acervo para a conclusão de trabalhos acadêmicos. A biblioteca na fábrica foi, e continua sendo, palco para atuação operária. O espaço abre possibilidades para o trabalhador se aperfeiçoar, sendo este resultado utilizado dentro e fora da fábrica, principalmente na vida de cada indivíduo que a frequenta.

Durante a entrevista com a gerente de Recursos Humanos da empresa Volkswagen, declarou-se que a biblioteca na fábrica permitiu a “descoberta de talento de alguns empregados”. Ao propor diversas atividades como saraus, desafios, mediação de leitura para adultos ou até clube de leitura, esta gestora reconheceu facetas de funcionários que não aparecem durante a rotina de trabalho de cada um. Funcionando também como um espaço cultural, o Ponto de Leitura da empresa Legas Metal ajudou os próprios funcionários a descobrirem suas aptidões, a exemplo de Denis, um dos funcionários entrevistados, que descobriu na biblioteca sua sensibilidade para compreender e compor poesias. Outros reconheceram nos livros a identificação com instrumentos musicais, como o violão e o saxofone passando a serem vistos pelos demais colegas de trabalho não apenas como um injetor ou operário, mas também como um artista.

De acordo com o Art.5 do Projeto de Lei Municipal de Incentivo à Leitura nas Fábricas acima citado, a “articulação e consolidação” entre o Governo, sindicato e empresários reuniria esforços para permitir a continuidade das bibliotecas e dos possíveis resultados obtidos pela leitura do trabalhador. Ainda que o discurso principal entre cada parceiro do projeto seja em prol do alargamento de conhecimento dos trabalhadores através da leitura, cada um aderiu ao projeto visando atender interesses específicos relacionados às suas trajetórias individuais. Enquanto alguns visitaram essas bibliotecas em busca de informação e conhecimento, outros lá buscaram entretenimento, passatempo e até mesmo um lugar silencioso para o descanso.

Para o empresário, o investimento em programas de leitura para seus empregados está ancorado no retorno possível que este trabalhador dará a empresa. Como visto acima, o retorno pode não ser somente técnico, ao ensinar o trabalhador a transformar os conhecimentos adquiridos através da leitura na compreensão de algum manual de instrução do maquinário, mas também pode ser aplicado na melhoria de programas administrativos da empresa, na resolução de conflitos internos ou até mesmo no desenvolvimento pessoal do empregado. Além disso, as atividades que a biblioteca oferece proporcionam o desenvolvimento de capacidades dos trabalhadores que podem ser melhores aproveitadas pela empresa.

Ainda de acordo com o excerto do Projeto de Lei, a leitura pode ser uma ferramenta para a “ação crítica” do trabalhador. Esta questão remete diretamente à visão elaborada pelos intelectuais acima discutidos e também dialoga com os discursos patronais presentes nas entrevistas colhidas para esta pesquisa. A leitura pode ser o instrumento para desenvolver no trabalhador uma habilidade maior de interpretação dos códigos da escrita, dentre eles, o manual da fábrica. A instrumentalização desta prática cultural favorece, assim, o lucro para o empresário, que deseja uma maior produção e atuação de seu funcionário.

O acervo que a empresa disponibiliza também influencia o trabalhador. A gerente de Recursos Humanos da empresa Legas Metal expressa que:

ao escolher os títulos que integrarão o acervo da biblioteca é considerado aquilo que a gente acha interessante no desenvolvimento deles [trabalhadores] da leitura. Seja no aspecto pessoal e profissional como exemplo de gestão, ou liderança. Escolhemos aquilo que nos interessa que desejamos que eles tenham mais acesso. A gente faz uma análise prévia para não correr o risco de ter livros que não são condizentes com nossos valores⁸⁶.

Com isso, a biblioteca também tem a função de apresentar ao trabalhador os valores da empresa. Os livros que interessam aos donos das empresas, segundo a gerente, seguem o gênero de literatura administrativa com foco em livros de gestão e liderança sugerindo ao funcionário as áreas nas quais a empresa gostaria que houvesse maior conhecimento.

A oferta dos computadores e, em algumas empresas, a disponibilização do sinal de *internet* no horário de almoço favorece o conhecimento técnico de aparelhos eletrônicos, saberes que podem ser convertidos na melhoria do uso das máquinas que o funcionário opera. O conhecimento das novas tecnologias, que a cada dia é aprimorada, pode se converter em

⁸⁶Informação fornecida por Claudia em entrevista etnográfica, em Diadema, em junho de 2016.

algo vantajoso para o empresário. Além disso, investir na leitura corrobora com a educação do funcionário. Nota-se o investimento elevação da escolaridade que, assim como o aprimoramento do manuseio dos aparelhos eletrônicos, auxilia no conhecimento para trabalhar em determinadas funções dentro da empresa.

Em suma, a aceitação pelo empresário de uma biblioteca na fábrica viabiliza um espaço de conhecimento aos funcionários, e aquele obtém como moeda de troca a utilização desses diferentes aprendizados, como a leitura e um maior uso da *internet*, direta ou indiretamente, dentro da fábrica. Desse modo, o espaço de leitura é capaz de coadunar as conveniências do patrão, bem como melhorar o relacionamento entre este e seu empregado.

O sindicato, por sua vez, beneficiou-se com a instalação do Ponto de Leitura dentro da fábrica de modos distintos. Ao iniciar o projeto, o contato com a empresa aproximou o sindicato dos trabalhadores, possibilitando sua entrada na fábrica com maior amplitude. O espaço de leitura também favorece encontros entre os trabalhadores e os membros sindicais, fortalecendo a atuação deste órgão dentro da empresa.

O estreitamento das relações entre fábrica e sindicato possibilita com que este represente o trabalhador somente nas relações jurídicas e administrativas; realizando, por outro lado, alianças com o patronato e objetivando evitar conflitos em problemas futuros. O Projeto de Lei de Incentivo à Leitura nas Fábricas descreve entre seus objetivos:

Estimular que sindicatos e empregadores utilizem a leitura/cultura como forma de melhorar o diálogo em suas relações de trabalho.

Art. 4 – Parágrafo VI

A melhoria do diálogo pode ocorrer não somente entre trabalhador-patrão ou trabalhador-sindicato. É possível que a melhoria das relações de trabalho ocorra entre sindicato-patrão, favorecendo possíveis acordos entre ambos os parceiros dentro do projeto.

Por fim, o governo, ao investir e incentivar a instalação de Pontos de Leitura em fábricas ou em espaços que não são tradicionalmente destinados à leitura, atende um dos eixos de atuação declarado no Plano Nacional do Livro e da Leitura. Nos municípios, as Secretarias de Cultura foram responsáveis por acompanhar o desenvolvimento dos projetos, resolver situações de conflito e propor atividades proporcionando a troca de experiências e, principalmente, continuidade do projeto. Devido à troca de gestão partidária municipal, o projeto perdeu força e continuou funcionando somente nas empresas que empenharam-se em administrar suas próprias bibliotecas.

Ao retomar o início do projeto em Diadema com o Prefeito Mário Reali (PT), que intencionava ser conhecido como o “Prefeito do Livro” e, seu município, como a “Cidade dos leitores”, a biblioteca na fábrica atuava como uma medida paliativa para contornar os baixos índices de alfabetização do município⁸⁷. Ao investir nas bibliotecas em fábricas, onde atua grande parte da população economicamente ativa do município, e sem criar planos de melhorias para o ciclo básico da educação, esta gestão tentou alcançar seus objetivos a partir de uma ação local com os trabalhadores.

De acordo com a pesquisa Retratos da leitura no Brasil (PRO-LIVRO, 2016), a população brasileira é composta por 55% de leitores. Na tentativa de aumentar esse percentual, o Governo Federal, através do Ministério da Cultura investiu em medidas que aproximassem a população dos livros. O projeto Leitura nas Fábricas resultou de um desses esforços, aproximando a população da região do ABC Paulista dos livros fornecidos pelo governo, na tentativa de diminuir as taxas de não-leitores na região. Na esfera municipal, verifica-se o engajamento do prefeito de Diadema que em 2010 buscava diminuir as taxas de analfabetismo através da inserção de bibliotecas e projetos culturais, que buscavam ampliar o acesso à cultura letrada pela população. Para o Governo, tanto Federal quanto Municipal, as bibliotecas nas fábricas participam de um projeto político que tem como base o engajamento na inserção da leitura em busca de diminuir taxas de analfabetismo, ainda presentes por diversas razões, dentre elas a carência de investimento na educação, e são alavancadas pela descontinuidade de ordem política dos projetos instalados, o que aumenta as desigualdades sociais, incluindo-se a falta de acesso ao livro e a leitura.

A partir dos interesses que confluem dentro do projeto de instalação de bibliotecas em fábricas, pode-se concluir que o empresário obtém os resultados a curto prazo, à medida que seu funcionário pode começar a gerar lucros a médio prazo, a partir da entrada na empresa, cooptação dos trabalhadores e realização de acordos. Já o governo é o último a colher os frutos desses projetos, que seriam a diminuição dos índices de analfabetismo ou dos não-leitores do município ou do país. Porém, em todos os casos, o trabalhador obtém o principal resultado no investimento de sua leitura: a opção de ter mais um local de acesso à leitura.

⁸⁷Os índices da população não alfabetizada em Diadema de acordo com o Censo de 2000 era de 6,22% e em 2010 declinou para 4,11%, segunda maior taxa da região do ABC, à frente somente de Rio Grande da Serra, com 7,64% em 2000 e em 2010 5%. Disponível em: <http://www.diadema.sp.gov.br/dmp/comunicacao/Comunicacao/Site2/sumario_miolo_20x26.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2016.

Considerações Finais

O que lê a classe trabalhadora? Esta foi a questão basilar desta pesquisa, cujo objetivo foi compreender de que modo os trabalhadores do ABC Paulista, antigos protagonistas de uma trajetória de lutas, aceitaram e inseriram a leitura oferecida nas bibliotecas das fábricas em seu cotidiano. Na tentativa de descobrir quais eram os interesses de leitura dos operários, foram realizadas entrevistas e pesquisas nos fichários de empréstimo, encontramos, em parte, a formação da prática da leitura pelos trabalhadores.

A leitura dos trabalhadores é resultante de um grande projeto, iniciado em 2010, formado a partir da parceria entre Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, empresários e governo. Esta pesquisa buscou contemplar a passagem dos anos de atuação do projeto para compreender dois pontos principais: o primeiro seria conhecer o hábito de leitura da classe trabalhadora a partir da tentativa de responder a pergunta acima colocada; e o segundo, entender de que modo a união entre setores distintos e divergentes historicamente podem contribuir para a educação ou o desenvolvimento do trabalhador através da implementação de uma biblioteca.

Ao escrever o presente trabalho, intentei conhecer o funcionamento das bibliotecas nas fábricas a partir de dois pontos de vista: daqueles que a instalaram e daqueles que a utilizam. Notei que por trás de diversos objetivos que perpassam o interior da leitura do trabalhador até as relações do processo de instalação dessas bibliotecas nas fábricas, existe um espaço criado dentro da empresa que possibilita o aumento das relações sociais por meio do livro, da *internet* e até da pimenta, elementos presentes no cenário de um novo vínculo construído dentro do meio laboral.

A inserção das bibliotecas nas fábricas permitiu a ampliação da oferta de livros aos trabalhadores sem que o funcionário precise sair da empresa. Muitos dos entrevistados afirmaram que, antes da instalação da biblioteca, dificilmente liam, acreditavam que o livro era inacessível e caro. Outros, mais familiarizados com a cultura escrita, enxergaram-na como um novo espaço de experiências literárias. O ambiente planejado para receber a biblioteca tornou-se um novo local de convívio entre os trabalhadores, promovendo a troca a partir de debates, conversas, saraus e reuniões. Novos talentos e aptidões foram descobertos a partir da biblioteca, não somente pelo contato com os livros, mas também e, principalmente, pelo contato com as pessoas.

O grande projeto de instalar uma biblioteca na fábrica modificou o cotidiano e ofereceu novas oportunidades de conhecimento ao trabalhador, concretizando, assim, o objetivo do projeto Leitura nas Fábricas. Porém, nos meandros da interlocução entre os parceiros constitutivos de cada alicerce desse projeto, nota-se também os anseios de que a biblioteca atenda a outras expectativas, como o aumento da lucratividade do empresário, a agregação de novos funcionários junto ao sindicato e, em particular sob a perspectiva do governo, é uma estratégia para melhorar os índices de leitura na população brasileira. Nesse sentido, a biblioteca na fábrica é a soma e a simultânea pluralidade de interesses de diversos sujeitos sociais inseridos em suas próprias redes de atuação política, econômica e social.

Aumentar as formas de acesso ao livro permitiu que alguns trabalhadores descobrissem novos interesses a partir da leitura, fato que, mesmo sendo apresentado como objetivo geral dos investidores desse projeto, andou lado a lado com a disposição individual de cada operário. Enquanto alguns desbravaram outras áreas de conhecimento engessadas em sua rotina laboral, outros passaram indiferentes pela instalação dessas bibliotecas.

A questão "o que o trabalhador lê?" não foi completamente respondida, pois me inseri na leitura da classe trabalhadora dentre os livros oferecidos por algumas empresas e declarados por um pequeno número de trabalhadores. Todavia, notei escolhas de livros que proporcionam leituras individuais e vinculadas a experiências pessoais e não coletivas e quase nunca atemáticas ligadas à classe trabalhadora. A tentativa de responder essa pergunta permitiu a percepção de uma nova visão sobre as relações sociais que acontecem dentro dos muros das fábricas. Os trabalhadores leem inseridos em interesses que atendem suas expectativas individuais, distantes de temáticas relacionadas ao universo coletivo do trabalho.

Na história da leitura, muitos títulos foram proibidos por apresentarem conteúdo subversivos que contestavam o sistema político em vigor. De acordo com Abreu (1999):

A leitura (e o acesso à instrução escolar) faria perceber as desigualdades, gerando descontentamento e insubordinações. Uma vez que os pobres deveriam permanecer pobres, seria melhor que não se alimentassem ideias que os fizessem desejar alterar seu estado. A vontade de manter a ordem estabelecida, silenciando desejos de transformação, esteve na base de muitos anos de perseguição de livros e autores bem como de interdição de leituras (ABREU, 1999, p. 14).

Ao contrário do que acontece nesse momento da história, em que o governo deixa de proibir e passa a incentivar a leitura de livros, desde que o conteúdo seja controlado, pelo próprio governo, pela empresa ou pelo sindicato. As desigualdades sociais não são translúcidas aos trabalhadores. Ainda, baseado somente nos títulos averiguados nesta

pesquisa, a classe operária não irá se insubordinar. Pelo contrário, aprimorar-se-á em benefício do governo, do empresário e do sindicato.

Espero que a presente pesquisa proporcione instrumentos que possibilitem novas questões sobre a fruição dos hábitos de leitura em determinadas parcelas da sociedade, assim como a utilização de políticas de leitura voltadas para atingir interesses diversos e, principalmente, sobre aspectos socioculturais da classe trabalhadora.

Bibliografia

- ABRAMO, Laís. O resgate da dignidade: greve metalúrgica e subjetividade operária. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.
- ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1999.
- BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura São Paulo: Ática, 1978.
- BERNARDO, João. A economia dos conflitos sociais. São Paulo: Cortez, 1991.
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano, artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1998
- CERVANTES, Miguel de. O engenhoso cavaleiro D. Quixote de la Mancha: segundo livro. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.
- CEVASCO, Maria Elisa. Para ler Raymond Williams. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. Dez lições sobre estudos culturais. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- _____. Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COULAGEON, Phillipe. Sociologia das práticas culturais. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2014.
- DARNTON, Robert. A questão dos livros. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DIADEMA. Lei Municipal n. 2972, de 09 de maio de 2010. Sobre a criação de Programa de Incentivo à leitura nas fábricas de Diadema e dá providências correlatas a matéria. Diadema, 2010.
- ECO, Umberto. Não contem com o fim do livro. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 45. Ed. São Paulo (SP): Cortez Editora, 2003.
- GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. Direito e Democracia: entre facticidade e validade. 2. ed. Rio de Janeiro (RJ): Tempo Brasileiro 2003.
- HOGGART, Richard. *La cultura obrera en la sociedad de massas*. Buenos Aires: SigloVeintiuno Editores, 2013.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. RETRATOS da leitura no Brasil. São Paulo (SP): Imprensa.
- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 19. ed. São Paulo (SP): Brasiliense, 2003.
- MATOS, Marcelo. Trabalhadores e sindicato no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MUNAKATA, K. 1980. “O lugar do movimento operário”, In: VITORINO, Artur. Notas sobre a teoria da formação de classe de E. P. Thompson. *Revista História Social*, Campinas n 4/5, 1997/1998.

NEGRO, Antonio. Linhas de montagem. o industrialismo nacional-desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores, 1945-1978. São Paulo: Boitempo, 2004.

NOBRE; TAVARES. Leitura nas fábricas. São Paulo: Departamento de Imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 2011.

PETIT, Michèle. A arte de ler, ou, como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

PLANO Nacional do Livro e Leitura: PNLL. Brasília: Ministério da Educação; Ministério da Cultura, 2010.

PINTO, Geraldo Augusto. A organização do trabalho no século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RAMOS, Paulo. A leitura dos quadrinhos. São Paulo: Contexto, 2010.

Oficial do Estado; Instituto Pró-Livro, 2016.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa* (vol. I). São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TOMIZAKI, Kimi. Ser metalúrgico no ABC: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores. São Paulo: Unicamp; Ed. Arte Escrita, 2007.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e sociedade, 1780-1950. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

YUDICE, George. A conveniência da cultura na era global. Belo Horizonte (MG): UFMG, 2004.

ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. A leitura rarefeita. São Paulo: Editora Ática, 2001.

_____. A formação da leitura no Brasil Editora Ática, 2012.

Trabalhos acadêmicos (dissertação)

BOSCO, Marcos Ângelo. Sucessos que não ocorrem por acaso: literaturas de autoajuda. 2001. 101 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GALVÃO, Andreia. Participação e fragmentação: a prática sindical dos metalúrgicos do ABC nos anos 90. 1996. 160 f. Dissertação (mestrado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

OLIVEIRA, Taiguara Belo. A teoria dos gestores e o marxismo das relações sociais em João Bernardo. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Anais de congressos

BEVERARI, Rafael Fermino. Circuitos da microeletrônica: gestão da informação, controle dos trabalhadores In: Colóquio Internacional Marx e Engels, VII, 2012, Campinas, Anais, Campinas, Vol. 1, n. 1, 2012, p. 1-10.

LEWGOY, Bernardo. Estilos de vida e modelos de construção de pessoa na recente literatura evangélica In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, XXIX, 2005, Caxambu, Anais, São Paulo, Anpocs, 2005, p. 2-17.

Periódico

LINDOSO, Felipe. Panorama do setor editorial brasileiro. Revista observatório Itaú Cultura - n.17 (ago/dez. 2014) - São Paulo: Itaú Cultural, 2014.

ROSA, Flávia. Histórico das políticas públicas de incentivo à leitura no Brasil. In: Revista Observatório Itaú Cultural - N 17 (ago/dez 2014). - São Paulo: Itaú Cultural 2007-.

VITORINO, Artur. Notas sobre a teoria da formação de classe de E. P. Thompson. *Revista História Social*, Campinas n 4/5, 1997/1998.

Periódico eletrônico

LEWGOY, Bernardo. A antropologia pós-moderna e a produção literária espírita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 87-113, jun. 1998.

POLESE, Pablo. *Controlar os trabalhadores (I) A fusão entre trabalho, lazer e vigilância*. Passa a palavra, 2016. Disponível em: <<http://www.passapalavra.info/2016/05/108295#more-108295>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

Anexo1

Questionário – Usuários das bibliotecas:

- 1) Idade, bairro e cidade onde mora,
- 2) Há quanto tempo trabalha na empresa?
- 3) Qual o seu cargo/função na empresa? Para entrar foi necessário algum pré-requisito (indicação, escolar ou profissional)?
- 4) Descreva sua rotina no trabalho (especificar ambiente, atividade).
- 5) O que o atraiu para frequentar a biblioteca na empresa?
- 6) Costumava ler antes de a biblioteca vir para a fábrica?
- 7) Qual o tipo de livro você tem interesse? Você encontra esses livros na biblioteca da empresa?
- 8) Como você escolhe seus livros?
- 9) Quais os lugares que você costuma ler?
- 10) A leitura de livros fez com que você começasse a procurar novos autores?
- 11) Costuma pedir indicação de livros para colegas ou para a bibliotecária / agente de leitura?
- 12) Qual sua escolaridade?
- 13) Estuda no momento? Se sim, o que e onde?
- 14) Qual a escolaridade dos seus pais? Eles estimularam o hábito de leitura em casa?
- 15) Você costuma levar o hábito de leitura para sua família?
- 16) Frequenta ou começou a frequentar outros espaços de leitura após as ações da biblioteca da fábrica?
- 17) Qual o seu lazer quando não está trabalhando? Frequenta teatro, cinema, auditórios musicais?

Anexo 2

Questionário para funcionários não utilizadores da biblioteca

- 1) Idade, bairro e cidade onde mora,
- 2) Há quanto tempo trabalha na empresa?
- 3) Qual o seu cargo/função na empresa? Para entrar foi necessário algum pré-requisito (escolar ou profissional)?
- 4) Descreva sua rotina no trabalho (especificar ambiente, atividade).
- 5) Possui hábito de leitura? Se não, por que?
- 6) Quais as maneiras que você tem de acesso ao livro? (Compra em livrarias, livros online, frequentando outras bibliotecas).
- 7) Qual o tipo de livro você tem interesse? Como você escolhe seus livros?
- 8) Sabe da existência de uma biblioteca dentro da empresa que trabalha?
- 9) Se sim, por qual (quais) motivo(s) não a frequenta? (quais elementos não são atrativos)
- 10) Qual sua escolaridade?
- 11) Estuda no momento? Se sim, o que e onde?
- 12) Qual a escolaridade dos seus pais? Eles estimularam o hábito de leitura em casa?
- 13) Você costuma levar o hábito de leitura para sua família?
- 14) Qual o seu lazer quando não está trabalhando? Frequenta teatro, cinema, auditórios musicais?
- 15) Você é sindicalizado? Há quanto tempo?